



VROOOM

Jaime A. Lerner

VROOOM

JAIME A. LERNER

VROOOM

© 2020 Jaime A. Lerner.

Registro na FBN 735402

ÍNDICE

Prefácio.....4

Primeira Parte6

Segunda Parte.....105

Sobre o Autor.....164

PREFÁCIO

No mês de abril do ano de 1990, foi posto em órbita o telescópio Hubble, primeiro artefato ótico a absorver a luz do espaço sem o filtro da atmosfera da Terra. O telescópio foi projetado nos anos 40 e construído nos anos 70 e 80 do século XX com o objetivo de analisar a composição de corpos celestes, observar a estrutura de estrelas e galáxias e pesquisar a história da criação e da evolução do Universo. Ao mesmo tempo que ele era lançado, outro projeto, mais modesto e *terreno*, tomava forma. Batizado de Gênese, um programa de computador era alimentado com todas as histórias, lendas, mitos, ditados, músicas, desenhos, esculturas e artesanato recolhidos ao redor do planeta. A ideia era identificar pontos em comum das várias expressões humanas para aprofundar o estudo do mundo primitivo e seu imaginário e, ainda, corroborar ou questionar teses sobre separações geológicas e migrações antigas, bem como descobrir se havia um denominador comum na História da Civilização.

Gênese identificou os pontos semelhantes, os pontos diversos e os contrapontos e a partir daí elaborou um código de significados que foi aplicado a todas as obras. Essa aplicação do código, evidentemente, causou uma releitura em todas elas. Para surpresa do grupo de pesquisadores, 47% dessas releituras contavam uma única história, uma história que nunca fora narrada antes. Ela estava presente, embora cifrada, entre expressões dos mais distintos lugares, culturas e épocas. O programa desvelou, feito uma escavação arqueológica, feito a estrutura dos corpos celestes que Hubble tinha como missão estudar, algo que permanecera oculto por toda a história da civilização e que deixou estarecido o quadro de cientistas que tiveram acesso aos resultados.

Gênese foi interrompido e suas conclusões arquivadas. O que teria causado tamanho terror em pesquisadores que, por vocação, buscam sempre a verdade e a difusão do conhecimento? É uma boa pergunta. O fato é que, sem nenhum debate ou reflexão, os especialistas decidiram enterrar a descoberta

trazida à tona pelo projeto. No entanto, um dos deles discordou do veredito de seus colegas. Ele acreditava que essa história deveria vir à luz. Mais do que isso, acreditava que nenhum deles tinha o direito de tornar a ocultar uma revelação tão impactante. Não manifestou sua opinião para não acabar como Giordano Bruno, embora nessa época a fogueira já houvesse sido substituída pelo limbo, vulgo *geladeira*, onde o indivíduo fica hibernando num isolamento glacial até a morte. Apenas pirateou uma cópia e mandou-a anonimamente para um escritor não muito conhecido, para que publicasse a descoberta como pura ficção.

A única condição era manter o prefácio escrito por ele.

Este cientista sou eu.

Esta é a história de Vroom.

PRIMEIRA PARTE

I

Ele nasceu num daqueles dias que, séculos mais tarde, inspirariam vários relatos sobre o apocalipse. Lá fora, nuvens de chumbo tomaram de assalto a abóboda celeste tornando impossível saber se a noite havia substituído o dia, já que não havia nenhum relógio para marcar as horas. As águas que despencavam do céu castigavam a terra, trovões faziam eco aos estrondos de árvores ruindo e encostas deslizando. Relâmpagos iluminavam o caos por breves instantes, e o que se vislumbrava era mais aterrorizante do que o breu que reinava absoluto entre os clarões. A umidade do ar realçava o cheiro do medo. Medo que hoje chamamos de atávico e que, naqueles dias distantes, se inseria no código genético de uma espécie inteira.

O medo recolheu toda a pequena tribo para dentro da caverna, mas apesar da grande plateia presente foi o parto menos assistido, pois a atenção de todos se fixava na tempestade impiedosa. A parturiente gemia enquanto o vento uivava num dueto de arrepiar. Gemia pelas dores do parto, pelo abandono, pela aflição dos dentes batendo em volta, pelo mistério das forças que arremessavam chuvas e trovoadas contra a rocha que os abrigava. No meio de toda a balbúrdia, ninguém ouviu o choro inaugural cuja sonoridade determinava o nome de quem nascia na tribo. Por isso, ele foi chamado de Vrooom, mistura de vento e trovão, como o som da tempestade que abafou seu pranto quando foi expelido da caverna uterina e vislumbrou o mundo pela primeira vez.

O fato é que Vrooom, que nem Vrooom era ainda, pois só se ocupariam de dar-lhe um nome no dia seguinte, nasceu no meio de uma tribo em pânico. E não fosse o conforto de um mamilo deleitoso, que encontrou seus lábios logo após o cordão ter sido cortado a dentadas pela própria mãe extenuada, a carga traumática das circunstâncias de seu nascimento teria lhe marcado de maneira mais profunda, embora a

teoria sobre esses assuntos estivesse mais distante de existir, naqueles tempos, do que o próprio relógio que não estava ali para marcar as horas, separar o dia da noite e registrar o momento preciso do nascimento de Vroom.

II

Vroom foi injustiçado por essa falta de registro, pois o destino lhe reservara um papel na história da humanidade, expressivamente, mais significativo do que muitos homens e mulheres que dão nomes a ruas e praças e figuram em livros de estudos. Porém, o rebento não sofreu pela injustiça, pois não há como sofrer por uma injustiça sem ter dela conhecimento e não havia como ter conhecimento de que um dia surgiriam ruas, praças e livros que não registrariam seu nome.

Vroom, no entanto, padeceu de outro tipo de sofrimento e esse, muito provavelmente, teve grande importância no papel que desempenharia, mais tarde, no desvio dramático do curso da história *homosapiense*. A maioria dos recém-nascidos vinha ao mundo em partos assistidos apenas por mulheres e algumas crianças mais velhas que auxiliavam a parturiente. Os bebês que nasciam à noite, quando a tribo toda estava recolhida, nasciam em meio a roncos e sonhos, de maneira que esses partos eram quase tão tranquilos como os outros. Logo após o nascimento, o próprio bebê determinava seu nome, pois esse provinha do primeiro som emitido pelo mesmo, som que causava risadas e brincadeiras entre as mulheres presentes. As condições do nascimento de Vroom, conforme relatado, foram diferentes. Ele nem sabia disso, não fosse o fato de o chamarem de maneira tão distinta dos demais. Numa tribo de Nhiéés, Buáaas, Iãihhs, Muóas, nomes com vogais abundantes, pronunciados com a boca escancarada, Vroom se sentia diferente. Essa ignorância só servia para acentuar ainda mais a estranheza que sentia em relação aos demais. A verdade é que o nome era apenas um símbolo dessa diferença, um elemento concreto que Vroom podia reconhecer. A essência real do que distinguia o menino do resto da tribo

residia numa questão bem distinta, de ordem interior, da qual ele se daria conta apenas anos mais tarde e não cabe aqui atrelarmos a carroça na frente dos bois, já que nem a primeira, nem os segundos, estavam disponíveis naqueles tempos.

III

Vrooom, conforme já sabido, nasceu em meio à tempestade, daquelas que escurecem o dia e empalidecem a noite.

O amanhecer, no entanto, trouxe o sol e com ele o canto dos pássaros e mais tarde os sons de vários outros seres que voltavam a firmar seu pacto com a vida após uma noite de terror. Os homens, encorajados pela algazarra, saíram cedo para sua tarefa: buscar alimentos. As mulheres foram esticando seus membros com languidez antes de se levantarem e encararem mais um dia. A tempestade era agora mais uma provação vencida. Mueá, ao acordar e ver o menino vivo aconchegado ao seu peito, lembrou-se do que ocorrera na noite passada. A dor que sentiu no meio das pernas tornou mais viva a memória, e ela ergueu o bebê e exibiu-o às outras que o olharam admiradas. De onde surgiu o filhote? Mueá riu. Riu de contentamento, riu debochando da ignorância delas e do medo que tomou conta da tribo durante a tormenta, a ponto de nem terem notado que ela parira sua primeira cria. Vrooom – fez ela, imitando os trovões e sacudindo uma das mãos, deixando o pulso livre para representar o vento. As mulheres logo a cercaram e encheram seu bebê de mimos, perguntando à mãe felizarda, com aquela linguagem peculiar da época em que se falava pouco e se dizia muito com gestos e olhares, qual o nome do bebê. Foi nesse instante que Mueá parou de rir e adornou-se com uma expressão de desamparo. No meio da confusão e dor, nem tinha atentado para o primeiro choro de seu filho. Uma delas, para socorrê-la, sugeriu o som da tempestade. Vrooom foi então batizado com aquele nome estranho, momento acompanhado por tapinhas nas nádegas, dedos beliscando os braços e narizes fungando o pescoço do bebê. Modesto que era, logo

se sentiu incomodado com tamanha atenção e buscou abrigo no peito da mãe que, ao contrário dele, curtia a atenção das outras mulheres. Assim como ele, ela sobrevivera à tempestade e ao parto na mesma ocasião, duas façanhas impressionantes naqueles tempos remotos. Mueá havia gerado vida, pela primeira vez, e entrava num clube seletivo, algo próximo da divindade. Mal podia esperar que a tarde chegasse, e os homens, famintos e excitados, entrassem na caverna e se deparassem com o mais novo membro da tribo, saído de suas entranhas, parido sob um céu de tormenta e fogo.

IV

Nos dias que se seguiram, Vrooom foi introduzido à rotina do convívio social: era obrigado a disputar as tetas da sua mãe com outros rebentos. Havia, naquele momento, uma dezena de pequenos bebês habitando a caverna e cerca de três mulheres que amamentavam. Vrooom, que tinha apenas poucos dias, era o único que ficava exclusivamente ligado à mãe, ainda deitada na maior parte do tempo, recuperando-se do parto. As outras mulheres que tinham filhos de poucos meses largavam-nos em volta de Mueá, e esses só queriam sugar-lhe os mamilos. Outras crianças pequenas, que já se locomoviam de forma independente, também sentiam o cheiro do leite e a cercavam. Mueá gostava do frenesi em volta de seu peito; porém, quando virava tumulto, ela abanava a todos com gritos, grunhidos e tapas distribuídos sem distinção de tamanho, gênero ou idade, com exceção, é claro, da criatura minúscula que crescia nutrida pelo seu leite. Mas isto não significa que o menino, protegido pelos braços da mãe, estivesse tranquilo. A competição era constante e ele, que era o mais novo, muitas vezes se via arrancado da fonte de prazer muito antes de estar saciado. Meses depois, participaria, junto com outros pimpolhos, de incursões aos mamilos de outras mulheres, afastando com seus bracinhos o recém-nascido mais fraco, conforme o hábito e costume daquela tribo.

Nos finais da tarde, os homens voltavam e enchiam a caverna com um ar de excitação, exibindo a caça e narrando suas aventuras, trazendo um eco do que acontecia lá fora, muito além do abrigo. Após o primeiro momento, no qual tudo girava em torno dos animais abatidos, das peripécias da caça e dos frutos trazidos para a caverna, a atenção se voltava às mulheres grávidas ou as que recém pariram. Se um antropólogo estivesse presente certamente descreveria essa atividade como uma cerimônia de adoração, uma espécie de culto a divindades ali presentes em carne e osso. Os homens cercavam as mulheres com olhares de respeito e admiração, baixavam seus grunhidos a tons mais amenos e ofereciam uma fruta, um ramo de folhas, algo de valor recolhido naquele dia. Para Mueá, assim como para as outras mulheres da tribo, essa era a parte preferida do dia. Nesses momentos, esquecia-se do seu querido filho, gerador do status que trazia toda essa atenção, e entregava-se a pensamentos sobre engravidar novamente. Sabia que em breve as regalias da maternidade se extinguiriam e ela voltaria a ser uma mulher normal até que tornasse a parir. Não pretendia ficar muito tempo sem o adorável tratamento especial.

Após o ritual de veneração pelas geradoras de vida, todos se colocavam a serviço de preparar o jantar, avivando o fogo, esfolando bichos, trazendo água. Só estavam livres dessas tarefas as parturientes, os homens lesionados e os bebês. Depois se serviam da carne de acordo com o código de importância de cada um. As crianças eram as últimas. Em volta do fogo, enquanto comiam, instalava-se mais uma rodada de relatos das aventuras do dia e, por fim, antes de irem dormir, as mulheres escolhiam seus pares para a noite.

Desde muito cedo, Vroom aprendeu quais eram as duas coisas mais importantes para se manter vivo. A primeira era um bom par de pernas. Ser veloz era essencial naqueles tempos, mesmo para as crianças e mulheres que estavam, em princípio, a salvo no abrigo das cavernas. Correr, pular, escalar rapidamente

eram habilidades vitais, pois volta e meia a caverna poderia ser visitada por uma fera, um enxame de abelhas, um deslizamento de terra e mais um leque completo de perigos e ameaças. Embora não conhecesse a expressão *sempre alerta*, que mais tarde seria o notório lema dos escoteiros, o menino sabia que essa era a outra grande regra do manual de sobrevivência. De nada adiantaria correr bem se fosse pego de surpresa. E mesmo brincando, mesmo desfrutando um delicioso jantar na companhia da tribo em volta do fogo aconchegante, mesmo dormindo cercado pelos corpos de seus companheiros; ouvidos, narinas e olhos estavam sempre atentos a qualquer ameaça que pudesse se aproximar.

A primeira lei da natureza era sobreviver. Para sobreviver, era preciso comer. Vrooom aprendeu que o mundo estava repleto de seres que o encaravam como comida. Nesse baile, o mais fraco, era o primeiro a dançar. Aprendeu que o medo fazia parte da vida e se esgueirava como uma sombra nas atividades mais prazerosas como dormir, brincar, comer e, mais tarde, copular. Essa lição foi ensinada pelos fatos cruéis e elucidativos que se desenrolaram à sua frente, já nos primeiros anos de infância.

V

Vrooom tinha quatro anos. Brincava com seu grande amigo Ouhoé a poucos metros da entrada da caverna. Sentiam a carícia aveludada do sol em suas peles enquanto corriam de lá para cá, absortos em uma das brincadeiras preferidas daqueles tempos, atirar fezes um no outro. A munição podia ser de produção própria ou de terceiros, não faltavam excrementos sobre o solo. Era um divertimento didático, um treinamento para o arremesso de pedras contra futuros predadores e alvos de caça. Sem o perigo de se machucarem, praticavam pontaria no jogo que, milênios mais tarde, ganharia o nome de *paintball*. Atiravam e se esquivavam, sem nunca parar de correr, entre gritos e gargalhadas, quando um vulto enorme passou por Vrooom e, numa velocidade espantosa, agarrou Ouhoé pelo cangote, sumindo com o garoto e sua alegria contagiante, sua risada marota que ainda ecoava entre as árvores. Vrooom,

arrepiado, apenas ouviu o estalido do pescoço se quebrando e, mesmo não sendo médico ou anatomista, sabia que seu amigo estava morto e logo seria devorado pela fera maldita em alguma toca ou abrigo. Ficou ali parado, olhando o rastro de Ouhoé com uma dor que o deixou apatetado, quando o certo seria correr e se esconder. Olhou fixamente para os excrementos largados no chão pelo amigo, como se esperasse que ele voltasse para arremessá-los e disparasse rindo em direção à caverna, tendo Vrooom em seu encalço. Mas ele não voltou. Deixou-o sozinho a enlutar-se por ele, um luto de paralisia, de incredulidade, de contemplação de um mundo cruel que começava a se revelar naquele instante.

Vrooom foi sacudido pelos berros desesperados da mãe de Ouhoé quando essa saiu da caverna e entendeu o que houve. Logo se somaram os gritos das outras mulheres que a acudiam e, ao mesmo tempo, se lamentavam em ganidos agudos, última homenagem ao menino desaparecido. Os gritos que cortavam o ar eram gritos de dor, de lamento, de solidariedade, mas nunca de indignação. Mesmo a Vrooom, que ficara ali parado, não acreditando no que havia presenciado, não ocorreu enfurecer-se, protestar contra o desaparecimento prematuro do seu querido amigo que nunca fizera mal a ninguém. Não havia, entre os membros da tribo, a sensação da injustiça do destino. Não lhes ocorria que acontecimentos seguiam um desígnio pré-elaborado, muito menos que houvesse uma força maior controlando todos os seres e todas as ações, premiando ou punindo-os de acordo com um código de conduta. Tinham consciência de que havia forças maiores trafegando em sua volta. Não precisava estar num estágio avançado de evolução para percebê-las. Bastava ter sobrevivido à tempestade que providenciou os efeitos de luz e som no nascimento de Vrooom; bastava olhar o milagre da vida brotando de um ventre, aquecer-se ao sol, contemplar o brilho de seus raios refletidos em um córrego. Mas daí a achar que deveriam portar-se de uma maneira ou outra para serem favorecidos ou poupados por uma dessas forças, a distância era enorme. Não haviam iniciado a eterna barganha entre Deus e a

espécie humana, fartamente praticada em séculos posteriores e devidamente registrada em livros sagrados ou cadernos de contabilidade.

Naquela manhã ensolarada, o menino Vrooom fora introduzido à sensação de perda, que o acompanharia pelo resto de seus dias; e ao alívio, após o choque inicial, de não ter sido ele a vítima da fera que nem teve tempo de reconhecer. Sobreviver era a lei maior, inscrita em cada pulsação de sangue, em cada músculo retesado, em cada passo dado. Algo que não mudou até os dias de hoje.

VI

Pouco depois da morte do amigo Ouhoé, Mueá caiu doente. Àquela altura, Vrooom não lembrava mais que ela era sua mãe. Após as primeiras semanas de amamentação, o bebê era desligado de uma relação exclusiva com a mulher que o trouxera ao mundo e sua criação ficava a cargo da tribo. Mueá sabia que Vrooom era seu filho, havia sido o primeiro a abrir caminho para uma linhagem de mais três rebentos, mas isso não suscitava nela nenhum sentimento especial. Ela havia cumprido sua função de colocá-lo no mundo, ele havia cumprido sua função de elevá-la ao status de mãe e, depois dele, outros três bebês apareceram e exigiram sua atenção e agora estava esperando por mais um filho quando as pernas lhe faltaram e ela não conseguiu levantar. As outras mulheres vieram em seu auxílio e lhe trouxeram algo para comer. Depois, afastaram-na do fogo quando notaram que sua pele estava quente e o rosto vermelho. Voltaram a aproximá-la quando tremeu de frio. Vrooom sentiu um incômodo. Não era o primeiro caso de doença que presenciava na tribo, mas era a primeira vez que se deparava com essa situação numa idade em que já tinha condições de observar certas coisas. Entendia perigos que podia enxergar, cheirar ou ouvir; inimigos palpáveis de quem dava para correr, esconder-se ou defender-se. Entendia o que era um raio, um incêndio, uma pedra rolando, um animal faminto. Não compreendia como alguém podia ir dormir e não conseguir levantar-se no dia seguinte, sem ter sido atacado por

alguma criatura que deixasse arranhões, hematomas ou marcas de dentada. Como prevenir-se, como ficar alerta para algo intangível, algo que era impossível compreender? O menino permaneceu ali, imóvel, observando Mueá. Se o nosso antropólogo imaginário, transportado de outras épocas, estivesse presente, indicaria que o menino estava velando sua mãe, provando os laços estreitos que a natureza cria entre mãe e filho, mesmo em uma sociedade coletiva. Estaria errado. Vroom simplesmente buscava alguma pista, alguma fagulha de compreensão do que estava acontecendo, um vislumbre do inimigo oculto. Podia ver que o corpo doente ardia, como após uma picada de escorpião ou de cobra, mas não havia marca que identificasse o ocorrido. As mulheres tentavam afastá-lo para que não incomodasse a enferma, mas ele saía e em seguida voltava, reaproximando-se devagar. Depois de duas ou três tentativas, deixaram-no em paz. Ele permaneceu sentado, registrando o sofrimento estampado no rosto dela em cada momento, os breves instantes de pausa quando conseguia dormir, a perturbação que a doença trazia mesmo no sono. Obstinado, acompanhou a luta de Mueá contra o inimigo invisível durante os dois dias em que padeceu, antes de conseguir se levantar novamente. Observou a melhora, quando ela finalmente voltou a carregar sua barriga de um lado para outro da caverna, como quem ostenta um posto elevado na hierarquia social. Todo esse processo entupiu a cabeça de Vroom de perguntas, mas não havia a quem indagá-las e, pior, se houvesse, não saberia formulá-las. Isso o deixou ansioso. Andava irrequieto, matutando sobre suas observações. O mistério aumentou após sete dias quando Mueá teve uma recaída e novamente despencou em seu leito e agonizou por mais uma semana. Não conseguia comer, mal conseguia sorver algum líquido e sua pele corada pela febre começou a acinzentar. Novamente, Vroom grudou-se ao lado da enferma, notando fluídos estranhos saindo de seu nariz e dos olhos, e uma tosse rouca, cavernosa, que fazia seu peito tremer. Sabia que estava observando um corpo que lutava para viver, alguém que fora atacado e exibia estranhas feridas. Só não conseguia identificar o agressor. A invisibilidade do inimigo marcou o menino profundamente.

Naquela noite, seu sono fervilhara de imagens. Acordava suando frio e olhando ao redor, não sabendo se as sombras tremulantes que dançavam nas paredes eram parte de seu sono ou eram o desenho pintado pelo fogo. Embalado pelo concerto de roncões, voltava a dormir e as imagens voltavam a assaltá-lo com uma intensidade poderosa. Mueá e Ouhoé apareciam de várias maneiras tentando mostrar alguma coisa, mas, no momento da revelação, algo acontecia e eles saíam correndo, trazendo em seu encalço uma colagem de perigos e ameaças. Vrooom fugia dos perigos e corria atrás da mãe e do amigo para que não o abandonassem sem contar-lhe o que ele necessitava saber. Despertou exausto, confuso. Parecia que um vespeiro dançava dentro da sua cabeça. Movido por uma inspiração repentina, pegou um graveto e queimou sua ponta no fogo. Aproximou-se de uma das paredes e fez inúmeros desenhos perante a uma tribo boquiaberta. Algumas dessas imagens representavam Mueá – a mulher que o trouxera ao mundo e que não estava mais com vida naquela manhã.

VII

Mueá havia atingido um alto nível dentro do status social da pequena tribo por ter parido quatro filhos num curto espaço de tempo. Sobreviver, naqueles dias, era a lei número um. Uma lei que não era escrita nem transmitida, todos nasciam com esse conhecimento. O grande aprendizado consistia em como fazê-lo. Viver em grupo era uma dessas maneiras. A comunidade se criou basicamente para que um indivíduo ajudasse o outro nessa luta pela sobrevivência. As divisões de tarefa, as regras, os códigos do convívio giravam em torno desse objetivo. Mas a vida em comunidade ampliou o sentido dessa lei primordial. A sobrevivência da espécie tornou-se tão ou mais importante do que a luta de cada um. Cada filho que nascia era um elo de força que se somava à corrente dessa luta. E cada mulher que paria vivia a glória de ter a admiração da tribo, assim como admiravam o caçador ágil que trazia comida para a caverna. Mas no caso da parturiente havia um elemento a mais: o mistério. Como surgia a vida na barriga de uma

mulher? Como essa vida crescia lá dentro até a hora de se revelar? Por isso, tão logo uma fêmea exibisse um ventre arredondado, escalava um patamar no conceito da tribo. Como ninguém nunca viu um homem engravidar, as mulheres gozavam de posição privilegiada. Naturalmente, determinou-se que os machos saíam para providenciar comida e as mulheres ficavam no abrigo, cuidando das crianças e do fogo. Mueá, que havia parido quatro filhos saudáveis e estava à espera do quinto, era tratada como uma deusa. Os caçadores se desdobravam em homenagens, trazendo-lhe os mais galantes presentes, para que ela os escolhesse no final do dia para copular, colocando-se de quatro com o traseiro empinado na frente do felizardo. Mueá, não fosse pela morte prematura, teria ascendido ainda mais, talvez chegasse à linha de frente das líderes da tribo, caso tivesse a sorte de parir gêmeos. Com a fertilidade que demonstrava, poderia vislumbrar um futuro promissor, embora a noção de passado, presente e futuro fosse um tanto distinta dos dias de hoje, como a visão dos dias de hoje será distinta dos dias futuros.

Pelo seu status na tribo, Mueá certamente merecia uma despedida à altura. Naqueles tempos, os mortos não eram enterrados, nem cremados ou mumificados. Não se praticava nenhum ritual que demonstrasse alguma consideração com a morte. A maioria dos homens morria em ação, ou seja, perambulando atrás de comida, virando eles próprios alimento de outro animal. *Dia da caça, outro do caçador*, diriam seus colegas se usassem esses termos para se manifestar, mas esse e outros ditados ainda estavam longe de ser inventados, assim como a linguagem que juntava as palavras para cunhar os termos. Se alguém fosse ferido e não conseguisse fazer o caminho de volta, era deixado para trás e quem, como Mueá, morresse na caverna, ficava em seu leito até o odor se pronunciar e então era colocado fora, servindo de alimento para outros seres. Embora vivessem fugindo da morte e dela tivessem o medo dos medos, uma vez que ela escolhesse sua vítima, ninguém lhe prestava homenagem, ninguém fazia dela um assunto. Seria uma ocupação um tanto improdutiva e, ao contrário de outras atividades improdutivas, nada divertida. De alguma forma, os desenhos feitos por Vrooom foram um ritual de despedida, mesmo que ele não tivesse

noção, quando os fez, de que a musa de seus rabiscos já não vivia mais. Estava deitada sorridente em seu leito, sustentando ainda, por poucos instantes, a pequena vida que crescia dentro dela.

O arroubo repentino de Vrooom gerou uma febre na comunidade. Daquele dia em diante, muitos tentaram sua sorte com desenhos na parede, buscando imitar o ato pioneiro do menino. Os desenhos viraram peça importante no relato dos homens quando voltavam à caverna no final da tarde, após um dia de caça e coleta. Novas ferramentas e técnicas eram experimentadas e uma grande excitação acometia a todos a cada avanço na reprodução de imagens nas paredes internas da rocha. Um painel de desenhos era dedicado aos falecidos, cada vez que alguém se despedia da vida dentro da caverna, principalmente se fosse uma mulher de alto status, ou seja, uma mãe de muitos filhos. No entanto, o corpo seguia sendo jogado fora, sem nenhuma cerimônia.

Vrooom, o inventor do ritual, o menino que deixou a todos boquiabertos, não obteve nenhuma regalia por sua invenção. Seu pioneirismo foi obscurecido pelo impacto dos desenhos. Nos primeiros dias, as pessoas tocavam as imagens na pedra com um misto de curiosidade e respeito. Logo perceberam que o contato borrava ou mesmo apagava o desenho. Uma proibição de tocar nas obras foi adotada, mesmo sem ter sido emitida, proibição que perdura até os dias de hoje em todos os museus e galerias de arte do planeta. Após um período de admiração, todos foram acometidos pela vontade de desenhar e uma ordem foi estabelecida indicando prioridades e delimitando os espaços nas paredes da caverna. As crianças estavam na base da pirâmide do status tribal, e o desenho acabou tornando-se atividade exclusiva dos adultos. Vrooom não se importava. Fez os desenhos num arroubo, numa manhã confusa após uma noite de pesadelos e se contentava em ver as imagens sendo feitas por outros. Olhava aquelas figuras maravilhado, como se não fosse ele o precursor dessa atividade artística. Gostaria de poder desenhar?

Gostaria, como todas as outras crianças. Mas não se ressentia por não poder fazê-lo. Naquela época estava começando a enfrentar problemas de ordem bem distinta e tinha mais com que se preocupar.

VII

Embora vivesse nos primórdios do que chamamos civilização, a tribo tinha um sistema social bastante definido. Alguns estudiosos não hesitariam em defini-lo como matriarcal; outros definiriam como sociedade comunista primitiva. Nós não estamos preocupados com classificações. A nós, cabe contar uma história, a história da descoberta que mais profundamente alterou os rumos da humanidade e, portanto, evitaremos discutir termos ou colocar carimbos na vida das pessoas, vida que se desenvolvia sem teorias ou doutrinas pré-estabelecidas. O fato é que as mulheres eram responsáveis pela vida interna da tribo, enquanto os homens respondiam pela tarefa de sair e voltar com comida. Até o falecimento de Mueá, Vrooom estava numa idade na qual poucos trabalhos eram exigidos e ele passava os dias brincando com meninos e meninas de seu tamanho, além de juntar gravetos, buscar água e catar frutas que já estavam no chão. Todos se sentiam como irmãos e o eram, de certa maneira, por serem filhos da mesma coletividade. Pouco depois da morte de Mueá, Vrooom entrou na idade em que meninos eram separados das meninas para iniciarem sua incursão pelo universo das tarefas masculinas.

Como inauguração dessa nova fase, Vrooom e outros cinco meninos foram encarregados de levar o corpo de Mueá para fora, algo que normalmente os homens faziam no caminho para a caça, não houvesse essa turma de garotos começando seu aprendizado. Os pequenos iriam com os adultos até o local onde deixariam sua carga e depois voltariam para a caverna. Não se dispensava os corpos nas proximidades da caverna para não atrair animais carniceiros, portanto havia uma boa caminhada pela frente. Vrooom não gostou nada da tarefa. O cadáver era pesado e não havia jeito de pegá-lo e carregá-lo entre os seis sem que a cabeça escorregasse, sem que uma perna ou braço escapasse e ficasse arrastando

pelo chão. Os adultos gritavam com eles, cutucavam-nos com as varas e, ao mesmo tempo, divertiam-se com a inépcia dos meninos. Quando o corpo lhes escapava e caía no chão, um ou outro caçador esbravejava e carregava a defunta em suas costas por uma pequena distância, para mostrar-lhes o quanto era fácil, a ponto de uma só pessoa conseguir executar. Em seguida, largava o cadáver e Vrooom e seus companheiros desajeitados tornavam a se incumbir da tarefa. Um incômodo começou a tomar conta do menino quando percebeu que estavam se afastando muito da caverna. A paisagem começou a mudar de maneira assustadora. O corpo, além de pesado, tinha um cheiro forte e atraiu a atenção de algumas aves pretas que os acompanharam, grasnando em sua volta e voando baixo. O garoto não conseguia aguçar seus sentidos e permanecer *sempre alerta*, pois tinha que se concentrar na carga que levava junto com os outros. Detestava o jeito rude com que os mais velhos os tratavam, mas, a partir de certo momento, essa se tornou a menor de suas preocupações. Pensava que todo esse caminho, jamais antes percorrido por ele ou por seus irmãos, teria que ser feito na volta, sem nenhum adulto a escoltá-los. Com esse pensamento, a companhia dos caçadores deixou de ser tão desagradável. Quanto mais avançavam, mais ele se preocupava.

Logo se embrenharam por um mato e, além dos pássaros, outros bichos terrestres, que Vrooom não conseguia distinguir, passaram a segui-los à distância, por trás de arbustos e árvores, fazendo grande alarido. O menino começou a suar e, além do medo, do peso da carga e do cheiro, o suor que escorria da testa começava a arder nos olhos. Fizeram uma pequena pausa. Nihhh, o grande caçador, orientou que deixassem o corpo no solo. Todos os homens o cercaram para evitar que fosse atacado, viraram-se de costas para ele e urinaram. Assim que terminaram, deram uma grande risada, sacudindo seus membros com grande animação e instruíram os meninos que o erguessem novamente, pois ainda havia caminho pela frente.

Vrooom não entendia como seus companheiros não sentiam o mesmo que ele ou, se sentiam, como não deixavam transparecer. Eram todos pequenos e frágeis para a missão incumbida, levavam bronca dos homens, inclusive dos jovens que recém integravam as expedições de caça. Aguentavam os gritos, os deboches e pareciam excitados com a incumbência, com a aventura de deixar a caverna e seus arredores e fazer parte de uma comitiva de caçadores, mesmo sendo a parte humilhada. Não demonstravam preocupação alguma com as grandes árvores que fechavam a mata, com os bichos que faziam imensa algazarra, preparando-se para o festim que logo iria iniciar, bastava os meninos ficarem sozinhos no seu caminho de volta. Nada disso parecia incomodar os outros garotos. Pela primeira vez, Vrooom se sentiu diferente, uma diferença muito mais forte que a estranheza de ter um nome esquisito; e matutou se havia algo de errado com ele.

Depois de mais um tempo de caminhada, chegaram a uma espécie de clareira onde havia um conjunto de pedras. Boa parte da comitiva já havia se dispersado e apenas poucos homens acompanhavam os meninos. Os garotos foram instruídos a colocar Mueá sobre a pedra maior. A rocha era alta demais e nenhum deles alcançava o topo. Nihhh pegou o corpo em seus braços fortes e, pela última vez, olhou a moça, olhou para seu ventre e a deitou ali. Depois levou os meninos até a beira de um rio e orientou que matassem a sede, mas que não entrassem na água. Enquanto se afastavam da rocha, Vrooom podia sentir os bichos se aproximarem do cadáver. Não quis olhar para trás para confirmar sua sensação. A água, correndo caudalosa, deixou-o encantado por alguns momentos. Conhecia apenas o córrego e o laguinho que ficavam bem perto da caverna. Nunca vira uma quantidade de água assim que trotava, feito um quadrúpede, arrastando pequenos galhos e folhas. Nihhh encorajou os meninos a chegarem mais perto, porém com cautela. Deitaram sobre as pedras que formavam a pequena praia e, esticando os braços, as mãos em forma de concha, serviram-se com avidez. Os adultos entraram no rio e, com a água até os joelhos, bebiam grandes quantidades. Vrooom esqueceu as suas preocupações. A sede saciada, a água no

rosto, o corpo esticado preguiçosamente e o sol aquecendo as costas somavam pequenos prazeres e, por um instante, entendeu a transformação que se operava nos homens ao se afastarem da caverna. Quanto mais distantes do abrigo, mais soltos eles se tornavam, mais brincalhões e alardeadores, como se o exterior e eles formassem uma confraria oculta dos que ficavam em casa. Naquele instante de relaxamento, Vrooom pôde vislumbrar o que havia de sedutor naquela vida.

A realidade, porém, mostrou mais uma vez como podiam ser ardilosos os momentos de relaxamento. Bastou Unhã debruçar-se um pouco mais, na tentativa de agarrar um peixinho que quase pulara em suas mãos, para uma pedra rolar, ele perder o equilíbrio e cair no rio. O menino se assustou e o susto selou seu destino. Ele se levantou rapidamente, a água mal chegava ao seu peito, ignorou os sinais que os adultos faziam para que permanecesse ali imóvel e tentou correr de volta para as pedras escorregadias que formavam o leito do rio. Tornou a cair, engolindo água. Assustado, começou a debater-se como um cego e, com isso, afastava-se cada vez mais da beira. Antes que Nihhh lograsse chegar até ele, Unhã sentiu o chão sumir por baixo dos pés e a água cercá-lo por completo. Uma força o puxava para baixo e outra, maior, arrastava-o para o centro do rio. Nihhh chegou o mais perto que pôde, mas era tarde demais. O menino já estava sendo levado pela correnteza em direção à mata. Como na maioria das tragédias, tudo aconteceu muito rápido, e Vrooom foi tomado pelo pânico. Engatinhou para trás, temendo fazer um movimento em falso, até estar bem longe da beira e conseguir, novamente, erguer-se sobre os pés. Os adultos estavam desolados. Formaram uma corrente para ajudar Nihhh a sair do local perigoso onde se encontrava e deixaram a água um tanto nervosos. Gesticulavam muito, gritavam uns com os outros, pondo fim à alegria que os cercara desde a saída, no amanhecer. Nihhh designou dois jovens para acompanhar as crianças de volta ao abrigo. Ele e os outros homens foram se afastando, molhados, esbravejando. Por um momento, Vrooom sentiu alívio por não precisarem encontrar,

sozinhos, o caminho de volta. Nihhh teria tomado essa decisão por causa do afogamento de Unhãã? Vrooom sentiu-se mal por estar aliviado com o desaparecimento do amigo.

Iniciaram o retorno, sendo instruídos por seus guias como procurar e colher frutos e raízes comestíveis. Esse foi mais um tormento para o menino que não sentia fome alguma, gostaria de percorrer o trajeto correndo, até sentir mais uma vez o cheiro úmido da caverna. Mas não era essa a intenção dos jovens que lideravam o pequeno grupo. Descontentes com a missão que lhes fora designada – acompanhar os fedelhos de volta e ainda ter de explicar a ausência de Unhãã para as matriarcas –, queriam prolongar ao máximo o tempo de permanência na mata, adiar o quanto fosse possível o momento do relato de como deixaram o menino perder a vida no rio. Se chegassem com uma grande quantidade de comida, talvez conseguissem amenizar o impacto da notícia. Não lhes ocorria que a permanência prolongada na mata aumentava as chances de serem atacados por alguma fera, e então as más notícias não se restringiriam ao sumiço de Unhãã. Vrooom, em contrapartida, só pensava nisso. Não com essas palavras, não com essa clareza de raciocínio, mas o pulsar do seu coração transmitia esta mensagem: voltar.

Pararam embaixo de uma árvore de enormes raízes. Os meninos haviam transformado as peles que usavam em volta da cintura em trouxas para carregarem sua colheita. Vrooom sentia-se literalmente no meio daquela floresta. Caminhava com as mãos ocupadas, o peso de seu fardo nas costas. Os dois rapazes mais velhos carregavam apenas as suas armas, um deles levava uma vara afiadíssima na ponta, o outro carregava uma espécie de clava. Embora houvessem se enchido de autoridade tão logo se viram no comando da expedição, Vrooom não sentia nenhuma segurança nessa escolta, como havia sentido no meio dos adultos. E mesmo os mais velhos falharam quando o perigo se apresentou, não foram capazes de evitar que um deles fosse devorado pela correnteza. Por isso, apurava olfato e ouvidos, olhava em todas as direções enquanto caminhavam. Ao menor sinal de ameaça, largaria as frutas e sairia correndo,

ou melhor, treparia num tronco, torcendo que este não servisse de abrigo para maribondos ou serpentes. Ao estacionarem à sombra da árvore, ele olhou com inveja alguns insetos que rastejavam por ali. Estavam seguros por seu insignificante tamanho, ninguém iria perturbar tão pouca carne. Com um breve movimento do pé, revolveu a terra por onde caminhavam em fila, causando um instante de caos na marcha organizada. Alguns insetos perderam a carga que levavam, pequenas folhas e pedaços de grama. Depois disso, alcançou para um dos jovens a fruta que este indicara com sua vara, pegou outra para si e sentou sobre a raiz. Dali podia distinguir os ruídos do rio, embora não houvesse como enxergar o leito. Ponderou se não havia perigo de serem atacados de surpresa pelas águas, mas nenhum dos “líderes” da expedição se mostrava preocupado com essa possibilidade. Vroom deu uma mordida na fruta e perscrutou com o olhar a mata na direção do barulho. Pareceu distinguir um movimento estranho por entre os arbustos. Já ia se levantar, pronto para fugir, quando todos ouviram o grito e viraram para a criatura que os contemplava. Era Unhãã. Coberto de barro, de musgo e de arranhões, encharcado até a alma e completamente nu, lá estava ele. É difícil dizer quem ficou mais espantado com esse encontro – o grupo ou o menino, que milagrosamente conseguiu escapar do afogamento. Os rapazes olharam para ele como se fosse um fantasma, embora o conceito do mundo sobrenatural ainda não houvesse sido criado. Naqueles tempos, a natureza do sobrenatural era tão natural quanto a do natural podia ser espantosa.

Unhãã não estava exatamente surpreso. Desde que fora vomitado pela correnteza, em um ponto de curva e estreitamento do rio, conseguiu identificar, depois de se livrar da água que enchia seu estômago e recuperar a respiração, os passos e as vozes de seus irmãos. O problema era chegar até eles. Embrenhou-se mata acima, ainda com as pernas trêmulas e ouvidos atentos, mas não havia jeito de alcançá-los. Ora pareciam muito próximos, ora suas vozes pareciam se distanciar. Quando, finalmente, vislumbrou a pequena trupe sentada na sombra, fazendo seu lanche, não acreditou em seus olhos, como mal acreditara, há pouco, que estava novamente em terra firme. Assim que se aproximou, atirou-se no chão e

começou a se contorcer de maneira tão violenta que demorou para os outros atinarem que estava relatando sua recente peripécia e explicando como escapara vivo. De tão intenso, o relato não parecia uma demonstração e sim uma nova rodada do acontecimento, desta vez a seco. A emoção do menino foi tão grande que, assim que terminou de encenar o vomito da água e o lento recuperar da respiração, desmaiou. Os outros o cercaram, preocupados em verificar se ainda estava vivo, ergueram-no e ele abriu os olhos e sorriu. Ganhou uma fruta como recompensa. Os rapazes mais velhos também ficaram exultantes. Carregaram-no por uma boa parte do caminho ao perceberem que andava meio bambo. Estavam livres da ingrata missão de dar às mulheres a notícia de que Unhã estava morto. A partir daquele momento, deixaram de inventar pretextos e voltas para retardar a jornada. Encheram as sacolas de frutas pela última vez e tocaram direto para casa, conforme os desejos mais ardentes, embora secretos, de Vrooom.

IX

Nos meses seguintes, aprofundou-se o processo de separar meninos e meninas da turma de Vrooom durante parte do dia. Os garotos iam para fora da caverna, onde aprendiam a afiar pedras e paus e a catar frutas; as meninas, dentro do abrigo, aprendiam a cuidar do fogo e outras tarefas às quais os rapazes não tinham acesso. Vrooom odiava essa segregação. Já era astuto o suficiente para entender que isso marcava o início da sua vida de caçador, cujo destino era sair da caverna, a cada amanhecer, perambular pela mata e lutar para voltar vivo, carregado de alimentos, uma rotina bem mais perigosa do que a que vivera até o momento. Além desse motivo perfeitamente racional que, por alguma razão nebulosa, escapava aos outros meninos, loucos por ingressar na vida heroica dos machos adultos, havia outro motivo que pouco tinha a ver com a lógica: a dupla Mieieé e Buohho. A cada dia que passava, Vrooom se sentia mais afeiçoado as duas meninas, sem vontade de desgrudar um centímetro que fosse de suas

companhias. Como eram amigas inseparáveis, não era difícil atingir esse objetivo. Aonde ia uma, seguia a outra. E ele, feito um cachorrinho, corria atrás. Mieiéé era uma espoleta e achava graça em tudo, ria e fazia rir. Buohho era meiga e irradiava tranquilidade. Os três curtiam muito a brincadeira de vass-vass, que consistia em pegar um galho cheio de folhas e esfregá-lo no piso para levantar poeira. As meninas gostavam de ver as partículas de pó e terra dançando no ar, marcadas pelos raios de sol. E Vroom adorava ver suas caras de felicidade ao contemplar essa dança.

Inicialmente, as mulheres não deram muita atenção às maneiras esquisitas de Vroom, que voltava para o círculo das garotas pouco depois da separação dos meninos. Achavam que ele precisava de mais um tempo, ou melhor, não achavam nada, só aguardavam sabiamente que a natureza fizesse o seu trabalho. Mas ela não fez ou, melhor, não o fez como se esperava que fizesse. Vroom não criou juízo, como se diria nos dias de hoje, não ficou com vontade de acompanhar os guris para as adjacências da caverna, onde praticavam as artes de sobrevivência. À medida que o tempo passava, suas tentativas de manter-se junto às garotas tornaram-se um hábito incômodo. As mulheres não sabiam o que fazer. Não havia punições naquele regime tribal. As pessoas faziam o que se esperava delas ou o que os mais experientes orientavam. Quando alguém era repreendido, o objetivo era didático: evitar que botasse a mão no fogo ou que tentasse pular de muito alto, ensinar a maneira correta de atirar uma lança e por aí vai. Fora isso, cada um era livre para agir como bem entendesse e todos entendiam que deviam agir dentro do sistema que visava o bem coletivo. Era como se cada membro do clã tivesse consciência do significado complexo da vida em comunidade e não precisasse de regras nem sanções para desempenhar seu papel. Talvez o leitor se pergunte como mentes tão simplórias, galgando os primeiros degraus do aprendizado *sapiense*, tivessem condutas tão avançadas? Muito simples. A necessidade, por um lado, e a ingenuidade, por outro, tornavam possíveis as utopias. Vroom não desobedecia às orientações, não de forma a afrontar a autoridade dos mais velhos. Quando mandado, ia até o grupo dos meninos e

começava a executar a atividade que todos faziam, mas logo a deixava de lado e se esgueirava atrás das meninas, buscando as figuras de Mieié e Buohho.

Quanto mais circulava entre as mulheres, menos tinha vontade de abandoná-las e, além da dupla razão, logo se juntou uma terceira: Vrooom, observador que era, percebeu que as fêmeas eram superiores aos machos não apenas no status tribal, mas também nos conhecimentos. Passavam para as mais jovens, além das informações básicas de suas tarefas na tribo, outros saberes. O que eram esses conhecimentos? Ele não tinha ideia. Quando se aproximava, as instrutoras se calavam, voltando a tratar das tarefas básicas. Ele podia entender que as mulheres, como seres especiais, tivessem seus assuntos exclusivos. Mas essa compreensão não diminuía a sua curiosidade, que era alimentada pelos silêncios repentinos e ostensivos. Sabia que era esse o aprendizado que gostaria de ter e não o de como matar um bicho com uma paulada na cabeça.

Vrooom se tornou caçador no dia em que sentiu, pela primeira vez, uma penugem no rosto. Acariciou sua face tão logo despertara e teve a esquisita sensação de que, a partir daquele instante, sua vida mudaria em definitivo. Enquanto acordava de vez, ruminando a sensação, foi chamado junto aos machos para saborear os restos da janta da noite anterior. Era o sinal de que ele e seus colegas sairiam mais uma vez, não em incursão relâmpago de aprendizado, mas numa verdadeira expedição de caça. Vrooom sentiu um aperto na barriga. A partir daquela manhã – amanhã, depois e depois –, uma nova rotina o esperava: sairia para passar horas no mundo externo, ameaçador, até virar ele mesmo um cadáver devorado no campo de caça. Ficou tão chocado que não conseguiu esboçar nenhuma reação. Mastigou o desjejum, pegou a lança que passara afiando de maneira displicente nos últimos dias e saiu com o grupo. Tão logo se afastaram do perímetro do abrigo, pararam para o ritual da urinada coletiva. Regavam a terra com seus poderosos jatos e absorviam força e coragem para mais um dia de labuta. Os iniciantes

foram “batizados” com muita alegria, orgulho e urina. Desfeito o círculo, dividiram-se em grupos menores que se espalharam em várias direções à medida que avançavam. Cada grupo escolhia um dos jovens iniciantes. Por ser magrinho, um aluno pouco aplicado na arte da caça e ter fama de esquisito, Vrooom foi o último escolhido. Não ficou ressentido. Ele, tampouco, escolheria qualquer um deles. Se dependesse de sua escolha, estaria bem longe dali, junto às meninas.

Seu grupo era formado pelo veterano Nihhh e mais três caçadores experientes, de diferentes níveis e idades. Vrooom não sabia que, no primeiro dia, os iniciantes deveriam apenas observar, ajudando em uma ou outra tarefa menor que fosse solicitada e colhendo frutas e raízes, comida importante, porém bem mais fácil de conseguir do que a carne. Foi assim com os garotos nos outros núcleos de caça. Nihhh, porém, como líder do grupo, resolveu dar ao menino um tratamento especial para que deixasse de vez as suas maneiras estranhas. Desconhecia a expressão *terapia de choque*, pois esta ainda não havia sido cunhada (nem a terapia, nem a expressão), mesmo assim resolveu colocá-la em prática. Tão logo percebeu um movimento na vegetação, Nihhh fez sinal para Vrooom dar a volta e afugentar o animal na direção deles. Mal deu a orientação, ele e os demais caçadores sumiram entre as folhagens. Vrooom, cauteloso, avançou pelo trajeto indicado. Ia curvado, pé ante pé, segurando sua lança com firmeza. Tentava, em vão, manter o olho no local onde o bicho estava, mas sem perder de vista o ponto onde se amoitavam os caçadores e atento a qualquer ameaça que pudesse surgir no caminho. Suando frio, conseguiu fazer o contorno e tornou a notar a movimentação entre as folhas. Avançou mais dois passos e viu o animal que o encarava com seus olhos miúdos e dentes afiadíssimos, que se projetavam para fora da boca. O jovem estancou. O animal, ao contrário do planejado, não parecia propenso a sair correndo em direção à tocaia armada contra ele. Parecia avisar a Vrooom que não avançasse mais, se quisesse continuar vivo. O menino pensou em fazer barulho, agitar sua arma, bater os pés no chão, mas não ousava tomar nenhuma iniciativa. Sabia que não era recomendável ficar parado na mata por muito

tempo, mas seus pés pareciam chumbados no solo. Plantado assim, indeciso, viu seus companheiros brotarem do chão e se aproximarem correndo. O bicho também os ouviu e disparou na direção contrária dos caçadores, ou seja, na direção de Vrooom. Este mal conseguiu pular para o lado antes que fosse atropelado pela fera. Sentiu o roçar do corpo peludo, das garras afiadas, o cheiro ameaçador. Ouviu o galope se afastando. Seu coração pulou junto com ele e, por pouco, não foi projetado boca a fora. Nihhh não lhe deu tempo para sustos. Bradou para que levantasse e corresse atrás do animal enquanto se aproximavam. Ele pegou a lança, atirada ao lado e tocou em frente, não sabendo se tinha mais medo da fera ou dos gritos ferozes de seus colegas. Correu como um louco até ser alcançado por eles, mas a presa já havia sumido. Mesmo assim, recebeu várias tapinhas nas costas.

Naquele dia, Vrooom correu, pulou, rastejou, arremessou mais do que na soma de todos os dias anteriores da sua vida. É claro que não conseguiu por a mão em nenhum bicho, nem no menor e mais lento, mas seus esforços foram amplamente encorajados. Mesmo assim, o desânimo tomou conta dele. Não lograva imaginar que um dia chegaria ao grau de destreza que os adultos exibiam. Admirava e desprezava essa habilidade, justamente por não a possuir.

Ao final do dia, estava exausto. Aliviado pelo fim daquele corre-corre, suas pernas faziam um esforço para acompanhar os adultos carregados com os produtos da caça. Seus passos pareciam não dar conta, suas costas curvavam-se feito um arco. Mas quando sentiu, para além dos odores de sangue e suor, os cheiros familiares das cercanias da caverna; quando levantou os olhos para acariciar a paisagem conhecida do laguinho, das árvores que cercavam o abrigo tribal, seu coração se encheu com vigor renovado.

A volta à caverna era sempre um evento muito especial. De manhã, saíam todos juntos e em relativo silêncio. Os primeiros sons de bravura e desafio eram bradados na urinada coletiva. Depois se dividiam

em grupos. Os momentos da caça – a perseguição, o cerco, o abate – eram momentos de alta adrenalina e concentração; e o caminho de volta, com o alimento trazido e a vida intacta, era percorrido com grande alívio e extravasão. Até aquele dia, Vrooom havia acompanhado o retorno dos homens como expectador. Partilhar a experiência do ponto de vista dos que voltavam era bem diferente. À medida que se aproximavam, encontravam outros pequenos grupos fazendo o mesmo trajeto e grunhidos de alegria e cumprimentos davam início às comemorações. Já nos arredores do abrigo, algumas crianças saíam para recebê-los e os acompanhavam nos últimos passos do caminho, pulando e cercado o grupo, tentando vislumbrar o que seria servido na janta. Vrooom, que recentemente fazia parte do grupo de acompanhantes entusiasmados, sentia-se especial cercado pelos infantes. Mesmo curvado sob o fardo de alimentos menos nobres, era um dos heróis e não mais membro da comitiva de boas vindas. Ao entrarem na caverna, um sentimento diferente, um calor especial encheu o peito do menino e ele se familiarizou com o significado de um termo que ainda não existia – lar. Lá dentro estava o fogo aceso, lá estavam as paredes que os separavam do mundo exterior e, acima de tudo, lá estavam as mulheres e, entre elas, suas queridas amigas Mieié e Buohho. As grávidas e as mães que ainda amamentavam posavam alinhadas no centro da caverna; e a elas se dirigiam os homens para dedicar-lhes uma parte dos troféus que traziam. Depois desse primeiro ritual, que era o preâmbulo de outro ritual que se completaria mais tarde com o acasalamento, os alimentos eram reunidos em um canto. Iniciava-se a preparação da comida enquanto os caçadores se revezavam em seus relatos para uma plateia hipnotizada.

Naqueles tempos de comunicação limitada, em que o verbo recém iniciava suas primeiras incursões pela mente humana, o talento dramático tinha suma importância. Era a ocasião em que brilhava não o melhor caçador, mas aquele que conseguia, por meio de gestos, caras e ruídos, fascinar a plateia. Alguns se contentavam com a expressão corporal, outros, a partir do momento em que Vrooom introduziu o desenho, esboçavam nas paredes as histórias que ganhavam vida através da dança de chamas

bruxuleantes. Esse espetáculo durava até o momento de dormir, enquanto se preparava a comida, enquanto a tribo jantava e fazia a digestão, digerindo as histórias. Depois, as fêmeas faziam sinal para os machos por ela escolhidos e a tribo partia para o pernoite.

Vrooom, exausto e faminto, apenas assistia aos caçadores exagerarem suas bravuras, confortando-se com a sensação do alimento descendo pela garganta e com a companhia de suas amigas. Gostaria de ter dedicado a elas alguns dos frutos que trouxera, mas elas ainda não faziam parte das homenageadas nem ele dos que podiam oferecer alguma coisa. Mesmo assim, receberam-no com grande alegria, pois sentiram sua falta, ao contrário das mulheres adultas que estavam aliviadas com o afastamento do menino curioso durante uma jornada completa.

X

No dia seguinte, Vrooom acordou sentindo cada um de seus pequenos músculos. Sentia os braços, o pescoço, sentia as costas, mas principalmente as pernas lhe doíam. Foi até o fogo servir-se dos restos, cercado pelo silêncio dos homens. Alguns olhares foram trocados entre os adultos, zombando dos movimentos duros do rapaz. Ele queria, mais do que nunca, ficar esticado no piso da caverna. Sabia, porém, que essa possibilidade não existia. Pegou sua pequena vara afiada e foi se arrastando atrás dos homens. Pouco antes de se embrenharem no mato, Nihhh ordenou que subisse numa rocha alta para observar um terreno que pretendiam abordar. A escalada foi difícil. De lá vislumbrou um ajuntamento de animais no vale que ficava além da mata. Apontou a direção a tomar, orgulhoso de seu feito, mas na descida escorregou e torceu o tornozelo. Como ainda estavam próximos, foi orientado a voltar para a caverna. Enquanto se afastava sentia pontadas no tornozelo e olhares reprovadores nas costas. Usou sua lança como bengala e foi manquitolando pelo caminho de casa.

Dessa vez não houve recepção, não houve pulos em sua volta. Foi cercado apenas por olhares curiosos, enquanto encontrava mulheres e crianças nas imediações da caverna. Ao entrar, com o pé inchado latejando, procurou imediatamente Mieié e Buohho. Percebeu que formavam, em um canto, junto com outras garotas, um pequeno círculo ao redor de Iahaha e Mãã, duas das mulheres mais férteis e respeitadas. Mesmo à distância, pôde observar o quanto as meninas estavam atentas. Ansiava pelo conforto de suas amigas, mas não ousou se intrometer na reunião. Sentia que algo muito importante estava sendo partilhado naquele grupo. Aproximou-se um pouco, suspirou e se sentou. As meninas olharam para ele, mas nenhuma se moveu. Sentiu o olhar das duas adultas e apontou para o tornozelo, relatou por mímica como caiu e torceu o pé. Iahaha ficou contrariada com a interrupção, mas os olhos de Mãã brilharam por um instante. Chamou Vroom para que se juntasse a elas. Ele nem acreditou, precisou de mais um aceno antes de levantar e manquitolar até lá, sorrindo de ponta a ponta. O grupo abriu espaço e Mãã orientou que se livrasse da vestimenta e deitasse no centro da roda de barriga para cima. Feito isso, Mãã olhou para o rosto de Vroom, passou a mão na penugem que prenunciava uma barba e desceu até os pelos ao redor de seu membro. Agarrou o pênis, colocou-se quase sentada por cima dele e começou a esfregá-lo em suas nádegas. Vroom não entendeu o que estava acontecendo. Sabia que homens e mulheres copulavam, mas isso era um pouco diferente do que via acontecer na penumbra da caverna. Como estava com dor e surpreso, demorou até que a reação despontasse, conforme os desígnios da mãe natureza e os objetivos de Mãã. Após algumas esfregadas, porém, sentiu uma umidade quente descendo do meio das pernas dela. Seu pênis começou a ficar intumescido. Sorridente, Mãã mostrou às meninas o pau duro antes de inserir sua ponta na cavidade que produzira o líquido quente. Vroom logo esqueceu o tornozelo, seus nervos se concentraram em outra região. Esta também inchava e endurecia, mas sem dor. Era uma sensação nova para ele, um tipo de ânimo febril que crescia e se espalhava pelo corpo. Não entendia o que Mãã estava fazendo, mas iria se preocupar com

isso depois. Queria apenas se entregar à sensação. Sentia-se leve, poderia praticamente flutuar. Quando a pontinha de seu membro adentrou a caverna de Mããã teve vontade de entrar mais, procurou empurrar seus quadris, ir mais fundo, mas ela segurava seu pau com firmeza e tinha o controle da situação. Esfregava-o no meio de suas pernas, mantendo a base cativa em seus dedos. Vrooom sentiu a leveza se transformando em algo denso, forte, pensou que iria explodir. Mããã então sacou o artefato explosivo de sua vagina, ajoelhou ao lado para que todo o grupo pudesse enxergar e, com pulso firme, fez Vrooom ejacular. Ele sentiu-se estranho. Havia deleite no seu gozo, mas a expulsão da vagina quebrou parte do encanto e enquanto gozava, ordenhado pela mão segura de Mããã, uma leve sensação de que estava sendo usado obscureceu um pouco o frenesi. Mesmo assim, tremeu e esguichou seu jato para longe, feito um possuído. As meninas se aproximaram e tentaram pegar na mão o líquido que saía de dentro dele. As adultas as encorajaram a sentir a consistência, a cheirar os dedos lambuzados, a experimentar na ponta da língua. Mããã segurava ainda o órgão genital do menino e fazia o líquido gotejar na mão das retardatárias. Depois disso, bateu no ombro de Vrooom e mandou que se retirasse, como sempre faziam as adultas quando ele se intrometia nos grupos das jovens aprendizes.

Vrooom afastou-se perturbado. Ao levantar, sentiu novamente o tornozelo dolorido e, gemendo, pulou num pé só até se esticar num canto. Nem suas amigas olharam para ele, absortas que estavam no que acontecia no grupo. Novamente, o círculo se fechou, como se quisesse blindar-se, mas ele nem estava mais olhando. Deitado em seu canto, sentiu um vazio após o orgasmo intenso. Pensou nos olhares de deboche que teve que aturar após o acidente, na expressão de curiosidade das garotas ao experimentarem seu sêmen e tentou botar uma ordem em tudo isso. Adormeceu confuso e foi acordado pelo alvoroço do retorno dos caçadores. Não teve ânimo nem coragem de se aproximar do fogo para jantar, muito menos de servir de plateia para os relatos do dia. Manteve-se deitado, com a fome apertando, até conseguir adormecer novamente. Sentia-se a última das criaturas sobre a face da terra.

XI

Aquela foi uma das noites em que os sonhos resolvem fazer visita e chegam todos juntos, atropelando-se num entra e sai. Apertam-se quando o espaço fica pequeno, invadem um o assento do outro, somem e logo retornam com algum detalhe diferente. A dor no pé, aliada às emoções do dia, foi o combustível dessa atividade onírica febril, inspirando sonhos ensopados e confusos. Estava cercado por caçadores, que não eram mais caçadores e sim meninas curiosas ou bichos predadores, todos querendo apertar aquele cano no meio de suas pernas por onde saíam líquidos em profusão. Ele queria, mas não conseguia fugir, seu pé preso ora num buraco, ora numa raiz de árvore ou embaixo de uma rocha. Situações como essas tomaram conta da noite até que ele despertou agitado e se acalmou ao perceber que estava de volta, na segurança da caverna. Lembrou-se do que acontecera na véspera e novamente ficou perturbado. Tentou se levantar e sentiu que o tornozelo inchado ainda doía. Não seria o primeiro a faltar a um dia de caça. Normalmente, os caçadores feridos ou mesmo os doentes ficavam deitados até terem forças para voltar à atividade. Ninguém era cobrado por isso nem deixava de receber alimento, pelo contrário, recebiam um reforço, pois já naqueles tempos as mulheres sabiam que uma boa nutrição era um grande remédio. Tampouco alguém fingia ou se aproveitava dessa condição para escapar da labuta, o ser humano ainda não havia chegado nesse nível de sofisticação. A *parasitagem*, naqueles tempos, ainda era restrita a algumas plantas, vermes e insetos. O grande castigo, naquela comunidade, era não conseguir cumprir sua função. Não era uma regra prevista num código penal ou escrita em tábuas da Lei. Era algo interno, como um registro genético, um sentimento individual e, ao mesmo tempo, coletivo. A situação de Vrooom era um pouco diferente. Ele foi o primeiro, na história da tribo, a mostrar alguma resistência ou vontade de escapar de sua tarefa natural de caçador. No dia seguinte à sua estreia na caça, já se lesionara. Ninguém o acusaria de ter se machucado de propósito. Esse padrão de conduta surgiria bem mais tarde, numa civilização mais avançada. Mas a lesão, embora não levantasse

suspeitas sobre Vrooom, tampouco aumentava a sua popularidade. No peito do rapaz, o alívio por não ter que encarar mais um dia de caça se debatia com o mal-estar por não poder fazê-lo. Se não fosse o alívio, não sentiria o mal-estar.

Ele esperou que os homens saíssem e, mancando, encaminhou-se até a fogueira para comer os restos que os caçadores deixaram. Sua barriga roncava de fome. Depois, tornou a deitar e a pensar no que estava acontecendo com ele. O leitor poderá se perguntar como era possível que um ser que recém estava se apropriando de algo parecido com o que chamamos de linguagem, refletisse sobre a vida. Entenda-se que o matutar daqueles tempos era diferente do matutar de hoje. Não se criava a argumentação e contra-argumentação baseadas em vocabulário. Os sentimentos ocupavam o lugar das palavras e, justamente por isso, a atividade era ainda mais intensa do que nos dias atuais. O problema, na falta de linguagem, era não poder desabafar, não conseguir trocar uma ideia com alguém próximo; era ficar preso na própria reflexão. Pior ainda, era não ter como agasalhar esse turbilhão com a roupagem das palavras, que hoje nos dão a ilusão de colocarmos em ordem nossos pensamentos. O sujeito ficava como uma bolinha de pingue-pongue, com os sentimentos batendo e rebatendo nas paredes do cérebro.

Vrooom permaneceu pensativo até a sua atenção ser atraída pelos ruídos das moças se organizando. Algumas passaram por ele, saltaram por cima de seu corpo estirado, como se fosse um obstáculo, e ele ficou curioso para saber se seria chamado de novo para algum tipo de demonstração. Temia que o fizessem, pois, no final das contas e apesar do prazer, foi uma experiência bastante estranha. Ao mesmo tempo, ansiava por revivê-la, desejava ser útil e não queria ficar sozinho com a sua dor. Foi completamente ignorado. Após algumas horas, suas duas amigas se aproximaram e sentaram ao seu lado. Grunhiam entre elas alguma coisa que ele não entendia. Quando perceberam isso, sorriram como se tivessem sido pegas em flagrante e continuaram o colóquio com gestos e olhares. Vrooom ficou

perplexo. Será que as mulheres conseguiam se comunicar de maneira diferente entre elas? Ele tentou fazê-las repetirem o que grunhiram, mas elas riram e mudaram de assunto. Apalpam com delicadeza seu tornozelo e se ofereceram para buscar-lhe água. Quando voltaram, ele pegou seu membro e imitou os gestos de Mããã que causaram a sua ejaculação no dia anterior. Elas tornaram a rir, mas não deram nenhuma explicação; continuaram sua conversa como se nada tivesse acontecido. Ele estava confuso. Por algum motivo, as moças aprendiam coisas que eram negadas aos rapazes, pior, eram escondidas deles. Coisas que iam além de suas tarefas rotineiras, questões de alta sabedoria e importância, essa era a sua sensação. Ele queria aprender. Queria fazer parte dessa confraria. A partir daquele momento, começaria a prestar mais atenção, porém sem demonstrar interesse, pois sabia que isso causaria uma reação. Dessa forma, aprendeu a dissimular, atitude desconhecida até então entre os membros da comunidade. Pôde constatar que, realmente, havia uma série de sons e ruídos que só as mulheres usavam, cuja existência e significados apenas elas conheciam. Nos dias que se seguiram, enquanto convalescia, esforçou-se para aprender alguma coisa.

XII

Finalmente, Vroom voltou a pisar firme e, novamente, lá estava ele participando da refeição matinal, pegando sua lança e a pele que cumpria a dupla função de roupa e sacola. Mal saiu da caverna, acompanhando os caçadores, e o medo passou a acompanhá-lo como uma sombra, grudado a seus passos. De mãos dadas com o medo estava a tristeza por se afastar do que realmente o interessava: as lições que as moças recebiam das mais velhas. Qual sensação predominava? Não vem ao caso. Não eram sentimentos conflitantes que mediam forças. Ao contrário, somavam-se para criar um desespero no coração do garoto enquanto suas pernas, em meio a tantas outras, afastavam-no cada vez mais da

caverna. Assim, disperso e atribulado, não demorou a sofrer outro acidente que fez com que voltasse se arrastando à caverna. Mais uma vez, sentiu-se mal e bem.

Tentou entrar sem chamar atenção, rastejou em silêncio, quase invisível, mas não deixou de ser notado pelas tutoras. Elas, após um breve meneio de cabeça, voltaram a cuidar das meninas; ele se estirou em seu canto e fingiu adormecer. Um tempo depois, suas amigas apareceram ao seu lado, demonstrando grande preocupação. Ele apontou o joelho esquerdo, cujo inchaço era resultado do encontro com um tronco enorme que, surpreendentemente, surgiu no seu caminho enquanto corria atrás de um animal. O bicho subiu rapidamente pelo tronco enquanto Vrooom bateu de frente, tendo que abandonar a mata com o peito e a testa lanhados, o nariz sangrando e os joelhos esfolados. Sem que as meninas percebessem, Vrooom contou seu lamentável acidente usando alguns dos grunhidos que aprendera nos dias anteriores. Mieieé, distraída, exclamou naquela linguagem exclusiva das mulheres uma expressão que ele entendeu. Assim, pôs em prática o parco vocabulário adquirido e encheu-se de orgulho, o que aumentou ainda mais sua sede de conhecimento e fez com que se esquecesse da dor e da vergonha.

Dessa forma, nosso herói inaugurou uma linhagem que evoluiu com a espécie por milhares de anos: crianças que ficam com febre para não ir à escola; funcionários que se machucam para faltar ao trabalho; atletas que se contudem à véspera da competição que os apavora; soldados que se automutilam para fugirem da guerra. Com maior ou menor grau de consciência, com ou sem dissimulação, todos se remetem à origem, àquele comportamento de Vrooom, que não passava mais de dois ou três dias na atividade da caça sem que lhe acontecesse algo que o deixava nocauteado por outros tantos dias. O jovem, pioneiro nessa linha, como foi pioneiro em muitos outros assuntos, todos de menor importância frente ao feito que mudaria para sempre a história da humanidade, foi adquirindo – como a maioria dos desbravadores – noção do que estava acontecendo somente no decorrer do processo. Ele, que de início

se machucava acidentalmente, começou a perceber que algo em sua atitude contribuía de forma significativa para as reiteradas lesões. Mais tarde, já ressabiado da dor, aprendeu que poderia fingir mais dor do que sentia e intuiu que poderia envolver-se em acidentes mais leves, dissimulando a magnitude dos mesmos. À medida que a metodologia era aprimorada e a dor causada pelas lesões diminuía, teve que lidar com a consciência, algo praticamente inexistente até então. Os homens caçoavam dele, mas não o viam como um dissimulador. Enxergavam nele um caçador incompetente que, mais cedo ou mais tarde, acabaria morto nas garras de um animal. Ele, efetivamente, era um caçador de poucos recursos, pois não tinha talento nem motivação. O medo o tolhia e, acima de tudo, as inúmeras incursões que perdera privaram a prática de compensar o que lhe faltava em habilidade natural.

O escárnio dos caçadores não o incomodava tanto quanto o fato de não contribuir para o bem-estar da tribo. Vroom, literalmente, comia de graça, pois mesmo nos dias em que saía, voltava com pouca comida. Além disso, estava adquirindo um conhecimento que lhe era proibido e, por isso, precisava fazê-lo sorrateiramente, o que aumentava o seu incômodo. Como lidar com a culpa, algo que ainda nem era conhecido, mas já o martirizava? Foi um longo processo que consumiu parte do prazer da aprendizagem. Por fim, convenceu-se, não nestes termos nem com estas palavras, que os novos saberes eram mais valiosos do que a caça que poderia eventualmente trazer. De alguma forma, forma que não estava ainda clara para ele, acabaria devolvendo à comunidade, através do conhecimento, o que ficava devendo ao executar parcamente sua tarefa de caçador. Para ele que, desde pequeno, manifestara a vocação de observador, os estudos adquiriam uma importância misteriosa e mágica. Aprofundar-se nessa magia, a seu ver, era algo muito superior à atividade trivial da caça e, um dia, a tribo reconheceria isso. Com esses sentimentos, Vroom abrandou sua consciência e pôde dedicar-se ainda mais aos estudos.

XIII

Vrooom sabia que não podia abusar dos recursos que usava para permanecer na caverna. Tinha que dosar seus dias de lesão, de descanso e de atividade. Um dia, quando saiu para a caça e cuidou para não tropeçar, nem cair, nem torcer, nem bater contra nada ou ninguém, aconteceu algo inusitado.

Vrooom fazia parte do grupo liderado por Unhãã, aquele que havia caído e se safado das garras do rio. Ele se tornara um dos caçadores mais hábeis e já o igualavam a Nihhh que, passado dos 20 anos, chegara à idade em que iniciava o declínio e a experiência compensava, por algum tempo ainda, o envelhecimento. Unhãã não era tão forte, mas era rápido e sabia como ninguém exercer a coordenação de um grupo ao perseguir e cercar um animal. O episódio do rio era considerado águas passadas e ninguém atinaria fazer ligação daquele evento com a habilidade do rapaz. Ao contrário dos outros, Unhãã lembrava muito bem do acidente – do desespero que sentira, da luta contra a fera que tinha redemoinhos como mandíbulas e corria insana com sua presa firmemente agarrada. Por isso, compreendia como ninguém um animal perseguido, seu desespero e suas artimanhas para escapar. Unhãã, a cada manobra bem sucedida, inspirada por aquele incidente; a cada bicho cercado e abatido, rendia uma homenagem silenciosa à todas as presas, num mundo onde se era um dia caça e no outro, caçador.

Naquela tarde, Unhãã coordenava o grupo no encalço de um quadrúpede veloz. Em meio à correria, Vrooom percebeu que não ouvia mais os gritos de comando. Tinha medo de virar-se e perder o rumo indicado pela revoada de folhas que o animal perseguido deixava. Queria fazer o melhor nos poucos dias em que participava da caça e por isso seguiu na corrida frenética. No fim, perdeu o vestígio da presa e ao voltar-se para seus companheiros, não viu ninguém. Chamou, emitindo os sons combinados que imitavam pássaros. Não houve resposta. Respirou fundo, uma, duas vezes. Recuperou o fôlego e tornou

a chamar. Nem os pássaros ecoaram o seu chamado. Trepou em uma árvore alta para enxergar mais longe, mas a floresta naquele lugar era muito fechada e, por mais que subisse, só conseguia vislumbrar as copas de outras árvores. Desceu, apurou seu olfato, aguçou seu ouvido e foi voltando pelo caminho que julgava ter percorrido atrás do animal. Procurava suas pegadas e esperava, junto a elas, encontrar as outras. Fazia poucos instantes que Buió corria em paralelo a ele, apenas uma pequena distância entre os dois. Os outros, ele sabia, corriam próximos, buscando caminhos que cortassem as rotas de fuga da presa e Unhã, logo atrás, bradava seus curtos comandos, orientando a ação. Como todos desapareceram? Vrooom matutou se não estava viajando em um sonho. Os sonhos, naquela época, eram um misterioso meio de transporte. A pessoa ora estava dormindo em seu leito, ora estava em outro lugar e logo em mais outro; os cenários e seres vivos a sua volta mudavam repentinamente, e o sonhador voltava por fim ao lugar de partida, onde deitara para dormir, são e salvo. Vrooom não se lembrava de ter deitado para dormir, mas isso, sabia ele, também era próprio da natureza dos sonhos. A pessoa só tinha consciência de que viajou no sonho quando acordava e via que estava de volta em seu leito. Sentou e esperou que isso acontecesse, mas não foi transportado de volta à caverna nem a nenhum outro lugar. Cansou de esperar e voltou a caminhar, a soltar uns gritos, que soavam estranhos no silêncio que o cercava. Precisava encontrar a sua gente. Quando notou os primeiros sinais de que a noite estava chegando, resolveu retornar à caverna, sozinho.

Vrooom perambulava pela mata tentando rastrear sinais, odores e ruídos que o conduzissem ao caminho certo, mas tudo estava muito confuso. Parecia que a transição entre o fim da tarde e a noite que se aproximava alterava completamente a floresta. Enquanto se perdia mais do que se achava, o breu foi se insinuando, cercando as copas das árvores, rastejando sobre a relva e as raízes, conferindo a tudo uma condição difusa e perigosa. Seres alados e animais terrestres viravam vultos e sons, parecia que o mundo resolvera dar seu último berro antes de sumir. O coração de Vrooom acompanhava esse alarido todo,

batia em seu peito como louco, como os tambores que ainda estavam por surgir quando o homem aprendesse a esticar couro sobre um tronco oco. O escuro tomou conta de tudo, e ele percebeu que não podia continuar. A noite, naqueles tempos, era como uma ordem incontestável de abrigar-se para dormir. Para ele, o único abrigo que existia era a caverna. Vrooom tentou se acalmar. Apalpou à sua volta até achar uma árvore que parecesse boa para pernoitar. Escalou-a como um cego. Sentia falta da caverna, dos vários pontos de fogo tão cuidadosamente zelados pelas meninas, da fogueira principal onde se assava carne e castanhas, enquanto os caçadores narravam as aventuras do dia. Será que Unhãã estaria agora contando como cercaram o animal e, quando se deram conta, Vrooom havia sumido? Ou será que eles também haviam se perdido e estariam vagando por aí, cada um procurando um galho para pernoitar? Era raro, mas acontecia de um ou outro membro da tribo só voltar após alguns dias, contando, exaltado, as peripécias de como enfrentara sozinho as noites fora de casa. Vrooom tentou lembrar-se de algumas dessas histórias, buscar um detalhe que lhe servisse como guia. Não conseguiu evocar nenhum caso concreto; só a lembrança de que, na maioria das vezes, quem sumia, não voltava mais. Afastou os maus sentimentos e, finalmente, conseguiu acomodar-se num galho que lhe pareceu forte e largo o suficiente para servir de leito. Passou desperto quase toda a noite. O cansaço era grande, os olhos mal se mantinham abertos, mas o medo era maior. Sabia que dormindo se tornaria uma presa fácil. Havia predadores que trepavam ou rastejavam em árvores, e ele, segurando sua lança, estava atento a qualquer ruído mais ameaçador. O grande desafio era superar o escuro e passar a noite. Com a manhã, tinha certeza, encontraria o caminho.

Permaneceu assim, com seus olhos bem abertos na noite sem estrelas, tentando adivinhar o tamanho da ameaça por trás de um par de olhos luminosos, do farfalhar das folhas por cima de sua cabeça, de um bater de asas ou de um guincho. Imaginava a noite como a interrupção de todas as atividades. Surpreendeu-se com a vida que se manifestava naquele breu. Às vezes, pequenas luzes parecidas com

fagulhas esvoaçantes dançavam à sua volta. A umidade noturna e a falta do fogo faziam eriçar sua pele, mas ele não tremia, não se movia, mal respirava, concentrando toda sua energia em ficar alerta. Adormeceu pouco antes de o orvalho oferecer suas gotas a todas as coisas que, assim como ele, possuíam apenas o céu como abrigo.

XIV

Vroom foi despertado pelos sons da manhã, apesar de ter dormido boa parte dela. A cantoria habitual em homenagem ao sol aparecendo por cima das copas, roçando o orvalho, estava diferente. O dia amanhecera com uma neblina espessa e, embora o jovem soubesse que não era mais noite, conseguia enxergar bem apenas o que estava a um palmo do seu nariz. De noite, sua cegueira era preta; agora, era branca. Tentou escalar mais alto para ampliar sua visão, mas logo percebeu que seria inútil. Tudo parecia dissolver-se dentro da cerração. Desceu da árvore e torceu para que o bicho neblina se retirasse em seguida, como costumava acontecer em dias parecidos com aquele. Enquanto isso, foi tateando seu caminho. Naqueles tempos descalços, tateava-se mais com os pés do que com as mãos, sentindo o terreno no contato com a pele. Nem passou pela sua cabeça esperar sentado até o sol dissipar a nuvem que o engolia. Precisava mexer-se, voltar para a caverna. Caminhou em meio à umidade do ar espesso. Catou algumas frutas para matar a fome, alimentos que estavam no chão e batiam em seus pés. Não tinha tempo nem ânimo para buscá-los em uma raiz ou galho. Precisava ir em frente, afastar-se. Com a visão limitada, aguçava o olfato e os ouvidos para achar o caminho de volta, mas descobriu que a neblina alterava cheiros e sons. O pouco conhecimento que tinha da mata, ao contrário de seus irmãos, caçadores mais assíduos, não o ajudava. Logo sentiu que o solo ficava mais duro, despido das folhas que cobriam a terra na floresta fechada. Sabia que não era o chão dos arredores da caverna, nem do caminho que havia percorrido para chegar até a mata. Definitivamente, estava em terreno desconhecido.

Vislumbrou uma brecha na cerração, um buraco que parecia abrir-se na massa cinzenta. Havia ali uma claridade distinta que abrigava promessas de um céu azul e muita luz. Seguiu naquela direção, pouco ligando se a consistência do solo era familiar ou não, deixando para trás a mata absorta na espessa neblina.

Chegou a um descampado onde a cerração era mais tênue. Seguiu caminhando na direção da luz, como um inseto atraído pelas chamas. Não era o fascínio pela luminosidade que o atraía, era a urgência de obter algum tipo de clareza quanto ao rumo que deveria seguir e, para isso, precisava enxergar o horizonte. Andou com pressa, a ansiedade ditando os passos rápidos, resolutos. Alguns poucos animais passavam por ele naquele campo aberto de muitas rochas e algumas árvores baixas. Enquanto caminhava, o sol finalmente cumpriu seu papel e, além de deixar nosso herói com uma sede danada, dissipou por completo a neblina. Finalmente, Vrooom pôde enxergar, com absoluta clareza, que estava completamente perdido. A paisagem, até onde alcançavam seus olhos, não se assemelhava a nada do que havia visto até então. Notou também que, assim como podia enxergar com nitidez os poucos bichos que ousavam correr por ali, a recíproca era verdadeira. Com essas duas constatações, a que estava totalmente perdido e a que estava completamente exposto, a sede tornou-se mais explícita e chamou sua prima, a fome. Sabia que estava muito longe da caverna; era um bom momento para buscar algo para comer. Ao contrário da mata, onde podia encontrar comida sem muito esforço, as árvores baixas, dispersas e desconhecidas, não lhe pareciam promissoras. Além disso, sentia necessidade de abocanhar carne, encher-se de força com o sangue de um animal. Olhou em volta e identificou buracos ao lado de algumas rochas. Enfiou a ponta de sua lança, mas só encontrou terra. Sem dúvida, era a toca de um bicho pequeno, o tamanho ideal para ele conseguir matar, pelar e se satisfazer. Viu um deles e tentou alcançá-lo, mas ele foi mais rápido. Lançou sua vara pontuda, que nem passou perto do animal arredio. Pegou-a novamente e enxugou o suor. Decidiu procurar por água.

A fome, a sede, o cansaço e o medo o atormentavam. Se Vrooom fosse religioso pensaria, naquele momento, que estava sendo punido por ter ficado na caverna escutando as conversas das mulheres em vez de ter aprendido com zelo a arte da caça. Para sua sorte, as religiões ainda estavam por ser inventadas, e ele não tinha, graças a Deus, esse tormento a mais para carregar. Logo farejou a bem-vinda umidade de água corrente. Tratava-se certamente de uma criatura capaz de saciar sua sede. Seu olfato o levou à beira de um pequeno lago. Entrou devagar, fincando sua lança à frente para medir a profundidade e, enfim, sentou-se na água e mergulhou sua boca no líquido precioso. Satisfeito, deitou sob o sol e logo adormeceu. Acordou com o ronco temeroso de um animal. Assustado, abriu os olhos e não viu nada de diferente, a não ser a sombra alongada de seu corpo. Farejou o ar, apurou o olhar e, novamente, ouviu o ronco, aliviado ao constatar que o animal faminto era seu próprio estômago. Levantou e olhou para o espelho d'água. Sua imagem refletida lhe chamou a atenção. Aproximou-se e contemplou a si mesmo. Sabia que era seu próprio reflexo, pois já se vira espelhado na água perto da caverna. Olhou com muita atenção o corpo magrelo, porém musculoso, os pelos que cobriam os braços, ombros, costas, peitos e pernas. Virou-se de lado e torceu o pescoço para enxergar. De perfil era quase tão fino quanto sua lança. Voltou a ficar de joelhos e aproximar seus olhos do reflexo. Na última vez que se vira, suas feições não se escondiam por trás da barba escura. Vrooom constatou com certo orgulho e, ao mesmo tempo, com uma dose de lamento, que tinha se tornado um macho peludo. Praticamente um adulto. Fez uma careta para a água e riu da sua própria brincadeira. Ensaçou mais algumas distorções da boca, arregalações de olhos, tirou a língua para fora e achou tudo muito divertido, até sua barriga voltar a emitir o ronco e a fome voltar a reinar. Vrooom se despediu do espelho e da brincadeira, matutando que deveria dialogar com sua própria imagem com mais frequência, embora o pequeno lago que ficava ao lado da caverna não permitisse um reflexo tão nítido. Assim que abandonou a água, começou a procurar comida. Aproximou-se de um ajuntamento de pequenas árvores, constatou que elas não tinham

frutas. Olhou para o chão a procura de alguma toca e viu, ao lado da raiz, umas coisas estranhas. Tinham o formato de árvores, com um tronco embaixo e uma cobertura que parecia uma copa, mas eram minúsculas. Vrooom arrancou um dos cogumelos da terra e o levou ao nariz. Cheirava bem. Comeu o primeiro e gostou da textura, do sabor, do ronco de seu estômago exigindo mais. Arrancou todos que havia ali e buscou outros com a pressa de quem não se alimentava havia eras. Sentou numa das raízes para saborear os últimos que colheu. Pouco depois de se sentir satisfeito, tanto pela descoberta do novo alimento quanto por não mais sentir fome, veio a dor. No primeiro instante, era algo longínquo como um eco, como um aviso de que uma tempestade se aproximava. Vrooom tentou levantar, sentiu-se estranho e, obedecendo ao segundo aviso que se insinuava pelo ventre, tornou a sentar. Mal se acomodou, o desastre anunciado deu as caras na forma de uma dor dilacerante; um conjunto de pontadas e choques contorceram suas entranhas e dobraram-no como um galho partido. A primeira onda de pontadas logo passou, permitindo que respirasse. Inalava o ar pelo nariz e pela boca, tentando acalmar seu corpo com longas aspiradas. Conseguiu se endireitar. Nem bem curtiu o breve alívio e uma nova onda se insinuou, cresceu e se arreventou dentro dele, fazendo-o ranger os dentes, morder os lábios. Vrooom agarrava-se à sua lança com uma mão e com a outra massageava a barriga, tentava aquietar o intestino. Na terceira onda, sentiu frio, embora suasse muito. Gotas escorriam-lhe pela barba, sua testa queimava e seus músculos tremiam. Vrooom fechou os olhos e se preparou para morrer. Sabia que nada poderia salvá-lo daquela sensação. Foi quando chegou a ave com um enorme estrondo e o recolheu pelo bico, fechando-o em torno de seu pescoço com força suficiente para que não caísse, com a delicadeza necessária para não machucá-lo.

Assustado, viu o chão se afastar, os topos das pequenas árvores se distanciarem, o lago apequenar-se. Reconheceu as imensas copas frondosas da floresta onde sua gente caçava. Contemplou as encostas dos morros que se estendiam a seus pés, rios brilhando ao sol como artérias douradas na terra escura e soube,

naquele momento, que voar era tudo. O bicho alado cruzou bosques, vales e montanhas com sua presa no bico até que despencou, de repente, como se fosse mergulhar contra o chão. Vrooom sentiu-se tonto e, pela segunda vez, esperou a morte. Mas a ave pousou suavemente numa clareira, causando um alarido entre os animais e algumas crianças que ali se encontravam. Para sua grande surpresa, viu-se solto em terra firme, ao lado da mais querida das cavernas. Ele entrou e deu um grito, que assustou as mulheres e o fez cair na gargalhada. As fêmeas, após se restabelecerem, cercaram seu corpo delgado e riram com ele. Sabia o que dele era esperado e não decepcionou. Gemidos, gritos e sussurros acariciavam-no enquanto satisfazia os desejos femininos. Todas o queriam, ansiavam pelo líquido branco de seu pênis. Viu naquele bando de criaturas adoráveis um só ser, como se cada uma fosse uma pequena parte de um corpo grandioso. Ele não mais as distinguia por nomes, por feições; perderam a individualidade para formarem algo maior. E, ao constatar isso, ao verificar que o semicírculo de mulheres atendidas por ele crescia e formava um só corpo, embora a fila das que esperavam a sua vez não diminuísse, teve a primeira sensação de incômodo. Um elemento sombrio infiltrou-se no prazer. Logo o desconforto virou dor e seu corpo foi abandonado de qualquer potência para desfazer-se em líquido, derreter-se na caverna.

Vrooom despertou do desmaio e contemplou as estrelas que vigiavam seu sono. Nunca vira um céu assim, tão pontilhado de luzes que formavam um desenho cheio de mistérios. Ele respirou o ar da noite, muito mais seco que o da noite anterior, e se deu conta que estava longe do abrigo e das mulheres. O único resquício que permanecia da viagem era a sensação de fraqueza, de abandono do corpo. Sentiu a boca seca e tentou matar a sede com a própria saliva e, nessa atividade de salivar, tornou a adormecer.

Vroom despertou com uma língua quente e sedosa lambendo seu rosto. Era o sol. Reconheceu o sítio onde, na véspera, havia ingerido os cogumelos. Ao seu lado percebeu, cercado de moscas, um montículo de merda líquida, resultado da dor de barriga que quase o matou. Teve medo de levantar, ainda se sentia fraco, e se arrastou lentamente até o lago onde afogou a segura que dominava o seu corpo. Enquanto bebia e sentia revigorar-se, reconstruía em imagens o dia anterior. Lembrou dos cogumelos ingeridos e da viagem que fez no bico da águia. Nunca tinha visto o mundo daquela forma e compreendeu, de repente, que havia muito a descobrir, que o seu conhecimento era menor do que o saber de cada um dos minúsculos insetos que povoavam a sua bosta, porque eles tinham asas e ele não. Intuíu haver uma ligação entre o cogumelo e a águia. Com o cogumelo ele poderia ver coisas que estavam normalmente fora de seu alcance, ir para onde ninguém havia ido e, o melhor, voltar do lugar que fosse para sua caverna. Lembrou-se da orgia com as mulheres e isso levou à lembrança do dia em que o colocaram deitado, cercado pelas meninas, e Mããã esfregou-se em seu pênis. Subitamente entendeu: ela queria mostrar aquele líquido pegajoso, tão diferente da urina, mas que saía do mesmo lugar. Era nisso que estavam interessadas. Havia ali algo de valioso. Mas o quê? Não conseguia imaginar. Seria um alimento, como o leite que vertiam das mamas? E se realmente fosse, porque ninguém sabia disso? Vroom, por fim, levantou-se e buscou sua lança. Tinha que seguir caminho. Perambulou a esmo, com as pernas ainda bambas, a vara servindo mais como bengala do que arma. Não se deu conta (ou talvez tenha se dado conta, mas não se importou) de estar se afastando ainda mais da floresta onde sua tribo caçava. Não encontrou mais cogumelos, mas se deparou com arbustos que continham uma fruta leve e deliciosa; com essas frutas enganou sua fome. Ao engolir, sentiu que ainda não estava totalmente curado da indigestão do dia anterior. Voltou a beber muita água e a mastigar um capim ralo.

Depois de algumas horas de caminhada, sentou para descansar e avaliar o terreno. Ali, mesmo as árvores baixas eram raras. Havia alguns arbustos em campo aberto e uma grama que se estendia rente ao chão. Percebeu que o sol baixava e que os cheiros do final da tarde já se insinuavam. Um paredão de colinas e montanhas se erguia no horizonte, atrás delas descia o bicho sol. Era difícil avaliar a distância, mas sabia que não atingiria aquelas montanhas antes do anoitecer. Resolveu procurar um bom lugar para passar a noite, um local com alguma fonte d'água. A ideia de capturar algum bicho voltou a ocupar sua mente e a isso ele dedicou o tempo que tinha até o céu cobrir-se de estrelas e a terra de breu.

Era a terceira noite de Vroom fora da caverna, mas estava muito menos preocupado do que na primeira. Estava mais perdido e muito mais distante da moradia da tribo do que quando se extraviou dos outros caçadores. O terreno era muito menos familiar do que o dos arredores da caverna e da floresta, ambos repletos de árvores altas e forte vegetação. Esteve a um passo da morte na noite anterior, mas vivera uma experiência singular. Talvez essa experiência houvesse despertado novos interesses ou, talvez, dado um rumo a interesses antigos. Descobriu que o cogumelo era perigoso, mas trazia novas percepções, elevava-o a outro patamar de conhecimento. Ele temia a dor, temia o mal-estar, mesmo assim, comeria novamente a iguaria se a encontrasse. Algo dentro dele era mais forte do que o medo: a curiosidade. Isso se refletia na relativa calma com que se preparava para dormir ao relento. Sabia que corria perigo e não fazia a menor ideia de que seu estado febril e alucinante garantiria sua segurança na noite passada. Os animais daquelas paragens não se aproximavam de criaturas delirantes. Continuava com o objetivo de encontrar o caminho de volta à segurança da sua caverna, da sua gente, daquele cheiro ocre e quente da convivência tribal. Só não tinha urgência, não sentia mais o desespero por estar só. Havia percorrido um caminho sem a proteção de seus irmãos, havia pernoitado fora da caverna e sobrevivido; percebia que tinha condições de encarar essa jornada, coisa que antes não imaginava possível. Queria explorar o mundo que começava a se revelar e descobrir seu tamanho, para além dos

lugares que limitavam sua vivência. As paisagens diferentes e o ar mais seco despertaram a sede de conhecimento e ele sabia que não adiantava se desesperar em relação à volta. Passaria mais algumas noites a céu aberto, fosse qual fosse o caminho que seguisse. Então, já que chegara tão longe podia avançar mais um pouco. Bastava permanecer atento.

O que mais lhe fazia falta era o fogo. O fogo traria segurança, daria outro sabor à cobra que conseguira abater com uma pedrada na cabeça e, agora, sob a luz do luar, trabalhava para esfolar. Fazia isso sem deixar de olhar em volta para avaliar o quanto estava exposto. Não havia por ali árvores altas para trepar nem grandes rochas nas quais pudesse se encostar, deixando ao menos sua retaguarda protegida. Lembrou-se do animal que tentou caçar no dia anterior, aquele que se escondia numa toca. Poderia cavar uma toca como abrigo. Depois de esfolar o réptil e alimentar-se, foi apalpando a terra com o pé para ver onde era mais fofa. Começou a cavar, primeiro com as mãos, depois com a ajuda da ponta da lança. Cavava atento para qualquer perigo que se aproximasse. Para sua sorte, era uma noite de lua cheia e seus olhos logo se acostumaram com a penumbra prateada. Na terceira vez que parou para descansar, decepcionado com o tamanho do buraco que levava tanto tempo para fazer, escutou os uivos. Não era o chirriar das aves noturnas de olhos brilhantes, com as quais estava se acostumando. Pareciam lamentos profundos, que fizeram um frio percorrer sua espinha. Não conseguia imaginar o tamanho nem a forma do animal que os emitia, mas algo naqueles uivos transmitia-lhe a certeza de que se tratava de uma fera muito faminta. Essa convicção renovou a energia para voltar ao trabalho com esforço redobrado. Tirou terra com grande esmero até fazer um buraco em que cabia seu corpo, ainda que bem encolhido. Lá se enfiou e adormeceu ao som dos uivos dilacerantes que saudavam o luar.

XVI

Despertou com a garganta seca, a boca cheia de terra e o sol alto no horizonte. Sacudiu-se para fora da toca rasa e notou que alguém próximo se assustara com o movimento. Era um bicho de estatura média, pelo cinzento, orelhas pontudas e um focinho comprido. O susto o afastou do local onde estava sentado, feito um vigia, há poucos passos da toca de Vrooom. O bicho cinzento se virou e se afastou ainda mais, pretendendo demonstrar desinteresse. Andou mais uns passos e só depois voltou seu pescoço para ver o que havia saído do buraco que vigiava. Vrooom agachou-se e pegou a lança, que naquelas alturas já estava com a ponta um tanto desgastada. Levou-a para perto do peito e encarou o animal. Os olhos dos dois se encontraram e revelaram a mesma expressão: uma mistura de medo, curiosidade e a tentativa de disfarçar o medo com uma ferocidade que não convencia. Talvez tenha sido essa expressão comum que criou o laço, atenuou a barreira. Fosse o que fosse, o rapaz sentiu uma identificação que logo se transformou em afeição. Pegou um pedaço da carne de cobra que havia sobrado, repartiu-o com os dentes e atirou um naco em direção ao bicho. O animal olhou para ele desconfiado, olhou para o pedaço de carne atirado a pouca distância, olhou novamente para Vrooom, que mastigava os restos do réptil com ruídos de dar água na boca, e foi se aproximando da comida, como se o seu focinho fosse uma missão de reconhecimento.

Ao observar a maneira como ele avançava – um olho na comida e o outro no provedor –, Vrooom soube de imediato que era o animal que produziu o lamento profundo na noite anterior. O som triste dos uivos e o avanço cauteloso da criatura pertenciam-se mutuamente. Sentiu vontade de se aproximar, mas deixou o bicho mastigar em paz a refeição compartilhada. Assim que terminou de comer, levantou os olhos para Vrooom. Mais uma vez se encararam, dessa vez, sem o disfarce do olhar feroz. Vrooom imitou o uivo que ouvira na noite anterior. O animal prontamente respondeu, apontando o focinho para o

céu como se farejasse as nuvens enquanto uivava. Vrooom contemplou os olhos cinzentos, quase azulados na luz clara da manhã e sentiu que, de alguma maneira, mirava seu próprio reflexo. Prontamente, cunhou um nome para o bicho, inspirado no som de seu uivo, chamou-o de Uuulf.

Teria Uuulf também se desgarrado de sua tribo? Teria ele se perdido do grupo ou o grupo "se perdido" dele? E qual seria o caso de Vrooom? Naqueles tempos, a figura do pária não existia, mas havia momentos em que ele se sentia assim. Ele era deveras diferente, não conseguira mostrar seu valor na vida coletiva. Ansiava para um dia poder contribuir, fazer aparecer o seu quilate, mas não podia imaginar de que maneira, a não ser sendo um bom caçador, o que estava longe de suas aptidões. Seria Uuulf sua alma gêmea, partilhando da mesma situação? Como para confirmar, o animal, após lambe o chão onde antes jazia o que restou da cobra, apontou suas orelhas para o céu. Vrooom sinalizou que o seguisse e começou a caminhar em direção às montanhas. Uuulf ergueu as patas traseiras sobre as quais estava sentado, mas não saiu do lugar. Vrooom virou para ver se estava sendo seguido, soltou mais um uivo e voltou a caminhar, ouvindo os passos tímidos em seu encaço. Ele arrefeceu o ritmo, mas apertou a lança. Desejava a companhia do animal, mas também não era bobo de facilitar. Logo Uuulf o alcançou, mas não se aproximou demais. Assim andaram os dois, lado a lado, mas com uma distância segura entre si. Em certo momento, Vrooom apontou a lança para a cordilheira, como se indicasse, ao seu novo amigo, qual era o objetivo da jornada e, ao mesmo tempo, estabelecesse uma espécie de liderança. Uuulf não se abalou nem com uma coisa nem com a outra. É provável que nem tivesse entendido que seu novo colega havia mostrado um caminho a seguir e, muito menos, que aquilo demarcava uma hierarquia. Talvez matutasse sobre como são curiosos os destinos. O que há poucas horas parecia uma refeição, se transformara num companheiro de viagem. Para ele, tanto um como outro eram bem vindos. E assim como A se transformou em B, poderia se retransformar, no decorrer da jornada. Essa era a natureza dos relacionamentos, naqueles tempos.

Passadas algumas horas, encontraram uma sombra que os convidava ao descanso. Vrooom sentou ao seu abrigo e Uuulf chegou um pouco mais perto, embora ainda mantendo distância. Mal haviam se acomodado e o bicho virou para o lado e saltou em disparada. Vrooom tentou ver o que ele perseguia, mas só conseguiu fazê-lo quando se aproximou com a presa nos dentes, retribuindo a gentileza do início da manhã. Primeiro saciaram a sede ao beber o sangue do pequeno animal. Depois o jovem usou sua ferramenta pontuda para pelar a caça e expor sua carne que dividiu com o parceiro. Para sua surpresa, pôde trabalhar em paz, sem nenhuma interferência ou suspeita por parte da fera. Não era fácil esfolar aquele bicho e Vrooom dava duro, pois valia a pena, em termos digestivos e degustativos. Novamente, pensou na falta que o fogo fazia. Aquela carne, grelhada, teria outro sabor, Uuulf não podia nem imaginar. Enquanto trabalhava sobre o corpo quente, Vrooom invejava o ser deitado a poucos passos, esperando pacientemente a hora de saborear sua refeição. Ao mesmo tempo que Uuulf nem sonhava como seria saborear comida assada e tampouco teria a capacidade de criar uma ferramenta como a que Vrooom usava, era um caçador infinitamente superior. E não apenas em relação ao rapaz que, sabidamente, não era dotado de grandes habilidades; era melhor do que qualquer membro da tribo. Era mais rápido, mais forte, tinha o faro mais aguçado e suas garras e presas eram muito mais afiadas que as dos humanos. Vrooom imaginou como seria se conseguisse se transformar num Uuulf na hora da caça e, assim, surpreender os caçadores da sua tribo. Seria venerado como poucos, principalmente pelas mulheres geradoras de vida. Continuou seus devaneios durante toda a refeição, admirando a constituição de seu companheiro, a maneira como atacava o alimento com mordidas precisas e mandíbulas firmes. Para Vrooom, o fato de precisarem de fogo, de lanças, de pedras afiadas para se alimentarem, era um sinal de inferioridade frente a um animal como Uuulf, que nascia todo paramentado. O rapaz se perdeu em delírios de transformação, mas não lhe ocorreu que a parceria recém-nascida poderia se transformar em um pacto duradouro, em um modelo de trabalho: ele com suas ferramentas e fogo, e Uuulf com suas

garras e velocidade, caçando para a tribo. Esse conceito ainda estava longe de tomar forma e alastrar-se pelo planeta. Assim, contentou-se com a fantasia que, milênios mais tarde, se transformaria num nicho literário – a do lobisomem –, sem avançar sobre os limites complexos da domesticação animal.

Quando terminaram de comer, as sombras se apresentavam longas e as montanhas seguiam distantes. Vrooom resolveu aproveitar a luz do dia e continuar a caminhada, apesar do raro deleite proporcionado pela farta refeição que convidava a um descanso demorado. Colocou a pele do pequeno bicho esfolado sobre a cabeça, como um gorro, e levantou-se chamando seu novo amigo com um uivo curto. Este, prontamente, colocou-se sobre as quatro patas e assim puseram-se a caminho, provando o perfeito funcionamento da comunicação recém estabelecida.

No segundo dia da caminhada, ao partilharem mais uma refeição, foram atacados por uma fera. Uma repentina mudança de vento a denunciou enquanto se esgueirava junto aos arbustos na direção onde estavam sentados. Os dois farejaram-na e se colocaram em pé. Vrooom pegou sua lança. Ela, ao notar que fora descoberta, saltou do esconderijo e partiu para o ataque. O jovem e Uuulf se puseram a correr, cada um para um lado. Por um instante, isso deixou a fera indecisa, até resolver perseguir Uuulf, que havia corrido na direção de umas rochas e, não tendo conseguido pular por cima delas, ficou praticamente encurralado. Para sua sorte, a fera, uma felina, gostava de se divertir com as vítimas antes de saboreá-las. Ela estacou na frente de Uuulf, levantou uma pata e mostrou suas garras, soltando um rugido de contentamento. Com o rugido veio um bafo que paralisou sua presa. Vrooom, que seguia em disparada, parou e virou-se. Ao contemplar a situação, lembrou-se dos truques da sua tribo. A ação coordenada sempre foi uma arma poderosa contra animais muito maiores do que eles. Aproveitou o fato de estar contra o vento e que a felina se concentrava em seu companheiro, ergueu uma pedra, aproximou-se e a atirou contra o bicho. A fera, atingida no pescoço, voltou-se para Vrooom. Uuulf

entendeu o espírito da manobra e atacou seu lombo, o que a deixou furiosa. Enquanto ela tentava alcançar Uuulf com suas mandíbulas, rodopiando no encaço do seu rabo, o rapaz tomou coragem, passou correndo e fincou a coxa felina com a vara pontuda, afastou-se e pegou outra pedra. A felina conseguiu, com uma abanada do dorso, fazer Uuulf voar longe, mas ele aterrissou em espaço aberto. Agora era ela quem estava encurralada. Tinha as rochas atrás de si, o humano à direita, o canídeo à esquerda. Olhavam para ela e um para o outro, prontos para contra-atacar. Com a coxa sangrando, o lombo doendo e atordoada pela reação de dois seres inferiores em ação conjunta, achou melhor, àquela altura, retirar-se.

Incrédula, a dupla olhou o enorme bicho se afastando e, quando desapareceu, festejaram com um uivo sincronizado. O brilho nos olhos dos dois serviu como um cumprimento. Não eram mais companheiros de viagem, eram irmãos. Naquela noite dormiram juntos, encostados um no outro, protegendo-se, com o calor de seus corpos, da noite e da solidão.

XVII

Caminharam juntos por vários dias, estreitando a colaboração, partilhando aventuras e aumentando a mútua afeição, até que as montanhas ao longe foram vistas de perto, transformando-se em grandes paredões de rocha e floresta, impressionando Vrooom em sua imponência. Uuulf, nas últimas horas de caminhada, estava mais agitado do que normalmente quando o dia dava ares de findar e os cheiros da noite infiltravam-se na tarde. Andava em círculos ao redor de Vrooom, depois corria de um lado para o outro, farejava demoradamente o chão e apontava o focinho para cima em várias direções. Não uivava, mas emitia pequenos grunhidos, como se estivesse remoendo uma questão delicada, algo mal resolvido.

Vrooom havia esquecido a fome, a sede e o cansaço ao contemplar a rocha que se erguia à sua frente. Tinha a nítida sensação de que chegara no limite do mundo. Uma muralha intransponível que marcava o

perímetro do universo. Nem passava pela sua cabeça que poderia escalar aquele paredão, ir além. Encarou a cordilheira como encarava tudo ao seu redor: como se fosse um ser vivo, assim como eram as aves, os felinos, os rios, as árvores e as pedras. O fato de nunca ter visto, nunca ter chegado perto de uma criatura de tamanha dimensão, inspirava nele um temor mesclado de respeito e admiração. Olhava a montanha mais próxima com imensa curiosidade e, concomitantemente, em alerta total para dar no pé ao primeiro sinal de perigo. De nada adiantou. Cuidou tanto a montanha que não percebeu quando ele e seu companheiro foram cercados por uma matilha de animais da mesma espécie de Uuulf, dentes arreganhados e olhares hostis. Vrooom aproximou a lança do peito e a agarrou com firmeza. Sabia que de nada adiantaria, pois estava cercado, e o inimigo, além de numeroso, era superior em força e agilidade. Mesmo assim, tentou extrair alguma coragem do pedaço de pau cuja extremidade afiada havia visto dias melhores. Lembrou-se das poucas vezes que participara das expedições de caça quando conseguiam cercar uma presa. As chances de a vítima escapar, mesmo sendo um animal ligeiro e forte, eram parcas. E Vrooom estava completamente cercado. Exalava adrenalina por todos os poros, o que atiçava ainda mais as glândulas salivares de seus algozes, que corriam a sua volta em um círculo perfeito. Vrooom sentiu, naquele momento, um apego, como nunca antes sentira. Um apego à terra que sustentava seus pés, aos odores que invadiam suas narinas, aos ruídos que enchiam a terra de vida, às paisagens que deixara para trás e às que estava descobrindo. Vislumbrou os olhos meigos de Mieieé e o sorriso de Buohho e um nó lhe apertou a garganta.

Enquanto o humano se despedia da vida, Uuulf resolveu agir. Aproximou-se do bando, do qual havia se desgarrado há poucos dias, e comunicou-lhes, através de várias corridas ao redor de Vrooom, que ele era um protegido. Levou um tempo para convencer o líder e, em consequência, os outros. Felizmente para o jovem e para todos nós (e essa opinião pode sofrer mudanças no decorrer da história), Uuulf não desistiu até ter certeza de que o amigo estaria a salvo. Vrooom foi cheirado por cada membro da numerosa

matilha e depois, sem grandes gestos dramáticos ou lágrimas, Uuulf deu adeus ao irmão de jornada e seguiu com sua turma no caminho das montanhas.

Vroom, ainda incrédulo em como os olhares se desostilizaram e os dentes se desarrenganharam, ouviu seu amigo emitir um último ganido e o viu sumir no meio de seus iguais após deixá-lo são e salvo. Aliviado, seguiu o bando com o olhar e pôde perceber que, após um breve sumiço, ele surgia na base da montanha. À medida que avançavam, os animais saíam de vista e tornavam a aparecer entre a vegetação da serra, cada vez num ponto mais alto. O rapaz concluiu que ali havia uma trilha a qual era possível percorrer e, mais uma vez, sua curiosidade, sua sede por conhecimento superou o medo, inquieto tão frequente, e ele encarou o grande bicho montanha até achar a picada e seguir por ela morro acima até quase não haver mais luz. Era como andar na floresta, só que mais cansativo, e Vroom, exausto da perambulação e das emoções do dia, trepou em uma das grandes árvores que circundavam a trilha e lá se acomodou num galho para recuperar as forças e dar as boas vindas ao sono.

XVIII

Acordou molhado, tamanha a umidade que o cercava. Olhou ao redor e só viu neblina, uma neblina estonteante, com variação de cores e densidade, muito distinta da cerração que o fizera se perder na floresta. Abraçou-se, esfregando as mãos nos braços, para livrar-se do frio; conseguiu distinguir as copas das árvores próximas, silhuetadas na cerração. Havia aprendido com a experiência anterior que era melhor ficar imóvel, aguardar que clareasse. Contemplou mesmerizado o espetáculo do nevoeiro. Colunas de vapor azul mesclavam-se com cinzas de várias tonalidades, tornando-se completamente brancas em alguns momentos e, em outros, tingindo-se de dourado e verde. Véus de distintas densidades trafegavam entre as árvores em uma dança flutuante; blocos de bruma impenetrável cediam lugar a um hiato de paisagem, que logo se fechava, enquanto um naco da encosta ou do vale se desvendava

magicamente mais adiante e tornava a ser engolido pela massa leitosa. Parecia a brincadeira de esconder que Vrooom fazia com seus amigos. Voltou a adormecer e a sonhar com a caverna e as fêmeas que por ele esperavam. Suas feições estavam borradas, como se cobertas pela bruma, mas seus corpos se apresentavam apetitosos. Vrooom ejaculou, contribuindo ainda mais para a umidade do ar, e acordou satisfeito com a visita que havia feito à sua tribo, sem encontrar ali um macho sequer. Contemplou o sol que expulsara o nevoeiro e viu como tudo brilhava na umidade banhada pela luz do grande astro. Procurou em volta alguma fruta e logo se pôs a caminho, subindo ainda mais pelo veio da montanha.

À medida que avançava, a floresta tornava-se menos densa e as árvores eram substituídas por poucos arbustos e grandes pedras. O cheiro também mudava radicalmente. Odores que ele não conhecia passaram uma alerta bem familiar: perigo. Não viu mais sinais do Uuulf nem da sua matilha. Pensou em como seria bom se sua tribo também aparecesse para resgatá-lo e o levasse novamente para o seio familiar. Suas visitas rápidas à caverna matavam a saudade do momento, mas aumentavam o sentimento de solidão. Estava confuso com aqueles sonhos, pois normalmente as breves viagens eram para fora da caverna e terminavam com ele despertando em seu abrigo de sempre. Há vários dias, a situação se invertia e isso não lhe agradava nem um pouco. Para aliviar a solidão, invocou todos os sons que ouviu em sua jornada. Migrava do lamento dos canídeos para os guinchos dos pássaros, cantava o zunido dos insetos e o vento nas folhas, batia as mãos no ritmo do martelar do pica-pau e imitava o som da água saindo de uma fonte. Improvisava suas transições buscando combiná-las de maneira harmoniosa, expressando assim as saudades de casa e a alegria das descobertas. Divertiu-se muito com essa nova atividade sonora e a batizou de *Jazzz*.

A essa altura, encontrar o caminho de volta era uma ideia vaga, uma missão abstrata, embora presente. Era um objetivo almejado pela mente, mas não acompanhado pelas pernas. Se tentasse seguir esse

propósito não teria a mínima noção de qual direção tomar, embora soubesse que escalar o bicho montanha era o caminho errado. Mesmo assim, seguiu morro acima, sentindo o peso da subida nas pernas e no fôlego. Quando o sol atravessou para o outro lado da montanha e a encosta cobriu-se de sombra, distinguiu na margem da trilha aberturas nas rochas que formavam pequenas cavernas. Nenhuma delas parecia ter o tamanho da sua, mas isso não importava. Vistas de fora, pareciam grandes o suficiente para servir de abrigo na noite. Iria explorá-las ao fim do dia. Animado com a ideia, procurou um bom lugar para sentar e descansar e, ao fazer isso, afastou os olhos do bicho montanha e vislumbrou a vista lá embaixo. Mesmo sem o brilho do sol, o espetáculo era impressionante. Entendeu que estava contemplando a paisagem pela qual havia passado anteriormente, no entanto ela se assemelhava mais com a viagem pela qual a águia o havia levado. Fincou os cotovelos sobre os joelhos após sentar em uma pequena pedra na beirada e começou a observar. Logo distinguiu, lá embaixo, o movimento de alguns animais por entre os arbustos. Tanto os animais como os arbustos pareciam minúsculos. À medida que foi aprofundando o olhar, conseguiu identificar elementos da paisagem, criando uma relação entre o que via de cima e o que havia visto embaixo. Notou que as coisas diminuía de tamanho quando estavam distantes, quanto mais distantes, menores, até se embaralharem e se perderem de vista.

Quanto mais observava, mais extasiado ficava. Nunca teve a seus pés um pedaço de terra tão extenso, onde florestas densas pareciam couves e mamíferos enormes pareciam insetos. Sentia-se poderoso por estar no alto, perto do peito do bicho montanha e, também, humilde perante toda essa grandeza. A pele eriçou-se ao perceber que a sombra virava penumbra e logo a escuridão tomaria conta. Ele se levantou e começou a perambular atrás de uma boa caverna. Enquanto olhava as rochas, buscava alguma raiz, alguma fruta comestível, mas nada encontrou. Acabou entrando, com o estômago roncando, em um abrigo que lhe pareceu adequado. Aspirou o ar da caverna estreita e sentiu um cheiro bom de água. A sensação familiar de estar abrigado dentro de uma fenda era aconchegante. Faltavam o calor e a

segurança do fogo e do seu povo, mas seria a primeira vez, desde que se perdera, que dormiria com um teto acima de sua cabeça e paredes sólidas ao seu redor.

Na visita que fez à tribo contou sobre o mundo distante que descobrira, sobre a magnífica paisagem vista do bicho montanha. Narrava usando o corpo, com gestos e expressões faciais, e a voz com grunhidos que iam além da imitação dos sons da natureza. Grunhidos que tinham significado para ele e para as mulheres que o cercavam. Não reconhecia nenhuma delas, mas sabia que eram suas mulheres e que a mais poderosa delas o escolhia para copular. Ele estava orgulhoso. Orgulhoso da sua sabedoria, dos conhecimentos que transmitia para seu povo e de como isso fazia com que fosse valorizado. Enquanto a matriarca o conduzia ao leito, sentiu o olhar dos machos abalando a sua confiança. Acordou saboreando a mista sensação de ser um grande narrador, admirado pelas mulheres, e um caçador fajuto, desprezado pelos homens.

Saiu da caverna com o corpo exigindo alimento. Mal avançou rumo à cabeça do bicho montanha e um odor muito forte o fez parar. Era cheiro de fera, de animal grande. O rapaz apertou sua lança, olhou em volta, mas não viu nada. No entanto, sentia a presença, sabia que a origem daquele cheiro estava próxima. Percebeu, oculta por um arbusto, a entrada de outra caverna. Apurou o olfato. Não havia dúvida: o cheiro vinha dali, do interior da toca. Vroom sabia que não se tratava de um animal pequeno, sabia que corria perigo, mas estava faminto. Com toda cautela, avançou em direção à abertura na rocha. Espiou para dentro, estava muito escuro. Ficou imóvel, esforçando-se para identificar os ruídos e, quando seus olhos se acostumaram à penumbra, conseguiu distinguir os três felinos dormitando num canto. Para sua sorte, eram filhotes. O cheiro azedo de leite dominava o ambiente. Esperou um pouco até ter certeza de que a mãe não estava por ali – certamente se tratava de uma espécie grande o suficiente

para rasgar-lhe ao meio sem muito esforço – e entrou rapidamente na pequena caverna, agarrou um dos filhotes pelo pescoço e saiu tão rápido quanto pôde.

O bichinho despertou enquanto Vrooom se afastava com ele e, desesperado, tentou arranhá-lo. Em vão. O rapaz segurava-o firme pelo cangote e se mantinha fora do alcance de suas garras. Escalava a trilha com enorme disposição, pensando em se afastar até estar seguro e então proceder com o abate de seu delicioso manjar. Sabia que filhotes tinham a carne mais macia, mais apetitosa ao mastigar. Iria procurar uma boa pedra e dar-lhe uma forte pancada na cabeça para depois esfolá-lo. Mas só faria isso quando encontrasse um lugar protegido.

Parecia até que o pequeno animal conseguira ler os pensamentos de Vrooom. Soltou um gemido agudo, feito a ponta de uma lança bem afiada. O rapaz estancou por um momento, mas não se deixou abalar. Voltou a avançar em direção ao topo. No entanto, logo ouviu outro ruído que parecia vir da parte inferior da montanha. Aproximou-se da encosta e, abaixo deles, na trilha que serpenteava pelo morro, pôde vislumbrar a mãe de sua presa. Uma parede íngreme de boa altura os separava. Isso não intimidou a fera. Ao ver o seu filhote nas mãos do intruso, saltou com agilidade estonteante, sem nem mesmo tomar impulso, mas não foi suficiente para superar a encosta. Tentou agarrar-se à parede rochosa para seguir dali. Vrooom sentiu um arrepio enquanto a via deslizar, suas garras arranhando a pedra, pequenos galhos e pedregulhos deslizando junto com ela. Seu corpo era longo, preto como a noite. Seus olhos soltavam faíscas. Vrooom sabia que, tão logo ela tivesse os pés firmes no chão, tentaria novamente alcançá-los. Ela ter falhado uma vez não significava que estava a salvo.

O filhote, vendo a mãe, esperneou e se debateu com muito mais ímpeto. Vrooom segurava-o firme com a mão direita, com a esquerda sacudia sua lança. Suas pernas queriam seguir correndo montanha acima, aumentar a distância entre eles e a fera. No entanto, o rugido ameaçador deixou-o grudado no lugar.

Algo lhe dizia que se largasse o filhote estaria livre do castigo da mãe, pelo menos ganharia um bom tempo. Por outro lado, estava com muita fome, carregado de adrenalina pela caça bem sucedida e seria terrível abrir mão da refeição suculenta, que já havia começado a desfrutar na imaginação. A fera tomou impulso para uma nova tentativa. Vrooom fez rolares algumas pedras em sua direção. Mesmo assim, ela pulou, um salto enorme, quase certo e, mais uma vez, começou a lutar para não escorregar. Vrooom sabia que não podia mais ficar ali. Lançou-se morro acima, espiando de vez em quando para trás. O pequeno felino gemia com mais força. Vrooom cutucou o filhote com a lança, ameaçando para que se calasse, mas isso só fez a situação piorar. Não podia matá-lo antes de chegar a um local que lhe parecesse absolutamente seguro. Se a mãe viesse no seu encalço, ainda tinha o filho vivo para soltar e esperar que ela se preocupasse mais com o resgate do rebento do que com a punição do caçador. Por outro lado, sabia que ela estava ausente da caverna porque saíra para buscar comida. Atacar Vrooom resolveria dois problemas com uma única ação.

O rapaz já estava sem forças. Faminto, estressado, extenuado da escalada rápida com um ser vivo esperneando em suas mãos. À medida que avançava, e o outro se debatia, parecia que o peso em seu braço aumentava. Finalmente, encontrou uma saliência rochosa que dominava a trilha. Dali avistaria a felina negra, caso viesse em seu encalço. Entre a rocha e a parede da montanha, se formava um estreito onde Vrooom julgou que poderia se esconder e permanecer a salvo das garras da fera. Mas para escalar até aquela saliência teria que matar o filhote. Jamais conseguiria subir sem usar as duas mãos. Levantou seu braço para baixá-lo com força contra a ponta da pedra e bater com a cabeça do animal. O pequeno felino ali em cima, suspenso pelo cangote, parou de esganiçar, como se soubesse que seria em vão, como se pressentisse que a vida que curtiu por período tão breve iria abandoná-lo para manter vivo outro ser mais sortudo. Aprendia naqueles poucos instantes uma lição fundamental que de nada lhe serviria.

Tomou consciência disso enquanto a rocha se aproximava numa rapidez alucinante para partir, enfim, o seu crânio.

Vroom deu duas longas sorvidas no sangue que começou a jorrar da cabeça do bicho. Aquele líquido quente o animou. Certificou-se de que estava completamente morto, jogou o corpo para cima da pedra e logo subiu atrás com a ajuda de sua lança. Pretendia ainda beber um bocado daquele sangue antes de partir para a tarefa árdua de tirar a pele e dilacerar a carne. Estava realmente exausto.

XIX

Após a farta refeição, teve que travar uma luta para não se render à preguiça e dispensar a sesta que seu corpo pedia. Embora saciado com a carne tenra, lamentava, mais do que nunca, não ter uma fogueira ao seu lado. A carne teria outra textura, outro sabor, sem falar na proteção adicional caso a mãe de sua refeição aparecesse de surpresa. Era a grande vantagem que tinham, ele e sua tribo, sobre os outros animais. Não temiam o fogo. Conheciam sua força, mas haviam aprendido (na pele) a lidar com ele. Não sabiam, no entanto, produzir fogo e nem imaginavam que isso era possível. Para obter a preciosa chama a tribo se aproveitava de árvores ou arbustos, que ardiam após uma tempestade de raios. O fogo era cuidadosamente trazido para a caverna e uma das tarefas mais importantes das crianças e das mulheres era manter a chama viva, alimentá-la com gravetos, galhos e folhas. Além do fogo, sentiu falta de ferramentas mais adequadas para aproveitar ao máximo o espólio de sua caça. Depois do exaustivo trabalho, a pele estava toda dilacerada, virou um amontoado de retalhos que para nada serviam. Após tanta emoção e esforço, e com o estômago cheio, era natural que predominasse a vontade de se estirar ali mesmo e tirar uma soneca. Mas seu senso de caçador, aguçado desde que se perdera da tribo, dizia que já havia abusado bastante da sorte, que era bom se levantar e seguir caminho. Além disso, o sol estava

alto, logo iniciaria sua descida do outro lado da montanha; Vrooom queria se afastar da caverna onde achara o filhote e do local onde o abatera e agora deixava os seus restos.

Deslizou do abrigo da grande rocha para a estreita trilha e precipitou-se morro acima com passos firmes e sem olhar para trás. A caminhada lhe fez bem, expulsou os últimos vestígios da letargia, substituída por embriaguez e orgulho. Estava sozinho, muito longe de sua tribo, e estava se virando. Acabara de matar uma cria quase nos bigodes da mãe, uma fera perigosa, e se dera bem. Lembrou-se da aflição ao bater a cabeça do ser vivo contra a rocha, da alegria de ver o sangue jorrando. Lamentava pelo filhote, mas sentia-se poderoso, capaz de determinar a vida ou a morte de outra criatura. Talvez o sangue desse felino fizesse dele um grande caçador.

Agora que caminhava numa altura considerável, sentia o ar mais cortante. A sensação recrudescera quando o sol deixou de banhar a encosta, e uma luz sem contrastes tomou o lugar do brilho e das sombras que se desenhavam por ali. Ao olhar para baixo, Vrooom percebeu que a paisagem começara a perder nitidez. A noite estava distante, mas o dia ganhava uma qualidade estranha. Olhou para cima, inúmeros pássaros pareciam patrulhar em grandes círculos a cabeça do bicho montanha. Logo o céu também perdeu seu brilho e depois suas cores, tornado-se uma superfície opaca, cinzenta, que se transformou numa coluna de vapor e desceu rapidamente sobre o morro.

Vrooom aguçou seus sentidos para compensar a perda da visibilidade. Com a algazarra que faziam os pássaros rondando a montanha, ficava difícil distinguir outros ruídos. Respirar também se tornou mais difícil e o menino sentiu que deveria procurar um abrigo enquanto fosse possível enxergar alguma coisa. Nunca havia enfrentado, em tão curto período de tempo, tanto nevoeiro e já estava achando que essa criatura estava perseguindo-o desde que se perdera de seus irmãos. Sua pele se eriçou, arrependeu-se de não ter trazido a pele do felino, mesmo dilacerada, para ajudar a passar a noite. O frio, na intensidade

que sentia ali em cima, era uma sensação desconhecida. E tudo que era desconhecido significava perigo. Por fim, enxergou uma fenda no paredão da montanha e ali entrou tateando. Logo sentiu que se tratava de um local estreito. Era possível tocar as paredes que o cercavam sem esticar os braços. Agachado, esperou que seus olhos se acostumassem com o escuro. Ouvia um farfalhar sobre a sua cabeça e sabia que era o voo das aves cegas que dormiam penduradas de cabeça para baixo e se enroscavam nos cabelos. Conhecia-as de sua própria caverna, o ruído peculiar de suas asas atravessando o ar, quase silenciosas, invisíveis. Supôs então que o local era maior do que parecia, pois essas aves gostavam das partes mais profundas das cavernas. Ficou em dúvida se devia explorar o espaço ou se seria mais seguro ficar perto da abertura, vulnerável a outro animal que pudesse entrar por ali, porém sem o risco de encontrar surpresas desagradáveis nas profundezas da rocha. Voltou a agarrar sua arma para obter segurança e avançou com cautela, de quatro, para evitar que as aves batessem em sua cabeça. Ouvia então um gemido estranho, dor e ameaça juntos. Parou e forçou os olhos na escuridão. Logo pôde distinguir o vulto que se desenhava contra uma das paredes. O bicho parecia pouco menor do que a felina que encontrara de manhã, mas não dava para ter certeza. Pelo cheiro, identificou que não se tratava de um animal carnívoro, mesmo assim poderia ser perigoso. Novamente, ouviu o ruído e percebeu que algo saía do que parecia ser uma das extremidades do animal. Esfregou os olhos, apontou a lança e esperou. O bicho havia notado sua presença, mas não se mexeu.

Não demorou muito para Vrooom entender do que se tratava. Nas suas poucas saídas para caçar, nunca tinha visto um animal dar à luz. No entanto, no tempo que passara dentro da caverna, havia presenciado vários partos e as semelhanças, naquele momento, eram mais do que suficientes para identificar o que estava acontecendo. Foi inundado pela admiração e respeito que o acometia cada vez que via um novo irmão deslizar para o mundo, expulso das entranhas maternas. Era a vida se materializando na sua frente, o grande mistério dando o ar da sua graça. Vrooom contemplou o espetáculo com curiosidade.

Tentou transmitir que não representava uma ameaça, mas sentiu que o animal se incomodava com sua presença. Recuou um pouco e encolheu-se no canto. Viu um filhote aparecer, depois outro e depois mais dois. Isso era estranho, as mulheres sempre pariam um filho e, em raríssimas ocasiões, dois. Agora parecia que uma linhagem inteira estava vindo ao mundo. Enquanto esperava o próximo, a mãe lambia o filhote recém-nascido. Vroom percebeu a relação especial que havia entre a criatura que dava à luz e as criaturas que dela nasciam. Lembrou-se da mãe do felino abatido por ele. Matutou que ela também era um ser especial, como as mulheres da tribo que se tornavam mães, como a fêmea que ele agora contemplava. Terminado o parto, voltou-se para ele e o encarou, dando a entender que faria qualquer coisa para defender seus filhotes, que logo se aninharam nas suas tetas para sugar a primeira refeição de suas vidas. Foi um momento mágico. O rapaz recuou ainda mais, um pouco por medo, um pouco por respeito, e se deitou bem perto da entrada do abrigo, pronto para sair correndo, caso fosse preciso. Tentou ignorar o frio que se infiltrava junto à bruma e gelava seus ossos.

Adormeceu e sonhou que disputava a teta de uma das mulheres de seu povo com outros fedelhos, todos bem menores. A mulher parecia ter mais de um par de seios e o leite vertia de seus mamilos como uma fonte, sem que ninguém precisasse se esforçar na sucção. Era um líquido morno, aconchegante. No entanto, ele se sentia mal, pois a tribo olhava-o com reprovação. Não estava mais em idade de competir com um bando de bebês pelo leite materno. Logo se deitou de costas no chão, como se fosse uma criancinha dependente, mas em seguida seu pau se estufou e de lá começou a jorrar leite, causando uma disputa confusa. As bocas femininas sugando seu membro causaram o mesmo prazer e desconforto que havia vivido na caverna fazia tantos dias, quando Mããã o ordenhou. Sensação embaralhada que muitos sonhos têm a mania de provocar.

XX

De manhã, após o despertar, urinou da beira do precipício. A sensação de esvaziar sua bexiga sobre o mundo era poderosamente prazerosa e prazerosamente poderosa. Aliviado, procurou alguma raiz, alguma fruta para comer e avançou no que restava da trilha até que esta acabou na muralha de rocha. Vrooom olhou para o alto. Viu o topo da montanha imponente envolto na revoada contínua de milhares de aves. A distância a percorrer não era grande, mas a trilha que a natureza havia aberto, como se esperasse a sua visita, parecia acabar por ali. O morro ficava mais estreito, mais íngreme, a encosta se dividia em enormes paredões rochosos que apontavam para cima, na direção aonde Vrooom intuía que deveria chegar, mas não vislumbrava como. Dali até o cume, nada de árvores, só pedras e pequenos arbustos e a presença constante das aves na parede vertical. A grande nuvem, que havia ocupado a montanha no final do dia anterior, já havia se retirado; o sol esquentava suas costas e dissipava o nevoeiro que se estendia lá embaixo. Agora eram os pássaros que, às vezes, tapavam a luz com seu revoar em grandes círculos.

Por um instante, seu olhar deixou o topo e virou para baixo. O espetáculo do vale se descortinando por trás da neblina que se dissipava prendeu sua atenção. Havia percorrido um bom caminho desde que começara a escalada, podia perceber o quanto a paisagem que cabia em seu olhar crescera, embora todas as coisas que a compunham parecessem menores. Teve a sensação de saber o rumo a tomar para voltar para casa. Viu com nitidez o descampado que havia percorrido na companhia de Uuulf até a montanha; mais adiante, identificou o caminho que levava à mata, onde a tribo costumava caçar e, na outra ponta da floresta, quase com certeza absoluta, as formações rochosas onde seu povo habitava. Mais uma vez, sentiu inveja dos seres alados. Se pudesse voar, avançando e enxergando o caminho como agora, tinha certeza de que não se perderia. Mas antes de voltar, usaria as asas para outro objetivo: finalizar sua

exploração do bicho montanha, alcançando-lhe a cabeça. Era a missão que dominava seus anseios no momento. No entanto, ele não possuía asas nem tinha os cogumelos que atraíram, dias atrás, a enorme ave que o levou pelo bico. Deveria contentar-se com o que conseguira até o momento (e não era pouco) e descer, ou encontrar um jeito de cumprir a missão e conquistar o topo? Novamente, olhou as rochas que se elevavam até o cume. Pareciam torres que guardavam a encosta. A única maneira de chegar ao cimo era escalar uma por uma, torcendo que o levassem até lá. Como já havia caído algumas vezes de rochas menores, sabia do risco que corria. Na melhor das hipóteses, morreria imediatamente se despencasse de uma delas ou, machucado, viraria presa fácil para qualquer predador. Resolveu iniciar a escalada e ver como se sairia. Se topasse com uma pedra maior do que a sua habilidade de escalar, voltaria.

Vrooom era obstinado. Apegara-se a essa missão com o mesmo fervor com que se grudava nas rochas, galgando-as com grande zelo e afinco. Sabia que não podia se descuidar, qualquer deslize poderia ser fatal. A lança, embora útil em algumas situações, atrapalhava na maior parte do tempo, pois seria bom ter as mãos completamente livres. Em certo momento, pensou em se desfazer dela, mas decidiu conservá-la. Vieram juntos até ali e chegaram inteiros, era melhor não romper esse elo.

Depois de um bom tempo escalando, resolveu descansar. Notou que as aves voavam assustadoramente perto dele. Claramente, viam nele uma ameaça. Ao olhar em volta entendeu o porquê. Havia ninhos em cima de algumas das pedras na encosta. Vrooom ficou curioso. Já tinha visto ninhos antes, já experimentara várias vezes os deliciosos ovos que se podia encontrar nesses abrigos, mas só os havia visto em árvores. Esses sobre as pedras eram maiores. Notou, pela primeira vez, que os ninhos eram o produto de um cuidadoso trabalho dos próprios pássaros, alguns ainda estavam sendo construídos. Viu um casal terminando o seu e os observou fascinado enquanto descansava. Vrooom não tinha como

saber, mas estava assistindo ao modelo que, mais tarde, dominaria a maioria das sociedades humanas: a família. O pai finalizava o ninho, a mãe se acomodava para botar os ovos e depois chocá-los. Havia ninhos sem nenhuma ave cuidando dos ovos. O garoto salivou. Depois de todo o esforço, comer essa iguaria seria uma bela compensação. Bastava procurar o ninho abandonado mais próximo. Mal concluiu o pensamento e uma ave quase atingiu sua cabeça num voo rasante. Era um aviso. Os ovos, que pareciam abandonados, estavam sendo vigiados por todos os pássaros que circulavam à sua volta. Bastaria um deles atacá-lo enquanto tentava se equilibrar naquelas pedras e seria o seu fim. Preferiu ficar com fome a correr o risco. Naquela altura da jornada, havia percebido que todos os seres tinham uma relação muito forte com seus rebentos, como se a vida dos filhos fosse mais importante para os progenitores do que a própria. Fez um acordo silencioso com as aves: ele não chegaria perto dos ovos; e elas não chegariam perto dele. Ao retomar a subida teria que cuidar duplamente as pedras que escalava, escolhendo as melhores para subir, mas evitando as que abrigassem ninhos. E, por incrível que pareça, a partir do momento em que ele começou a cuidar, parecia que os ninhos brotavam em cada canto.

Vigiado pelos pássaros, Vrooom avançava lentamente, muito mais devagar do que gostaria e, apesar do ar frio nessas alturas, seu corpo banhava-se de suor. Perdeu o equilíbrio quando uma pedra cedeu ao seu passo e rolou montanha abaixo, obrigando-o a agarrar-se com todas as forças na saliência da rocha e cortando a sola do pé na pedra afiada. Ali também perdeu sua lança, companheira de toda a jornada, que despencou morro abaixo, mostrando o que aconteceria com ele caso se descuidasse. Mais de uma vez pensou em desistir, mas o medo de ter que percorrer todo o caminho de volta era tão grande quanto o de seguir adiante, com o adicional de que para descer, teria que forçosamente olhar para baixo, algo que ele vinha evitando fazer. Cuidava para não olhar para baixo, mas não conseguia deixar de imaginar o que aconteceria se uma pedra rolasse acidentalmente e atingisse um ninho cheio de ovos. Imaginou os pais irados voando em sua direção, recrutando outras aves e bicando-lhe as mãos, os braços, as costas até ele

despencar. É assim que funciona a mente regida pelo medo: transforma-se em uma usina de pensamentos que alimentam o pânico. Como sabemos, a bravura não estava entre as qualidades mais destacadas de Vrooom. Mesmo assim, ele estava se saindo muito bem. Conhecera homens valentes, mais fortes e mais ágeis do que ele, que encontraram a morte pelo excesso de confiança. Nosso herói não seria um deles. Apegava-se à vida com persistência e cautela. Estas eram as suas grandes qualidades.

XXI

Apesar de todos os obstáculos, por fim, Vrooom chegou ao topo. Estava em frangalhos, com arranhões nos braços e nas pernas, hematomas no pescoço e no peito, alguns cortes no calcanhar e nos pés e dedos das mãos esfolados. Todos os seus músculos doíam. Iniciara a escalada de manhã com o sol batendo nas costas. Este já havia ultrapassado há horas o ponto máximo e começava a mergulhar rumo à tarde. O lado por onde Vrooom havia subido agora estava agora na sombra, mas no topo, ele recebia o calor do astro em seu peito. Ao arrastar-se da última pedra para o cume, seus olhos se locupletaram com o que via. Tinha realmente conseguido.

No topo, a montanha formava um platô, que lhe devolvia a segurança da terra firme. Ali não havia ninhos mas, tão logo se acalmou da exultação pelo êxito da grande subida, encontrou dois ovos enormes no chão e, sem hesitar, fez sua primeira refeição. Foram os ovos mais deliciosos que já chupara. Saciada a fome, permitiu-se um pequeno descanso e logo voltou a explorar o local. Não havia nada mais alto, pelo menos até onde o olho podia alcançar, e ele bateu com os punhos cerrados no peito, festejando a conquista. Imaginava-se de volta à caverna contando as suas peripécias ao redor da fogueira, tendo esse momento como o ponto alto da narrativa, literalmente. Como iria explicar o que era estar no topo dos topos, nada acima de sua cabeça, a não ser o azul do céu? O jovem se colocou de pé, imaginando-se

cercado pelas pessoas e começou a ensaiar sua história, sentindo que lhe faltavam meios, entre gestos e grunhidos, de expressar o que estava vivendo. Lembrou-se dos sons estranhos das mulheres, aqueles que continham significados. Era isso. Se dominasse esse mistério, como sonhou outro dia, poderia possivelmente transmitir a dimensão do que estava experimentando. Mas só as mulheres entenderiam.

Abandonou os pensamentos sobre as mulheres e seus mistérios e resolveu dedicar-se à realidade mais próxima: o espaço que havia conquistado. Andou de um canto para outro naquele topo de montanha, deixando de lado as dores musculares e a ardência dos cortes. Depois, sentou na borda e contemplou o caminho que havia feito, agora sem medo de olhar para baixo. Ergueu-se novamente e foi ao lado oposto contemplar a paisagem que se estendia onde antes imaginava que seria o fim do mundo. Quando viu o que havia do outro lado, sua boca se abriu com espanto, seus olhos por pouco não saltaram. Todo o terreno por onde podia deitar a vista era ocupado por uma superfície brilhante de azul platinado, com brilhos dourados refletindo o sol. Vroom ficou extasiado e apavorado. Nunca vira uma criatura assim, não conseguia identificar onde ficavam os pés, a cabeça, as costas, onde iniciava e onde terminava. O termo infinito não havia sido cunhado, mas a sensação de abarcar o infinito, de tentar abranger com o olhar algo que no olhar não cabia, se apoderou dele. Por um instante, faltou-lhe o ar. Teria sido visto pela criatura? Sabia que estava muito longe, ele em cima e o bicho bem embaixo e, mesmo assim, não duvidou que um ser daquele tamanho pudesse engoli-lo sem qualquer esforço. Sentou-se na beirada da montanha e cobriu a testa com a mão para proteger os olhos da luz direta que o sol lançava contra ele. Ficou assim durante horas.

À medida que o sol descia, o ser gigantesco ia mudando. Mudou de cores, mudou a intensidade do brilho e, a principal mudança, sua superfície lisa se encheu de rugas, rugas brancas que avançavam quase todas na mesma direção, algumas repentinamente recuavam, chocando-se com as que vinham na

sequência, engolindo-as ou sendo engolidas por elas. O vento também mudou e Vrooom pôde sentir o odor da criatura em suas narinas. Nunca havia sentido um cheiro assim. O cheiro somado à luz direta do sol fez seus olhos lacrimejarem. Mas o espanto maior, o assombro dos assombros, ainda estava por vir. De início, ele não havia percebido que o sol se aproximava, desprevenido, do gigante. Quanto mais descia, mais acelerado se tornava esse movimento, como se houvesse uma força naquele bicho, um tentáculo invisível que puxasse o astro em sua direção. Vrooom queria gritar, bradar uma advertência, mas temia desviar a atenção para si. Não entendia como o sol não enxergava aquela criatura que ele, muito mais distante, podia ver em toda a sua grandeza. Talvez o sol o visse, era impossível não ver o gigante e, talvez, se aproximasse para lutar. Era muito menor, apenas uma bola, mas uma bola poderosa com sua luz e calor. A ideia de luta passou pela cabeça de Vrooom quando percebeu que o astro, já bem próximo, lançava seus raios contra o corpo do animal, sangrando-o.

Já havia assistido alguns combates entre animais muito grandes, mas nada que chegasse perto do que estava para ver. Excitou-se com o espetáculo, tomou partido do sol, que era um ser conhecido, querido por ele e por seus irmãos. Gostavam quando ele brilhava sobre suas cabeças, odiavam quando ele sumia e cedia lugar a uma tempestade ou à escuridão. Apesar da torcida de Vrooom, a luta foi desigual. O sol feriu a superfície do bicho com seus raios, tingiu-o de vermelho, mas depois não conseguiu esboçar qualquer movimento. Enquanto ainda havia alguma distância entre eles, mesmo um pequeno vão, parecia que a grande estrela poderia ter alguma chance. Mas assim que entrou em contato com o gigante, esse lhe arrancou um pedaço. Vrooom ainda esperou que o astro se afastasse, que se liberasse das garras do adversário para contra-atacar ou fugir. Mas não havia jeito. O sol ficou imóvel, sendo devorado pelo inimigo, até que sobrou apenas uma nesga dourada sobre o espelho enrugado, nesga que também desapareceu. Vrooom, excitado, não conseguia refazer-se do choque. Ficou olhando petrificado para o local onde a luta havia ocorrido, sem entender por que o sol, obviamente menor que o bicho gigante,

fora ao encontro dele com tanta convicção. O bicho não o provocara, sequer havia se movido para atacá-lo. A iniciativa havia sido toda do astro de luz que, arrojado, fora para a escaramuça; mas tão logo houve o contato, ficara impotente enquanto o gigante o engolia.

O céu, a terra, o animal aterrorizante e a montanha foram cobertos pela escuridão. Essa não era uma novidade para o rapaz, mas pela primeira vez encarava o escuro que provinha da morte do sol. Até então o astro se retirava para dormir todas as noites (como todo mundo) e acordava para brilhar na manhã seguinte, trazendo com ele a luz. Agora, sem a criatura tão querida, as trevas cobriam o mundo. O choque foi tão grande que Vrooom nem se abalou para buscar um abrigo ou pensar em como se proteger. Logo um mar de estrelas se acendeu sobre sua cabeça e uma lua cheia e pálida aliviou um pouco a escuridão. Vrooom podia ver que o gigante se tornou prateado sob a luz do luar. Não sabia se ele estava dormindo, as rugas ainda se movimentavam. Além disso, ouvia-se claramente o som que o gigante emitia na noite. Oshean, oshean, sussuravam as rugas sem parar. Esse foi o apelido que Vrooom lhe deu.

Depois da grande escalada e do magnífico espetáculo que acabara de presenciar, o corpo e a mente do herói exigiam repouso. Deu-se conta que ali, no topo da montanha, onde se sentira poderoso pouco depois da chegada, estava completamente exposto. A superfície rochosa era lisa, como se tivesse sofrido um corte absolutamente parelho. Não havias fendas, cavernas ou árvores para abrigá-lo; o piso duro não lhe permitia cavar um leito em que pudesse deitar e cerrar os olhos com alguma segurança. É certo que a natureza do local não parecia atrair nenhuma fera. Nem mesmo as aves faziam seus ninhos ali, preferindo as encostas com suas rochas e saliências. No entanto, queria abrigar-se da sensação estranha de frio, necessitava sentir-se protegido. Mais uma vez, sentiu falta do fogo, amigo dessas horas difíceis, companheiro confiável na escuridão. Mesmo que ocorresse uma tempestade com relâmpagos, nada

havia ali (a não ser ele mesmo) que pudesse ser atingido por um raio e queimar. De tanto matutar, acabou adormecendo. O barulho das ondas sussurrando *oshean, oshean* em seus ouvidos foi como uma canção de ninar. As emoções e o esforço do dia transformaram a pedra num leito confortável e o rapaz dormiu um sono tranquilo, sem sonhos agitados nem sobressaltos, como há muito não acontecia.

XXII

O sono fora tão profundo que, ao despertar, seu corpo estava sendo acariciado pelos raios do sol. Levou um tempo para dar-se conta de que estava no cume, na cabeça do bicho montanha, que havia testemunhado a luta mais aterrorizante que já vira e que o sol havia sido engolindo por uma criatura que ele desconhecia até então. Qual não foi sua alegria ao perceber que fora justamente o sol que o tirara do sono, que esquentava carinhosamente sua pele após uma noite fria passada ao relento. Havia dormido todo encolhido e agora sentia os músculos enrijecidos ao esticar as pernas e os braços naquele piso de rocha. Espirrou fortemente, e seus olhos se encheram de manchas e manchinhas coloridas saltitando em sua visão. Assim que as manchas se desfizeram, ele contemplou novamente a paisagem na luz brilhante da manhã. O vale, que se estendia morro abaixo na direção da qual viera, gotejava de orvalho, parecia um tapete verdejante. Do outro lado, a imensa criatura permanecia imperturbável, no mesmo lugar que estava no dia anterior, calma e ameaçadora. Lembrou-se que apelidou o bicho de Oshean, pois era este o barulho que ele emitia à noite. Não via mais as rugas que corriam soltas ao anoitecer, a superfície se apresentava lisa outra vez. Não sabia como o sol conseguira escapar das mandíbulas do Oshean, após uma noite inteira em suas entranhas. Poderia ser outro sol, um filho daquele que fora devorado?

Não era. O astro luminoso mantinha agora uma boa distância do seu inimigo, com a montanha entre eles, como se houvesse aprendido a lição. Algumas horas mais tarde, Vrooom testemunharia que a lição não fora aprendida. O sol faria o mesmo trajeto do dia anterior e teria o mesmo destino. E o rapaz

entenderia o que acontecia, graças a sua observação meticulosa e o ângulo de visão privilegiado. Tratava-se de um bicho que voava mais alto do que suas forças permitiam e, após subir demais, começava a cair, lutando, sem chances, para permanecer no ar. O bicho Oshean, que esperava pacientemente lá embaixo, engolia-o e se alimentava de seu corpo, de sua luz e de seu calor. Desta vez, o rapaz não ficaria tão desesperado, pois sabia que esse não era o único sol, outro estaria brilhando no dia seguinte, cursando o mesmo caminho de seu antecessor. Tudo isso, porém, aconteceria bem mais tarde, em meio a uma grande comoção. Naquele momento, contemplava a paisagem e voltava a sentir-se bem, no topo de mundo, enquanto se espreguiçava no calor da manhã. Sentia sede e pôs-se a lambem o piso ainda úmido da noite. Havia um sabor desagradável naquela umidade que lembrava o cheiro forte do Oshean e a sede só piorou. Olhou em volta a procura de algum ovo perdido. As aves já estavam praticando seus voos em torno da montanha, talvez caísse nas mãos dele alguma refeição. Procurou em volta, mas nada havia para comer, a não ser que comesse pedra.

Vrooom parou para pensar o que faria a seguir. Nos últimos dias, fora guiado por seu instinto, que lhe orientava sempre ir adiante. Primeiro em direção à brecha de luz, depois em direção à montanha, depois pela trilha que Uuulf e seus amigos indicaram e, finalmente, rumo ao topo. E agora? Gostaria de ficar uns dias por ali, saborear a conquista da altura quase inatingível. Apesar da presença da terrível criatura, sentia-se seguro no cume, onde parecia reinar sozinho, tendo o planeta inteiro a seus pés. O problema era a comida. Estava rodeado de fontes de alimentação, mas nenhuma delas ao seu alcance. Outro problema era onde dormir. É verdade que havia descansado muito bem na última noite, mas seu corpo acusava as marcas das horas que passou encolhido naquele chão frio, exposto à umidade soprada pela criatura lá embaixo. Vrooom era um garoto de caverna, afeito ao calor do fogo e dos corpos de sua tribo; acostumado a paredes sólidas cercando o seu repouso. Dormir completamente exposto, sem nenhum emaranhado de galhos ou folhas, sem nenhuma fenda que pudesse chamar de abrigo, era um tanto

incômodo. Resolveu ficar mais um pouco, torcendo que a sorte lhe trouxesse algo para comer e depois iria abandonar o posto tão arduamente conquistado.

Para onde? Havia duas possibilidades: retornar ou tentar descer na direção de Oshean, coisa que Vroom, com todo o espírito aventureiro adquirido recentemente, não era louco de fazer. Deitou-se de bruços na beirada ocidental da montanha e voltou a espreitar a criatura que mais o impressionara até então. Deitou-se por cautela dupla: para ficar oculto, caso Oshean resolvesse olhar na sua direção, e para poder observar demoradamente, sem o risco de perder o equilíbrio e cair. Da nova posição, pôde notar que o bicho Oshean não morava exatamente ao pé do morro, como parecera inicialmente. Entre ele e a montanha havia um pedaço de chão. Era uma superfície diferente do solo que conhecia, parecia muito mais clara, quase branca. Com suas pequenas rugas espumosas, Oshean chegava até aquele terreno arenoso e recuava. Observou, também, que a encosta era menos íngreme desse lado da montanha e que, pouco abaixo do topo rochoso, onde estava deitado, havia árvores de copas frondosas. Estas pareciam aumentar em quantidade e densidade até a base do morro. Árvores eram amigas. Claro que podiam servir de abrigo para algum ser rastejante ou fera perigosa, mesmo assim eram acolhedoras para Vroom e os membros da sua tribo. Onde havia árvores, sempre se encontraria o que comer. Um bom galho poderia servir de cama e, além do mais, a locomoção pelas árvores numa montanha como essa parecia para Vroom muito mais tranquila do que descer pelas rochas da encosta pelada, por onde havia subido no dia anterior. Percebeu que era possível pular dali onde estava e agarrar-se à copa da árvore logo abaixo. Poderia também deslizar pela encosta até chegar lá. Animou-se ao pensar que poderia ficar mais um tempo por ali, pairando entre o topo da montanha e a primeira linha de árvores logo abaixo. Em nenhum momento teve a intenção de descer até o pé da montanha por aquele lado. Sabia que se o fizesse, teria o mesmo destino do astro de luz.

De repente, percebeu sobre a areia branca, pequenos como formigas, caminhando de um lado a outro, os membros da sua tribo.

Ele não podia acreditar. Como é que sua gente veio parar ali? E como caminhavam despreocupados ao lado da ameaça mais poderosa jamais concebida? Via-os de longe, mas não pareciam ter medo tampouco cautela. Pelo contrário, pareciam tranquilos em seu andar de formigas laboriosas, completamente ignorantes do perigo que corriam. Estremeceu quando viu que alguns deles se dirigiam diretamente para o bicho Oshean.

Essas preocupações se apequenavam frente à alegria de ter reencontrado seus irmãos. Não havia outra explicação para estarem ali, tão longe da caverna, a não ser a de que o procuravam; que percorreram enormes distâncias em busca do filho perdido. Pôde perceber que não se tratava de um grupo pequeno, um número considerável de caçadores empreendera essa busca. Estava consciente da distância para chegar até eles, mas o fato de poder observá-los, mesmo de longe, já fazia transbordar o seu coração. Pensou em pular, gritar, tentar chamar atenção, mas a presença *osheânica*, mesmo que aparentemente alheia à circulação de sua gente nas imediações, recomendava cautela. Teria que descer, devagar e com cuidado, para encontrá-los. Não havia outro jeito.

Vroom sentiu todo peso da solidão ao rever seus familiares. Até então, era uma carga que vinha assediá-lo em breves momentos da caminhada e nos sonhos. Agora, com a visão que marcava o final da separação, ela se apresentou esmagadora. Um aperto no peito foi a manifestação física desse sentimento. Sentiu-se tonto e voltou a deitar para ver se o aperto passava. Queria empreender imediatamente sua jornada rumo à comitiva de boas vindas; viver logo o momento do reencontro; expressar a gratidão e a afeição que sentia por cada um deles, mas teve que lutar contra a ansiedade e esperar quieto, atento ao ritmo do sangue latejando em suas veias, até ter certeza que a tontura havia passado. Só então iniciou a

descida. Foi deslizando pela encosta até a primeira árvore, comeu apressadamente uns frutos desconhecidos e de lá pulou para a copa de outra árvore pouco abaixo.

Havia momentos em que perdia a visão da paisagem, oculta no emaranhado de folhas e galhos ou limitada por um ângulo que não permitia enxergar nada além do bicho Oshean. Nesses momentos, se preocupava com a possibilidade de seus irmãos se distanciarem dali, irem procurá-lo em outro lugar ou mesmo voltarem para casa. Certamente havia outro caminho, desconhecido por ele, pois seus irmãos partiram depois e chegaram antes. Era óbvio que eles, caçadores experientes, que saíam todos os dias para enfrentar as matas, teriam mais desenvoltura do que ele em desbravar caminhos. Temia que retornassem por esse mesmo caminho antes que conseguisse alcançá-los e ele ficaria ali, encarando sozinho a criatura gigante, sem nem mesmo saber qual trilha seguir no encalço do seu pessoal. Até que alcançava uma posição em que conseguia enxergar as cercanias do pé da montanha e se tranquilizava ao ver seu povo, ainda nanicos, mas um pouco mais próximos, perambulando pela praia. Nesses momentos, o otimismo tomava conta de seu espírito e ele conseguia dar uma relaxada, descansar, procurar alguma comida e seguir adiante.

Por mais pressa que tivesse, não conseguiu concluir a descida naquele dia. Mesmo concentrado em encontrar o melhor caminho para descer e manter contato visual com a praia, o garoto percebeu que o sol começava a fazer o mesmo trajeto do dia anterior, ou seja, tornava a se aproximar de Oshean. Parou em uma copa frondosa para contemplar o espetáculo majestoso do pássaro de luz sendo engolido. Não sofreu a angústia da tarde anterior, pois sabia que outro sol surgiria no dia seguinte. Penava, porém, pela ansiedade de ter que parar e descansar, uma vez que a escuridão logo assumiria o espetáculo e ele, apesar da pressa, teria que dormir e renovar as energias. Tranquilizava-se porque o pessoal lá embaixo também teria que parar para dormir. Gostaria de poder estar ao lado deles no momento da luta entre o

sol e o Oshean, explicar-lhes que não se preocupassem, que era assim mesmo, que quando o astro cansava de voar, não conseguia pousar e acabava presa daquele monstro gigante, mas que haveria outros sóis que iluminariam suas aventuras, tão logo surgisse a nova manhã.

XXIII

Em solidariedade ao estado de espírito do nosso herói, ou melhor, à grande ansiedade que fazia com que saltasse de galho em galho, vamos pular os detalhes de sua descida que começou tão logo os primeiros raios de luz penetraram na copa da árvore que o hospedara. Contaremos apenas que mais um dia inteiro foi necessário para vencer a encosta montanhosa, que se esparramava em vegetação densa, regada por algumas cachoeiras, até a praia lá embaixo. Quando desceu da última árvore, praticamente no pé do morro, o sol estava baixo, o barulho do mar estava alto e o rapaz não via a hora de vencer o último obstáculo da elevação que o separava daquela terra branca e cair nos braços do povo.

Para sua sorte, não saiu gritando. Estava sem fôlego e, embora ansioso, pisava em terreno desconhecido e, fiel à sua natureza cautelosa, preocupava-se em ouvir mais do que em se pronunciar. Enquanto vencida a pouca distância até a elevação, recebeu um alerta do seu olfato. Reconhecia, entre os vários odores, o cheiro de gente, mas não era o cheiro de gente conhecida. É como se hoje um cientista analisasse um DNA em seu laboratório e descobrisse que ele fecha em 99% com o DNA humano, mas que havia nele um centésimo, uma fração pequena, porém significativa, de algo totalmente desconhecido. Sentiu-se confuso, uma onda agitando emoções de todo tipo estourou em sua cabeça. Foi avançando rapidamente, mas sem fazer alarde, para espiar antes de ser visto. Quando finalmente venceu a pequena elevação e botou os pés naquela terra branca e fofa onde o pé afundava, seus olhos confirmaram o que o olfato já havia alertado. Esse não era o seu povo.

É fácil imaginar o choque do rapaz. Descera febril uma encosta montanhosa que nada no mundo o faria descer, exceto a constatação de que finalmente reencontraria sua gente. Mal comera ou bebera e, para abreviar o tempo que o separava desse reencontro, pouco descansara. A frustração não poderia ser maior ao constatar que todos os seus sentimentos e pensamentos, todas as suas expectativas, estavam erradas.

Mas não era isso. Ou era bem pior do que isso.

A decepção foi apenas parte do choque, uma pequena migalha, como a fração do DNA que não é humano. Vrooom não conhecia outras pessoas, a não ser os habitantes da sua caverna. Nenhum deles havia encontrado outros seres humanos e, portanto, a possibilidade de que houvesse outras pessoas, além da tribo, jamais passou ou poderia ter passado pelas suas cabeças. O que é descrito aqui como a tribo, sua gente, seu povo, era para Vrooom o mundo inteiro. Quando, do alto da montanha, ele viu um bando de homens, não podia concluir outra coisa a não ser que fossem seus irmãos. Ao dar de cara com um desconhecido, houve uma ruptura mental, um curto-circuito na sua visão de mundo. Era um dado impossível de assimilar e significativo demais para ignorar.

A arte está repleta de obras que abordam nosso encontro com seres de outros planetas. Todas, supostamente, de ficção. Imaginem se realmente acontecesse esse encontro de profundas consequências. E se isso acontecesse sem termos noção de que poderia acontecer? Sem as histórias imaginadas em livros, filmes, músicas, quadros e lendas, como seria um encontro dessa natureza? Teria um impacto semelhante ao que Vrooom sofreu quando se deparou com o primeiro humano desconhecido. É provável que ali tenha sido plantada a semente que germinou e se transformou, mais tarde, na mitologia do contato com alienígenas. E com ela germinou a sensação de horror e perplexidade que impregna o tema.

Seja como for, Vrooom ficou paralisado na frente do homem que encontrou tão logo botou os pés na praia. Este, que esperava menos ainda um encontro dessa natureza, ficou ainda mais assombrado. Pareciam uma única criatura mirando-se no espelho, tamanha a semelhança em seus espantos. Os olhos se arregalaram, as bocas se escancararam, os cabelos se eriçaram até que dispararam, num ato absolutamente sincronizado de desabalada corrida, em sentidos opostos. Vrooom correu para se esconder e o alienígena para buscar sua turma.

Nosso herói encontrou abrigo atrás de uma pequena duna. A areia, que antes afundava seus pés a cada passo, agora se revelava amiga, pois com rápidas cavadas pôde embrenhar-se no que parecia ser um bom esconderijo. Para sua sorte, o vento vinha da direção do mar e ele pôde sentir o cheiro do bando que se aproximava e ouvir suas vozes enquanto tentava enfiar-se ainda mais duna adentro. Sem poder conceber ainda a existência de outros humanos, tentava entender como e em que haviam se transformado os homens de sua tribo. Todos estavam absolutamente diferentes, irreconhecíveis. Ele temia ser transformado também.

Ao espiar a turba que se aproximava, pôde observar melhor as alterações, que iam além da aparência física. O homem com quem se deparara há pouco (quem seria, Nihhh, Unhãã?) estava cercado pelos outros, bramindo uma espécie de lança muito fina e fazendo um barulho estarrecedor. Todos estavam completamente nus, nenhuma vestimenta ou adorno cobria qualquer parte de seus corpos. O jeito de avançarem na areia, a maneira de se comunicarem, tudo era muito estranho, pareciam selvagens aos olhos de Vrooom. Um turbilhão de pensamentos disparou em sua pobre cabeça enquanto se espremia contra a areia, que penetrava nos olhos, na boca, rangia entre os dentes. Teve vontade de sair correndo em direção à montanha, galgar as copas das árvores e se afastar o mais rápido possível daquela situação. Ansiava por segurança, pela sensação de poder que o cume lhe proporcionara e que ele havia deixado

com tanta pressa. Contudo, precisava entender o que estava acontecendo, como as pessoas de sua tribo viraram aquele bando irreconhecível. Seria obra do bicho Oshean?

Havia testemunhado, em seus poucos anos, várias transformações. Troncos virarem carvão, dia virar noite, ovos virarem pássaros e por aí vai. Mas isso era algo totalmente diferente. Deveria fugir de seu próprio povo? Deveria renunciar a chance de estar novamente agasalhado pelo calor de seus semelhantes, ainda que não mais tão semelhantes? Sua intuição alertava que corria perigo. É certo que fazia esse alerta com frequência, mas também é certo que na maioria das vezes tinha razão. Aquela horda não parecia emitir calor fraterno, não pareciam seus irmãos. Cercavam o indivíduo que havia esbarrado em Vroom, tentando entendê-lo. Nunca tinham visto alguém abalado daquela maneira. Ele só tinha um jeito de explicar o que o agitava: achando a criatura que havia surgido do nada. Por isso andava afoito, e eles em sua volta. Vroom notou que se aproximavam de seu esconderijo. Encolheu-se o máximo que pôde. Não tinha mais como transpor, invisível, a pequena distância que o separava da elevação. Tinha que esperar, torcer para que não o descobrissem. A proximidade entre eles crescia e paralisava o rapaz. A maneira tumultuada com que avançavam dava a Vroom alguma esperança de que passassem sem percebê-lo.

Não pensou no que faria caso fosse encontrado. Sentia uma falta enorme de sua lança, como se com ela pudesse se defender. Embora tivesse presenciado uma ou outra escaramuça entre os machos de sua tribo, não era algo comum e, quando os ânimos se exaltavam, as mulheres rapidamente controlavam a situação. Normalmente, a agressividade era voltada para os animais que os ameaçavam e para a caça que perseguiam. Matar outro humano era algo que contrariava a natureza deles, mas Vroom, naquele instante de terror e confusão, experimentou a vontade de aniquilar aquele grupo.

Sentia o cheiro deles cada vez mais forte, parecia que a qualquer instante dariam de cara com ele. Esse seria o momento, se os tempos fossem outros, de fazer suas preces. Como Deus ainda não havia sido criado, Vrooom apenas fechou os olhos, torcendo para que se afastassem dali sem dirigir o pedido a nenhuma entidade em particular. Mesmo assim, sua torcida funcionou. Passaram ao lado da duna sem nem mesmo esboçar um olhar inquiridor e o rapaz sentiu seu coração descongelar e voltar a bater no peito. Respirou fundo enquanto eles se afastavam.

E então espirrou.

Seu espirro fez a areia voar longe e uma enorme gosma esverdeada escorrer-lhe pelo nariz, enquanto manchinhas de todas as cores cobriam sua visão.

Tudo ficou em silêncio.

A algazarra em torno do homem agitado estacou. O próprio homem agitado aquietou-se, seu pescoço se esticou como uma flecha. Parecia até que as ondas do Oshean, os pássaros e a brisa ficaram calados. Vrooom entendeu que estava perdido. Em poucos segundos, se viu cercado por homens atônitos. Seu primeiro conhecido gritava a plenos pulmões sem emitir um único som, enquanto fazia gestos circulares sobre a areia e apontava seus braços para o intruso. Vrooom não tinha mais dúvidas sobre o que deveria fazer. Tentou aproveitar o momento de surpresa do grupo para dar no pé. Tão logo disparou na tentativa de fuga, a paralisia deles se quebrou. Mal conseguiu dar dois passos e foi agarrado por braços e mãos e dedos que fecharam o cerco em torno de seus ossos.

XXIV

Vrooom foi conduzido com firmeza pelos homens que o cercaram, não deixaram brecha por onde pudesse escapar. Pareciam estar com muita pressa, empurravam e apuravam uns aos outros à medida

que avançavam. O sol já lutava com o mar e logo a noite cairia, mas não era esse o motivo da urgência. Oshean vinha avançando seu domínio sobre a areia da praia e logo o caminho que percorriam estaria encoberto pela maré. Se não se apressassem, ficariam impedidos de fazer o percurso até sua caverna, para onde levavam a grande novidade. Claro que nosso rapaz, presa da tribo, não sabia disso. Só sentia que o agarravam com força e o conduziam numa velocidade que mal sentia os pés tocarem o chão.

À medida que avançavam, outros homens e rapazes espalhados pela praia se juntavam a eles para contemplar o que havia sido capturado. O sentido da urgência, no entanto, venceu a curiosidade e eles deixaram para aprofundar o conhecimento sobre a novidade tão logo chegassem ao destino. Apenas engrossavam o círculo ao redor do garoto, tornando ainda mais difícil qualquer tentativa de fuga. Não que ele não tentasse. Desesperado, esperneava e se contorcia para ver se conseguia se desvencilhar. Mas essa era uma tribo de pescadores, homens acostumados a fisgar e manter bem presos seres muito mais lisos do que Vrooom.

A faixa arenosa da praia tornava-se mais estreita e uma composição de pedras e rochas servia de caminho para avançarem. À direita deles, havia uma imensa parede que parecia ser a extensão da cordilheira por onde Vrooom viera; à esquerda, mais pedras sofrendo o avanço do mar, que formava pequenas piscinas no meio delas. Ali o cheiro de sal era extremamente forte, contribuindo ainda mais para o pânico que se instalara no coração do prisioneiro. O sol já havia sido engolido e Vrooom esperava o mesmo destino. A ideia de que existiam outros seres da mesma espécie começava a ganhar forma num canto remoto da sua mente. Não acreditava mais que estivesse no meio dos seus, não havia transformação que os fizesse mudar tanto. Não sentia curiosidade em saber para onde estava sendo levado nem o que pretendiam fazer com ele. Sabia que as respostas não seriam boas. E por isso ainda tentava, em vão, ganhar a liberdade.

Quanto mais se debatia, maior era a tenacidade das mãos que o prendiam, bramindo suas lanças finas. Por fim, agarraram-no pelas pernas e braços e o carregaram pela última faixa de pedras que não estava submersa. Com isso, Vrooom se aquietou. Qualquer movimento em falso faria com que caísse naquele caldeirão de correntes que se estendia à sua esquerda, cujas ondas batiam nas rochas e respingavam água para todos os lados. Finalmente se familiarizara com a composição do bicho Oshean. Era uma superfície de água, como vários rios e lagos que conhecera, mas ao mesmo tempo absolutamente diferente. Nenhum deles chegava aos pés da enorme criatura no odor, no tamanho, na força e na selvageria que parecia inspirar os seus algozes. Com a água lambendo seus calcanhares, a comitiva galgou as últimas pedras e chegou à trilha estreita, entre o penedo e o mar, que subia até o local onde habitavam. Nessa trilha, inúmeras crianças esperavam ansiosas, preocupadas com os adultos que, finalmente, despontavam na última brecha da maré. Também dava para ver algumas mulheres. A trilha desembocava num terreno aberto. Nos fundos desse, havia um enorme paredão e nele uma abertura. Entraram por ela em um emaranhado de cavernas com um espaço central. Ali, a noção de que aquela não era sua tribo cristalizou-se definitivamente. A tribo não teria se deslocado inteira, com suas mulheres e crianças e bebês para procurá-lo, nem teria se transformado toda, incluindo a caverna. O fato que o tratavam como presa reforçava essa percepção e o destino de uma presa era muito bem conhecido. Essa era sua grande preocupação no momento.

Largaram-no no meio da caverna e abriram o círculo para que todos o vissem. Não temiam que tentasse fugir, não havia para onde. A maré alta e a falésia fechavam as possibilidades, sem falar que já era noite e, naqueles tempos remotos, nenhum humano era notívago. Assim que Vrooom foi posto no chão, as mulheres se aproximaram. Olharam-no atentas, com cautela. Uma delas fez sinal e os homens puxaram a pele que cobria a cintura de Vrooom. Ouviu-se um murmúrio de exclamação quando ele ficou desnudo na penumbra da caverna. Alguém trouxe uma tocha e a segurou perto do jovem.

Muito havia sonhado com o momento de estar próximo do fogo, sentir de novo aquele calor na pele, aquela luz flamejante espantando a escuridão. Agora que acontecia, não era nada parecido com o sonho. Pôde observar melhor as diferenças entre ele e seus captores. Eram mais baixos, suas peles mais ressequidas e escuras, tinham menos pelos nos braços, pernas e peito. Estava mais para uma penugem do que para um emaranhado de cabelos duros como os de Vroom.

Agora que estava nu, as mulheres se aproximaram mais, soltando grunhidos e risadinhas. Uma delas o tocou e deu um grito que encorajou as outras a fazerem o mesmo. Logo seu corpo foi apalpado, beliscado, cheirado e lambido, causando grande rebuliço. Ele fechou os olhos, desejando sumir. Sentiu seu pênis virar alvo de atenção. As matriarcas o apalpavam, pesavam-no, cheiravam e mordiscavam, buscando desvendar a natureza e origem do forasteiro. Elas também ignoravam que havia outros humanos além da tribo. Vroom, ainda que tenso e apavorado, era um jovem no auge da atividade hormonal, em viagem solitária há muitos dias, e seu membro cresceu e endureceu.

Desconfiados, os homens soltaram grunhidos de desaprovação, mas as mulheres ficaram animadas: embora cheirasse diferente, aquela criatura parecia ser um deles, conforme sugeria sua reação. Queriam ver se ele podia copular e a escolhida colocou-se de quatro, seu rabo empinado à sua frente. Naquele momento, Vroom esqueceu sua miserável condição e fez o que se esperava dele. Estupefata, a tribo observou aquele primeiro momento de integração e caiu na gargalhada quando o rapaz, depois de muito sacolejar, se acabou dentro da mulher entre uivos e gemidos. Aos seus ouvidos, as gargalhadas soavam como um sinal de boas vindas, um primeiro relaxamento da tensão. Enquanto caía exausto, sua cabeça latejando e seu corpo vazio, sentia que estava livre do perigo imediato. Ao menos por ora, estava salvo.

As mulheres ordenaram que lhe servissem algo para comer, e foi a primeira vez que experimentou peixe. O sabor era esquisito, mas agradável. O ditado *a fome é o melhor tempero* ainda não havia sido cunhado,

mas naquelas circunstâncias, qualquer comida, ainda mais grelhada, teria sido um manjar. Atenta, a tribo observou como farejou o peixe e depois o abocanhou de forma voraz. Após as primeiras mordidas, quase se sufocou, engasgando com a espinha. Seu desespero foi tão grande quanto o do momento da sua captura. Foi alvo de novas gargalhadas. Alguém bateu em suas costas e o fez cuspir aquela ameaça quase invisível, porém muito afiada. Aprendeu que essa carne também tinha ossos e era preciso cautela, porque eram muito finos e pontudos, assim como era a lança usada para trespassá-la.

Seguindo as ordens da mãe natureza, as pessoas se acomodavam para dormir. Naquele momento, Vroom identificava pontos em comum com aquelas criaturas: mulheres e crianças cuidando do fogo e preparando a comida, casais copulando, machos sendo escolhidos pelas fêmeas. Estranhou a falta dos relatos da caça, um dos pontos altos da vida comunitária em sua tribo. Talvez a sua captura tenha preenchido o espaço das narrativas do dia. O fato é que todos se acostaram em seus cantos, o fogo central foi diminuindo, as pequenas fogueiras que iluminavam as cavernas periféricas jogavam sombras dançantes nas paredes rochosas, que pareciam se multiplicar. Vroom ficou ali, próximo do fogo grande, sem nem ter a chance de gravar as feições da mulher com quem havia copulado. Deu mais uns espirros que causaram murmúrios de reprovação. Fechou os olhos e mergulhou num sono profundo e agitado, perturbado por duas tribos e duas cavernas que disputavam a missão de abrigá-lo e ameaçá-lo.

XXV

Acordou confuso. Foi despertado pelo movimento ao redor, não acordaria se estivesse sozinho. Ao contrário da sua caverna, onde os raios solares adentravam como um cantar do galo, ali a luz penetrava de maneira muito tênue. Mesmo assim, os pescadores já estavam em plena atividade, preparando-se para mais um dia de labuta. Vroom se viu cercado por vários pares de olhos, assim que abriu os seus. Os curiosos paravam para espiar a *novidade* enquanto se encaminhavam para quebrar o jejum. Sorriam ou

manifestavam um esgar e seguiam para o fogo. Sua cabeça doía, seu corpo estava quente, não se sentia bem. Permaneceria deitado de bom grado, torcendo para não chamar atenção. Novamente espirrou – uma, duas vezes –, de seu nariz saiu um enorme muco esverdeado. As mulheres se aproximaram e lhe trouxeram moluscos. Vrooom não tinha ideia de como lidar com aquilo, o que provocou gracejos. Uma delas mostrou como chupar o alimento da concha e ele tentou imitar, absorvendo o sabor esquisito. Doeu quando engoliu. Sentia seus olhos inchados, o nariz entupido, as faces doloridas. Não queria levantar, mas foi cercado pelos homens que o chamavam. Fingiu não entender, precisava descansar, recuperar as forças. Os pescadores foram saindo, deixando-o ali, quando as mulheres interferiram com sinais e gestos. Mais uma vez se viu agarrado pelos baixinhos que, na verdade, não eram tão baixos assim, mas causavam essa impressão por sua postura curvada, e se viu levado para fora da caverna.

O dia estava cinzento e Oshean tinha um aspecto muito diferente da véspera. Vrooom notou que ele havia recuado bastante, e uma praia de grandes pedras e areia úmida surgira em frente à trilha estreita que subia até a caverna. Ali as crianças procuravam os tesouros deixados pela maré. Pouco adiante, outras pedras cercadas de água recebiam em cheio a massagem das ondas. Os homens ignoravam o corre-corre dos menores, tinham tarefas mais importantes a cumprir. Desceram a trilha principal e se separaram: um grupo foi para o norte da praia; outro para o lado oposto; enquanto o grupo que levava Vrooom entrou no mar ali mesmo.

Ao notar que iriam entrar com ele na água, começou a se debater. Não tinha intenção de servir de comida de Oshean. Os pescadores acharam graça no seu desespero, mas não arrefeceram. Agarraram-no com mais força, deram espetadelas nas suas costas com as pontas das lanças para que se acalmasse e ele, apavorado, foi arrastado e sentiu a água cobrir seus pés, respingando nas costas e peito.

Quando a água atingiu a altura de seus joelhos, esperaram uma onda se formar, ergueram Vrooom pelos braços e pernas e o arremessaram, sem dó, contra ela. Seus piores temores se concretizaram. Com o líquido salgado entrando em sua boca, nariz, olhos, ouvidos, descendo pela garganta, tirando o espaço do ar nos pulmões, a agonia tomou conta de Vrooom. Ele se debatia sem esperança, entendendo como se sentiam os seres que estavam para morrer, vítimas de uma criatura maior e mais poderosa. A sensação de poucos segundos pareceu infinita. Logo a onda passou e Vrooom, tossindo muito, pôde botar os pés no chão e respirar novamente. Assim que se recuperou, mais uma vez, foi agarrado por um dos homens enquanto outro lhe tapava o nariz e afundaram sua cabeça na onda seguinte. Tudo voltou a zunir, embora o golpe agora parecesse mais fraco. Mas não a indignação. Estava claro que pretendiam matá-lo, entregando-o ao bicho Oshean. Naquela época, ainda não existiam os rituais de sacrifícios aos deuses, mas o rapaz pôde imaginar que os pescadores, oferecendo-o como manjar ao Oshean, negociavam um salvo conduto em troca da oferenda. Só não entendia por que todos os seus atos, incluindo a luta para não virar alimento de oceano, despertava tantas gargalhadas.

Na terceira vez, mostraram-lhe como devia fazer. Dois homens cerraram as bocas, fecharam os olhos e submergiram na onda, depois se levantaram e fungaram fortemente pelas narinas. Vrooom olhou para eles, inicialmente com suspeita, mas uma pequena luz começou a acender em algum lugar de sua mente e então os imitou. Fez isso várias vezes e percebeu que o mal-estar, sentido desde a véspera, abandonava seu corpo. As faces não doíam mais, a cabeça parecia mais leve. A pele, embora ardesse nos lugares onde estava lanhado, emitia sinais de um ardor bom, de cura. Os homens o deixaram mergulhando na água e foram a um lugar mais adequado para pescar. No momento que percebeu não estar mais cercado, voltou a sentir-se inseguro. Para não deixar essa sensação sem arrimo na realidade, uma onda maior arrebentou e o pegou de surpresa, fazendo seu corpo virar cambalhotas dentro d'água enquanto era arrastado. Ele se sentiu como um brinquedo nas mãos de um gigante. Tão logo conseguiu se colocar em

pé, resolveu voltar à praia. Com água pela cintura, notou que a água puxava-o para trás. Viu mais uma onda se formando atrás dele. Tentou fugir, escorregou e a onda fez que desse de cara no fundo, carregando-o adiante até que conseguiu levantar-se e sair correndo. Na praia, ele se sentou na areia e chapinhou os pés numa poça. Tornou a fungar, sentindo o resfriado abandonando seu corpo. Olhou para os homens, a água lhes cobrindo o dorso, o olhar atento, as varas finas prontas para serem lançadas. A cada onda que chegava, eles se erguiam acima da espuma, sem afobação.

Olhou para os mais jovens, que estavam sendo iniciados na arte de pescar, concentrados nas pequenas piscinas que as pedras formavam perto da praia. Ali não havia ondas nem correnteza e os pequenos peixes eram facilmente visíveis na água transparente. Aquele ar salgado despertou seu apetite e sede. Resolveu subir até a caverna para ver se conseguia algo para comer. No caminho passou por uma queda d'água que descia da falésia. Lá saciou sua sede e tirou o sal da pele. Viu outros rapazes subindo, carregando peixes. Mas não eram só peixes. Moluscos e crustáceos compunham o desfile de seres que ele não conhecia, que em nada pareciam com outros seres que ele havia experimentado ou mesmo se deparado. Preferia abocanhar um bom pedaço de carne, aproveitar o fogo para algo realmente saboroso, mas nada disso figurava no cardápio dessa tribo. E como seu estômago já se manifestara, estava disposto a contentar-se com o que era oferecido por ali. Chegou até as proximidades da caverna onde se deparou com um fogo externo. As mulheres estavam preparando a fogueira para as iguarias que chegavam, limpando as escamas, abrindo os animais, separando as cabeças dos corpos. Notou que havia uma diferença entre esta e a sua tribo: ali se comia duas refeições quentes ao dia, uma delas do lado de fora da caverna.

As mulheres, ao vê-lo subir de mãos abanando, lançaram um olhar reprovador. Para tentar agradar-lhes segurou seu pênis e o abanou na direção delas. Algumas deram uma risadinha, as mais velhas

continuaram olhando, tentando escrutiná-lo, entender que ser era esse, como aparecera de repente e quais eram suas intenções. No momento, sua intenção era sentar numa sombra e saciar sua fome, mas ninguém parecia entender ou se solidarizar com isso. Ao contrário da noite passada e desta manhã, nenhuma fêmea se aproximou com um manjar nas mãos. Logo os peixes foram postos sobre o fogo e um cheiro tentador começou a se espalhar. Alguns homens chegavam para a refeição, mostrando, já naqueles tempos, a vantagem de trabalhar perto de casa. Quase todos traziam peixes espetados em seus arpões, alguns traziam mais dois ou três nas mãos. As mulheres faziam a recepção sem a algazarra e excitação da tribo de Vroom. Ali os peixes eram recebidos, preparados e esperavam seu momento de encontrar as chamas. Alguns deles ainda se debatiam, como Vroom se contorceu ao ser capturado. Outros, menores, eram engolidos vivos, principalmente pelas crianças. As cabeças recebiam atenção especial, eram dadas aos mais experientes e às grávidas.

Vroom esperou pacientemente, mas percebeu que estava sendo ignorado e que se não tomasse uma iniciativa continuaria com fome. Levantou-se e como quem não quer nada foi chegando próximo à fogueira onde os peixes estavam sendo assados. Sentiu nas costas o olhar de uma tribo inteira, como se fosse uma barreira, e estacou. Entendeu que teria que prover seu próprio alimento. Aquela abundância não era suficiente, na visão dos locais, para partilhar com um estranho. Estranho ou não, tanto ali como no local onde vivera, machos de sua idade tinham que sair e trazer comida. Captou essa mensagem após ser aguilhoado pelo olhar coletivo de homens e mulheres. Faminto e mal-humorado voltou a fazer o caminho que descia para a praia. Poderia tentar ver o lado bom dessa exigência: era um sinal inequívoco que a tribo o acolhera. Na véspera, quando ainda era um estranho, ganhara comida. Agora, era visto como membro da comunidade.

Isso, porém, não serviu de consolo. Do que havia observado, concluiu que a vida dos pescadores era muito mais fácil do que a dos caçadores de sua tribo. Ficavam parados num local próximo da praia, apontando a lança e esperando o peixe passar por ali para espetá-lo. Não pareciam correr perigo, não havia feras ameaçando e disputando sua caça, apenas a concorrência inofensiva de aves muito brancas de bicos aduncos. Os pescadores tinham comida em abundância e não precisavam percorrer as distâncias que os caçadores enfrentavam ao se embrenharem nas matas. Não entendia por que não podiam partilhar dessa fartura com um viajante cansado que não possuía, como eles, as ferramentas de pegar o peixe.

No caminho, passou pela fina cachoeira de água doce e colheu frutos de alguns arbustos que cresciam próximos, mas não saciaram seu apetite desperto pelo ar salgado e os odores de peixe na brasa. Voltou ao Oshean, mas não ousou entrar sozinho na água. Não havia mais ninguém em atividade. Apenas os pássaros sobrevoavam a espuma das ondas, mergulhavam com precisão, reaparecendo em seguida com um peixe em seus bicos, livres da concorrência dos pescadores que se refestelavam ao lado da caverna. Sem a presença humana, Oshean apresentava-se novamente ameaçador, apesar das águas tranquilas.

Sentado na areia, Vrooom matutou sobre a sua situação. Não gostava da tarefa de sair em busca de comida. A atividade da caça não o atraía, muito menos a de ficar o dia todo curvado sobre a água com uma lança fina na mão. Ali nem teria como usar a desculpa de doença ou ferimento, pois, como constatara, o local da pesca era também a cura para as mazelas. Podia ir embora. Sabia que ninguém o impediria agora de se levantar e se afastar e realmente pretendia fazê-lo em algum momento. Mas ainda não se achava em condições de enfrentar o caminho longo e incerto, as feras e as agruras do trajeto e, principalmente, a solidão. Além disso, a curiosidade era um convite para ficar, para aprofundar seus conhecimentos e absorver melhor o que ainda não estava totalmente assimilado: o fato de haver outros seres de sua espécie.

Enquanto ruminava todas essas sensações, sentiu seus pés ficarem molhados. Levantou e percebeu que a água avançava em sua direção. As pontas das pedras que via logo adiante estavam quase cobertas. Deixou a praia e voltou a subir em direção à caverna.

Ao chegar, percebeu que o fogo externo estava apagado, apenas algumas fagulhas continuavam vivas. As crianças brincavam com as espinhas dos peixes e com as escamas. Dentro da caverna, viu que alguns casais copulavam, outros adultos dormiam. Saiu novamente para ver se ao redor da fogueira não havia ficado algum resto de comida. Achou poucos nacos de carne entre escamas e esqueletos deixados de lado e os chupou com avidez. Sentou-se na rocha como uma sentinela e de lá pôde ver como a maré agia, tomando conta da areia, da praia, das pedras, impossibilitando que os homens voltassem à pesca.

Poucas horas depois, observou extasiado o recuo das águas e, como se houvesse uma comunicação secreta entre o fenômeno da maré e os habitantes da caverna, viu os homens despertarem e descerem para prover a refeição da noite. Dessa vez, Vrooom foi com o grupo de livre e espontânea vontade, mas antes disso entrou na caverna e procurou a roupa que lhe fora confiscada no dia anterior. Encontrou-a num canto, ao lado de uma das mulheres que o cercaram na chegada. Na praia, mostrou para uma plateia surpresa como o traje podia ser usado para carregar uma boa quantidade de peixes em uma viagem só. Não só peixes, mas também os alimentos que os mais jovens juntavam na praia. Novamente sua ação suscitou risos, mas agora podia perceber um tom diferente. Era uma risada de admiração.

A proeza do garoto teve maior impacto ainda junto às mulheres e lhe rendeu uma boa refeição. Além disso, foi escolhido por uma delas para o ato sexual. Era a primeira vez que era selecionado para algo e, melhor ainda, copulara sem plateia. Ao adormecer, a decisão de voltar e procurar sua tribo começava a entrar no departamento das ideias distantes.

XXVI

No dia seguinte, no entanto, o efeito de seu feito já havia se dissipado. Foi acordado por cutucadas, gracejos e risadas. As pessoas não conseguiam entender como ele seguia dormindo quando todos já estavam despertos. Para sua sorte, aquela tribo costumava achar graça quando se deparava com algo que não conseguia entender, em vez de ficarem, por exemplo, irados. Para Vrooom isso não servia de consolo. O riso deles não melhorava o seu humor. E nem ele atinava como seguia dormindo enquanto todos já estavam em pé. Não poderia imaginar que seu relógio biológico tivesse um ajuste diferente, insensível à parca luz que entrava na caverna. Não era só a luz que acordava a tribo dos pescadores, o movimento da maré também influenciava seus organismos. Seus relógios respondiam a uma combinação desses dois fatores. Quando as águas começavam a recuar, próximo ao alvorecer, eles acordavam, comiam – caso ainda houvesse sobras – e se preparavam para sair com o surgimento da primeira faixa de praia. Os que pescavam nas proximidades voltavam à caverna quando a maré subia no meio do dia. Comiam e tiravam um cochilo. Tão logo a maré começava a ceder, acordavam refeitos para o turno da tarde. É provável que essa seja a origem da sesta, costume difundido até os dias atuais. Os que pescavam em locais mais distantes, almoçavam o que haviam pescado na manhã e descansavam ao léu, em elevações acima da praia, até a maré baixar. Seja como for, Vrooom nada sabia sobre os fluxos da maré e mantinha-se ligado ao regime de toda a sua vida, despertando quando a luz e os ruídos da manhã invadiam seu sono. Logo que acordou, ou melhor, foi acordado, serviu-se das sobras dispostas perto da fogueira principal, agora reduzida a um fogo básico. Havia pouca comida já que a maioria das pessoas tinha se servido.

Dessa vez, saiu voluntariamente com os homens. Não que quisesse, mas estava claro que não o deixariam ficar por ali com as mulheres e as crianças.

Quando chegaram à praia, entendeu que esperavam a sua participação na pesca. Ficar carregando víveres em sua vestimenta era uma novidade útil e interessante, mas isso qualquer criança podia fazer, uma vez revelado o método inovador. Ele já era um rapaz, praticamente um homem feito, e se esperava dele que entrasse na água e molhasse as pernas. Como não tinha lança, entrou com os meninos nas piscinas de águas transparentes formadas entre as pedras, repletas de peixes. Bastava escolher o seu e pegar.

Pelo menos assim parecia. Na prática, a tarefa se revelou muito mais complexa. Os peixinhos estavam ali, à disposição, mas ao aproximar a mão eles fugiam arredios, deixando apenas água escorrendo entre os dedos. Vroom, que era bem maior do que os guris a sua volta, teve que ficar de joelhos, o que servia como alerta para os peixes. Tentou usar as duas mãos, tentou fechá-las dentro d'água, juntá-las feito uma concha e erguê-las. Tinha certeza que havia conseguido prender alguns peixes, mas sempre que as abria, revelavam-se vazias. Logo cansou e se aborreceu. Olhou os menores que labutavam em grande excitação, como se fosse uma enorme brincadeira. Também eles passavam trabalho para pegar os peixes, mas no final das contas tinham algum sucesso, enquanto ele nada conseguia. Para sua sorte, estavam ocupados demais, concentrados no próprio esforço e por isso não perceberam o malogro de Vroom. No momento que percebessem, sabia ele, seria alvo de chacota dos pirralhos. Isso ele não poderia tolerar. Decidiu que a pesca de peixinhos era uma tarefa indigna para ele. Conseguiria uma lança para fisgar os peixes maiores.

Saiu do mar com esse propósito. Observou os adultos atentos com suas lanças. As águas batiam em suas cinturas, às vezes mesmo no peito, ou acima dele, após pularem uma onda que os ameaçava encobrir. De repente, viu um bicho prateado saltar todinho para fora da água e tornar a mergulhar com um forte estrondo. Tinha mais ou menos o comprimento de um homem e deu um grande susto em Vroom. Os

pescadores, porém, não se assustaram. O peixe enorme havia feito a manobra exibicionista bem a seu lado, era de se esperar que isso os dispersasse em grande alvoroço, mas o contrário aconteceu. Juntaram-se, maravilhados, esperando. Urraram de alegria ao vê-lo aparecer novamente, catapultado acima da onda, saudaram-no e seguiram seu trajeto. Vrooom pensou que queriam caçá-lo, mas estava enganado. O golfinho indicava que havia um cardume por ali e eles queriam aproveitar o ensejo. Essas manobras chamaram a atenção dos menores que estavam na praia recolhendo caramujos e dos que estavam no mar, em águas mais rasas. Um deles, sem se dar conta, foi se afastando da segurança da piscina natural, tentando acompanhar com os olhos os adultos que seguiam o peixe grande. Vrooom só atinou quando ouviu a algazarra dos pequenos que chamavam seu colega de volta. O menino desgarrado estava a uma pequena distância, mas com a água já batendo em seu peito. Deu um passo para tentar voltar e seu pé afundou num buraco.

Oshean nunca enganara a Vrooom. Agora mostrava sua feição verdadeira. Os adultos seguiam buscando seus peixes. Ondas tranquilas lambiam a praia, pássaros continuavam sobrevoando a água, peixes nadavam e o sol iluminava tudo isso com um brilhante esplendor. Mas num ponto muito específico e singular, pedras, barro e correntezas criaram uma cilada na forma de um buraco invisível, que só era percebida por quem nele caía. Somente seus amigos e Vrooom testemunharam sua agonia, sua luta para se desvencilhar da armadilha mortal. Os garotos faziam muito barulho, tentando chamar a atenção dos adultos, mas seus gritos não venciam o barulho do mar, a concentração da pesca. Alguns avistaram Vrooom e fizeram gestos para que ele entrasse na água para resgatar o menino. Essa ideia nem lhe passou pela cabeça. Não gostava do Oshean quando tudo estava sereno, muito menos quando estava caçando. Olhava preocupado para o menino, torcendo para que ele se safasse. De onde estava, não conseguia entender muito bem a dificuldade de se desvencilhar. Pela movimentação, ficava claro que algo o mantinha preso naquele ponto e que seus esforços para retornar o deixavam fatigado. Lembrou-se

da tarde de sua infância em que Unhã caíra no rio e, depois de ter tido como morto, reaparecera na mata. Ao contrário de Unhã naquele dia fatídico, o garoto não parecia descontrolado, não se debatia de maneira estabanada. Tentava manter a cabeça erguida sobre a água e avançar, com a ajuda de pernas e braços, para fora daquele campo que o mantinha preso. Ele chutava, batia com os pés para se livrar do buraco, isso o ajudava também a erguer seu nariz por cima da água, mas por pouco tempo. Avançava um nada e logo era puxado para trás e para o fundo, seu pé pisava no buraco e a areia se abria feito uma boca gulosa.

Depois de várias tentativas sem sucesso, o menino se virou e decidiu avançar no sentido contrário, em direção ao mar aberto, para onde a correnteza parecia levar. Ali, uma pedra despontava na água. Se conseguisse chegar até ela e se agarrar, estaria a salvo até que os adultos chegassem. Fez mais um grande esforço para tirar os pés do buraco, avançou em direção à pedra e, num primeiro momento, parecia que a corrente o ajudava. Mas logo percebeu que as águas se agitavam em volta das pedras e do buraco, criando uma prisão invisível. Para piorar, o pouco que avançara fez a água bater no pescoço. O menino pulou, puxou com os braços, chutou com força e conseguiu atingir a parte da rocha que estava submersa. Imediatamente sentiu a dor do corte nas pernas e viu o sangue tingir o mar. A pedra era extremamente afiada, com seus corais ásperos e pontiagudos. Mesmo assim, esticou os braços para nela se agarrar. Sentiu o corte nas mãos e no peito ao se grudar contra a pedra. Sentia a água brincando com ele, ora cobrindo-o, ora deixando que novamente tomasse ar.

Nesse momento, os adultos do grupo que seguia o golfinho se deram conta do que estava acontecendo. Um deles separou-se da turma enquanto os outros permaneceram no local, cuidando para não perderem o menino de vista. O adulto correu até as pedras, atento para não cair nos buracos, chegou perto do redemoinho e esticou sua lança para o menino agarrar, mas este já não conseguia atinar que havia ali

alguém para ajudá-lo. Tentava segurar-se na pedra, mas voltava para a água, agora quase sem forças. O homem urrava, agitava sua pequena lança na frente do garoto. Não adiantou. Quando viu que ele ia submergir, lançou-se a ele e o pegou pelos cabelos. Puxou com força e o tirou dali, lutando contra o redemoinho. A água batia pouco acima de sua cintura, entretanto foi uma empreitada difícil. Quando saiu da zona de perigo, levantou o garoto em seus braços, colocou-o sobre os ombros e veio trotando por sobre as ondas o mais rápido que pôde. Mas era tarde demais. O menino já estava inconsciente quando o deitou na areia.

Como se houvesse uma comunicação telepática na tribo, as mulheres desceram para a praia aos borbotões. Se conhecessem técnicas de respiração boca a boca ou simplesmente fizessem o menino vomitar, é possível que conseguissem salvar a sua vida. Mas estamos falando de tempos distantes. As mulheres deram-lhe pequenos tapas, beliscaram seus braços, mas o garoto continuou desacordado. Teve início um lamento, que se estendeu de um ponto a outro da praia, e se transformou num uivo dilacerante, como o de Uuulf. Alguns dos homens que pescavam mais afastados vieram correndo. Somaram-se aos outros na tentativa de fazer o menino reagir. Quando viram que nada do que faziam animava o garoto, cessou o lamurio. Deixaram-no ali e continuaram a pescaria. Tudo que pegavam passava pelo corpo do menino. Esfregavam os peixes, os caramujos e os pequenos siris em sua pele.

Quando o sol atingiu o seu ponto máximo e as águas começaram a anunciar a alta da maré, todos se dirigiram à caverna, deixando o corpo para que o mar o levasse. Não havendo mais como salvá-lo, não havia por que negá-lo ao Oshean. Vrooom olhou bem para o corpo estendido na praia. As marcas da luta eram visíveis nos cortes dos braços, das pernas, pés e peito; na cor da pele que começava a azular de uma maneira que ele nunca tinha visto antes; nos olhos que, mesmo fechados, transmitiam o horror

sofrido dos derradeiros momentos. A caça fácil e a vida pacata, que Vrooom imaginava ao comparar essa tribo com a sua, começava a ganhar outros contornos.

À tarde, ficou em volta da caverna com um grupo de rapazes que fabricavam suas armas. O processo não era muito diferente do que ele conhecia. Além de mais fina, a arma de pesca era menor em comprimento; a ponta era afiada com uma pequena pedra que lapidava o galho contra uma rocha. Em alguns casos, amarravam um cipó na extremidade. Num dado momento, Vrooom abandonou sua tarefa e entrou na caverna, sem nem mesmo atinar o motivo. Observou que as garotas eram orientadas pelas mulheres em algum aprendizado, que foi interrompido ao perceberem sua presença. As mais velhas não gostaram de sua aparição repentina e o enxotaram. Voltou a afiar sua arma e não pôde deixar de matutar que ali as mulheres também guardavam segredos. Com sua curiosidade e sua índole investigativa, nosso herói foi novamente atraído para os mistérios femininos.

XXVII

Nos dias que seguiram, Vrooom aprofundou seus conhecimentos sobre a tribo de pescadores e constatou que a vida deles, às margens do bicho Oshean, nem sempre era um mar de rosas. Se dependesse de sua vontade, concentraria seus esforços de observação no universo feminino, que parecia aflorar mais ainda quando os machos se ausentavam. Era, contudo, uma missão difícil de ser cumprida. Quanto mais tentava se aproximar da caverna em horários não apropriados, mais os homens cuidavam para afastá-lo. Como consequência, mais de uma vez se viu *incluído* nos grupos que iam pescar ao sul ou ao norte da praia. Vrooom não entendia por que percorrer tamanhas distâncias. O mar parecia grande o suficiente para prover toda a tribo, mesmo que ficassem naquela faixa avistável da entrada da caverna.

Numa dessas incursões, Vrooom reconheceu o ponto onde foi capturado: a elevação de areia e atrás dela a montanha que o separava de sua vida anterior. Para essa elevação, subiam quando a maré começava a

invadir a praia. Ali comiam seus peixes crus, que os mais jovens limpavam, e descansavam até o Oshean recuar. Assim que a praia emergia, levantavam-se e voltavam ao trabalho. Ali, a céu aberto e em plena luz do dia, não chegavam a dormir, algum animal poderia surgir atraído pelo cheiro da refeição. Vrooom notou que bichos terrestres não eram do interesse da tribo, como se ignorassem que eram comestíveis, que tinham a carne muito mais saborosa que aqueles frutos osheanicos e que de suas peles dava para fazer vestimentas, úteis não apenas para cobrir o corpo, conforme ele já havia demonstrado. Como não tinham fogo naquelas expedições, contentavam-se em tentar afugentar o intruso com algazarra, bradando suas lanças e fazendo gestos e ruídos. Dependendo do animal que aparecia, recolhiam suas coisas e se afastavam ou mesmo atiravam alguns peixes para saciar a fome da fera. Uma vez chegaram a pular na água, deixando Vrooom sozinho, perplexo. Por pouco não virou comida, mas logo pulou atrás deles, o medo menor sendo subjugado pelo maior. Felizmente, a maré estava baixando e o garoto aprendeu que as feras tinham medo do Oshean, assim como do fogo. Aprendeu também a sentir o movimento das águas sob seus pés no recuo forte da maré.

Naqueles momentos de contato com outros animais, Vrooom sentia falta de seus antigos companheiros. Seu instinto de caçador, mesmo que não fosse grande coisa, clamava por uma ação que transformasse o predador em vítima, perseguindo-o e cercando-o em movimentos coordenados antes de abatê-lo e levá-lo em triunfo para a caverna. Não encontrava eco para esses sentimentos entre os pescadores.

Se pegar peixes com as mãos em piscinas tranquilas e águas rasas fora uma missão impossível para Vrooom; espetar um peixe maior, em mar aberto, cercado por ondas e outras ameaças, era inimaginável. Desnecessário dizer que o fracasso foi ainda mais retumbante. Com a visibilidade diminuída em águas mais profundas, os pescadores desenvolveram meios de detectar os peixes sem vê-los. Uma ondulação diferente na superfície, algum tipo de bolha, um movimento quase imperceptível, indicavam a eles a rota

que estava sendo traçada para lograrem um arremesso certo. Ninguém parecia preocupado em ensinar isso a Vrooom, não imaginavam que poderia existir um macho adulto que não soubesse pescar. Tentou se virar imitando as ações dos mais jovens, mas nenhum peixe fazia a gentileza de ser trespassado por sua pequena lança. A movimentação na água era extenuante. Não precisavam cobrir distâncias enormes como os caçadores, nem correr tão rápido, mas avançar na água, pular suas ondas e aguentar o repuxo exigia muito dos músculos e, ao contrário da selva, não havia a sombra de árvores frondosas para aliviar o calor do sol batendo diretamente na cabeça. Além disso, Vrooom estava mais preocupado com os perigos que o mar traiçoeiro poderia apresentar do que com as nuances da complexa tarefa de pescar. Isso acentuava sua inabilidade, aumentava seu cansaço e reforçava o mau humor. Odiava aqueles dias em que se via cercado por um grupo de pescadores que, ao descerem à praia, tomavam a direção de um ponto longínquo. Não entendia os critérios para determinar quem ficava próximo e quem deveria ir mais adiante. O fato é que os homens se alternavam e, vez por outra, tinha que acompanhá-los. Pelo menos, nessas expedições mais distantes, o fruto da pesca era distribuído entre todos, quando descansavam no meio do dia. Assim não passava fome, mesmo sem ter pescado nada. Para compensar a improdutividade, tornou-se o carregador oficial, com sua roupa/sacola. Assim, exausto de perseguir peixes que não conseguia fisgar, ainda tinha que fazer o longo trajeto de volta na areia fofa com o fardo nas costas.

Vrooom não era o único a enfrentar dificuldades. Havia dias em que ninguém, nem os pescadores mais experientes nem os mais hábeis, conseguiam extrair das águas o seu alimento. Havia dias que o mar ameaçava a todos e poucos ousavam entrar nas águas agitadas. Nesses dias, recorriam a algumas frutas e raízes presentes nas encostas das montanhas e a alguns despojos que as ondas deixavam na areia. Mas isto era pouco para saciar a fome da tribo inteira. Naqueles dias, todos ficavam inquietos, agitados como o próprio Oshean. Perambulavam de um lado a outro da praia, entravam e saíam da caverna, sempre na expectativa que ocorresse alguma mudança. Nessas ocasiões, ele tinha mais oportunidade de

ficar perto das mulheres, mas era evidente que a rotina delas também era alterada, assim como a sua paciência. Vrooom queria descobrir se havia entre elas, assim como na sua antiga tribo, uma comunicação própria, desconhecida pelos homens. Esse era um assunto que, ao contrário das técnicas de pesca ou de caça, despertava todo o seu interesse. Para aprender aquela linguagem seria um aluno totalmente dedicado e concentrado. Mas em toda sua estada ali, na caverna junto ao mar, não conseguiu perceber qualquer sinal de que havia essa comunicação exclusiva entre elas. O que sabia, sem sombra de dúvida, era que algo estava sendo partilhado entre elas e ocultado dos homens. Assim como em sua caverna, não conseguia atinar o quê.

Nessas observações aprendeu muito sobre a interação entre os membros da tribo. Percebia várias diferenças comparando com sua comunidade de origem. A mais notável: os pescadores não tinham nomes. Grunhiam para chamar uns aos outros, mas era um grunhido de chamada que valia para todos, sem distinção individual. Vrooom assistira alguns partos. Os pescadores aguardavam atentos o primeiro choro do recém-nascido, como em sua tribo, porém, logo após esse pronunciamento inaugural, soltavam ruídos de satisfação e voltavam a seus afazeres. Isso era muito estranho para quem nascera dentro de uma grande família onde todos possuíam nomes. O dele era um tanto diferente, mas preferia carregar um nome esquisito a nenhum. Vrooom, com sua mania de nomear a tudo, tentou criar alguns apelidos para certos membros da tribo, mas ninguém entendeu o que ele estava fazendo. Chamava as pessoas e todos pensavam que eram grunhidos sem sentido, como os que saiam de suas gargantas. Isso fez com que desistisse da brincadeira.

Outra diferença que pôde observar era na condução da pesca: saiam juntos e voltavam juntos. Os grupos, uma vez constituídos, ficavam mais ou menos coesos, sem grandes dispersões, mas cada homem agia por si na hora de pegar o peixe. Não havia uma ação coordenada entre eles para fisgar a presa como

havia entre os caçadores. Essa era a única maneira de caçar animais mais fortes, mais ágeis e mais rápidos que um humano. Mesmo antes de empregar a caça coordenada, havia alguns rituais praticados pelos caçadores, que proporcionavam um prazer muito grande, uma sensação de pertencimento e solidariedade. Nada semelhante acontecia entre os pescadores. O diálogo entre eles era quase mudo como se seguissem o padrão dos animais que comiam. Isso também deixava Vroomo estarrecido: os bichos tirados da água ainda possuíam vida, se debatiam, tentavam escapar, mas não emitiam som, ao contrário dos animais terrestres. Berrar era tido por ele como o último direito de uma criatura antes de virar comida.

Um estudioso, se estivesse presente para pesquisar as duas comunidades, diria que a comunicação dos pescadores estava num estágio mais primitivo. O garoto, embora não usasse esses termos, sentia a limitação de seus novos companheiros. Principalmente quando chegava a noite e a tribo se recolhia para alimentar-se ao redor do fogo. A caverna dos pescadores, ao contrário da antiga moradia de Vroomo, era compartimentada. Seu interior era dividido em várias pequenas cavernas, e fogueiras menores eram acesas ali, criando núcleos separados. Mesmo assim, havia uma área central onde ardia o fogo principal e onde se reuniam os membros da tribo para as últimas atividades do dia. Ali, para frustração de Vroomo, não ocorria o grande momento de narração das aventuras do dia. Havia uma recepção aos que chegavam com os peixes, havia o ritual do preparo da refeição. Comiam em conjunto, depois as mulheres escolhiam com quem se deitariam e, por fim, ia cada um para o seu lado copular ou dormir. Aquele momento mágico dos relatos, que cobria de encanto as noites da tribo dos caçadores, era o que mais fazia falta ao rapaz. Muitas vezes, durante a jornada solitária que havia trilhado, imaginava-se de volta à caverna tentando transmitir tudo o que vira e vivenciara. Lá, um encontro surpreendente como aquele que ocorreu às margens do bicho Oshean e que culminou na sua captura, não passaria sem o alvoroço de inúmeras versões e encenações. Mas ali, naquele ambiente taciturno, a comida e o sexo

pareciam suprir as necessidades sociais da comunidade. Muitas vezes, Vrooom imaginava a noite na qual apresentaria aos pescadores aquele belo costume. Em alguns dias, planejava dirigir-se ao centro da caverna e atrair a atenção de todos com alguma narrativa. Na hora desistia, inseguro, como se sentisse que o ambiente não era propício. Dessa forma ia adiando, talvez, para quando conseguisse pegar seu primeiro peixe.

Não chegou a criar coragem para relatar em prosa e gesto as aventuras do dia na frente de todos, mas fez algo semelhante em uma tarde. Pela segunda vez, havia contemplado o enorme peixe saltando em todo o seu esplendor das profundezas para, após um malabarismo, voltar a mergulhar. Como Vrooom estava na água, conseguiu vê-lo mais de perto. Susto e admiração se juntaram. Havia algo majestoso naquele animal. Quando voltou, desenhou com a ponta de sua lança na areia em frente à caverna o peixe pulando no mar. As crianças foram as primeiras a se aproximar e olharam maravilhadas para o desenho. Em seguida, as mulheres e, por último, os homens contemplaram a obra com o mesmo temor e admiração que Vrooom havia contemplado o golfinho.

Aquele rapaz surgido do nada, peludo, pálido e alto não cessava de surpreendê-los. Não era capaz de arremessar uma lança com êxito, mas recriara na areia uma figura viva. Naquela noite, pela segunda vez, foi escolhido por uma das mulheres e, novamente, sentiu o prazer de acostar-se com uma fêmea, orgulhoso por ter feito algo inusitado, algo que ninguém além dele sabia fazer. Isso deixou Vrooom tão animado que o fez tentar, nos dias seguintes, incentivá-los a traçarem desenhos na areia, mas obteve pouco sucesso. Embora conseguisse maravilhar com sua arte, não logrou inspirar que o imitassem, que tivessem vontade de se expressar. Eram muito diferentes do pessoal da sua tribo.

Havia, no entanto, momentos especiais que Vrooom aprendeu a apreciar. Eram constituídos basicamente pelas brincadeiras na água. Tanto os mais novos como os adultos, volta e meia, interrompiam seus

esforços de pesca e partiam para estripulias, que no início assustavam Vrooom, mas que com o tempo ele começou a gostar. Sua favorita era a de voltar à praia se jogando na frente da onda e surfando com o corpo esticado sobre a água, como uma lança arremessada. Isso exigia uma técnica apurada. Vrooom custou, mas ao contrário da pesca, acabou dominando seus macetes com habilidade. Isso lhe deu enorme satisfação. Mesmo nesses momentos de maior descontração, Vrooom ficava sempre atento a qualquer possível armadilha que o mar pudesse preparar. Ele até poderia ser engolido por Oshean, mas não seria pego desprevenido.

O sexo era bom, mas era raro. Quando ia dormir sem ser escolhido, o que ocorria frequentemente, sentia enorme falta do prazer que o coito lhe proporcionava. A necessidade de transar crescera dentro dele, tornara-se imperiosa como a necessidade de comer, beber e dormir. Ele se excitava e sofria ao ouvir os casais em ação e muitas vezes se acariciava, adormecia esperando a visita dos sonhos molhados. Ansiava, a cada fim de jantar, ser convidado para acompanhar uma fêmea. Tentava chamar atenção, fazer algo que o tornasse digno de ser escolhido e quando isso acontecia era invadido por uma sensação ímpar, como se fosse mais poderoso que o Oshean. Na noite seguinte, quando ia dormir sozinho, sentia um vazio enorme, como um viciado privado do vício. Como era mais alto e peludo, suscitava a curiosidade das mulheres. Naqueles tempos, ser diferente não era visto como um defeito. Mas o fato de Vrooom não saber pescar, certamente era.

Em uma das noites que foi escolhido, deitara o ouvido sobre a barriga de sua companheira após o sexo. Era apenas uma brincadeira, pois as demonstrações de afeto e carinho do jogo sexual não eram ainda difundidas. Mas ao fazê-lo, foi cativado pelos ruídos produzidos pelo estômago, pelos batimentos cardíacos, pelo fluxo da respiração que ouvia. Vrooom sentiu que havia no interior daquele corpo um universo inteiro, repleto de vida própria e mistérios. Mal sabia ele que, naquele momento, como parte

daquele fluxo de vida que se revelava parcialmente ao seu ouvido, espermatozoides faziam o caminho até um óvulo para fecundá-lo.

Vrooom viveu aqueles dias entre agruras e momentos felizes, mais ou menos como fora sua vida antes de se perder e começar a jornada que o levara até ali. Muitas vezes, como é a tendência do bicho homem, idealizava sua vida anterior, lembrava-se dela omitindo incidentes amargos. Por outro lado, não sentia saudades dos tempos em que perambulava solitário pelo mundo, enfrentando as ameaças da jornada, ainda que fosse uma jornada de descobertas. Sabia que se tentasse voltar teria que enfrentar incertezas e solidão, sem nem mesmo estar seguro de que conseguiria encontrar o caminho de volta. Assim, foi ficando, adaptando-se a nova vida que encontrara. Apenas em sonhos eventuais, cada vez mais confusos, vivenciava o reencontro com sua tribo original.

Até que, um dia, decidiu pegar a estrada sem nenhuma hesitação ou sombra de dúvida de que era isso que deveria fazer.

SEGUNDA PARTE

I

Antes de narrar o acontecimento que fez nosso herói pegar sua trouxa (que também servia como roupa) e se mandar, vale trazer à luz um episódio menor. Episódio que ocorreu um dia antes do dramático evento e que nenhuma relação teve com ele nem com a decisão de Vroom de partir, mas tem implicações muito sérias no resto da nossa história.

O jovem estava pescando, ou melhor, tentando pescar, na praia próxima à caverna. Cansado do insucesso, deixou a água e fez um “carregamento” de peixes e moluscos com a pele de animal, que havia assumido a função quase exclusiva de sacola. Aproveitou o ensejo para entrar na caverna e bisbilhotar num horário em que os machos adultos estavam ausentes. Passou pelo espaço central e adentrou o estreito corredor que ligava os vários nichos, até que percebeu, num canto retirado, um grupo de mulheres e moças concentradas em torno de algo no chão. Como quem não quer nada, aproximou-se e logo foi notado, o que provocou grunhidos de protesto e sinais para que se afastasse. Fingiu não entender os sinais e, para sua surpresa, ao chegar perto, distinguiu um desenho. Fora rabiscado com a ponta de um galho sobre a terra, assim como ele fizera semanas antes. Estava ali, firmemente traçado, cercado pelas meninas que o contemplavam sem alarde, mas com certa excitação. Uma das mulheres tentou passar o pé sobre o desenho antes de Vroom chegar. Na parca luz que iluminava o esboço, antes de ser apagado, conseguiu visualizar uma lança de pesca bem curta, cuja base era sustentada por duas pedras redondas e da ponta ainda gotejavam os pingos do mar. O mais estranho era que a lança não apontava para um peixe ou para o Oshean e sim para a entrada da caverna onde havia um bebê.

As mulheres mais velhas, muito contrariadas, empurraram-no para fora. Uma delas, porém, mudou de ideia e indicou que se deitasse onde antes havia o desenho. Pegou no membro de Vroom e o esfregou

em sua vagina, enquanto as meninas olhavam abismadas. Fez o sêmen jorrar, à vista de todas, exatamente como havia feito Mããã em eras passadas. Vrooom ficou menos perturbado do que na primeira ocasião, quando ainda não tinha experiência, mas achou muito estranho. Apesar das grandes diferenças entre as duas tribos, o evento se repetia com enorme semelhança. E ele não entendia o significado.

Mais tarde, chegaram os homens carregando os frutos do mar com semblantes muito agitados. Vrooom pôde observar que atrás de Oshean, onde normalmente o sol dava seu último mergulho, havia um céu cor de chumbo com grandes pilares escuros descendo até o mar. A maré, que a essa hora invadia quase toda a praia, estava estranhamente baixa, como se o bicho Oshean recolhesse seus tentáculos para enfrentar o céu carregado. Ao norte e ao sul, a tarde continuava límpida, assim como o pedaço de céu sobre a encosta que se erguia acima da caverna. O horizonte, no entanto, era ameaçador.

Mal anoiteceu e as estrelas, que cintilavam nas imediações da montanha, se apagaram. O ar parecia carregado. Na caverna não havia pânico, mas uma inquietação geral tomava conta do ambiente. Boa parte do que foi pescado foi posta de lado, sem ir ao fogo. Os membros da tribo jantaram pouco e comeram rápido, como se tivessem pressa. Mas ninguém foi dormir nem acasalar. Todos ficaram por ali, alguns deitados, outros sentados, a maioria perambulava no parco espaço do ambiente central. De vez em quando, um pequeno grupo de homens se dirigia até a entrada da caverna, farejava o ar, espiava o céu e voltava.

Vrooom vislumbrou o primeiro clarão do relâmpago. Seu corpo estremeceu esperando o estrondo, que não tardou. Algumas crianças choraram, outras se agarraram às mulheres. Os machos se ergueram, tentando fingir coragem. A trovejada ribombou por todos os cantos, como se fosse um grito de guerra, uma fera que convocava sua horda para o ataque. Depois disso, a noite não se calou mais. O vento

uivava e se chocava contra árvores e rochas, ondas batiam ferozmente contra a praia e os trovões voltaram a soar. Logo a chuva despencou torrencialmente com uma artilharia de granizo. Vrooom presenciara várias tempestades em sua vida, sem contar aquela que deu origem a seu nome. Todas as grandes tormentas surtiam um efeito aterrador, mas essa era a primeira borrasca que ele enfrentava junto aos pescadores; e podia perceber que o pavor ali tinha outra dimensão. Não era necessário ter o cérebro altamente evoluído para entender o motivo. O vizinho deles era o ser mais poderoso e selvagem que ele conhecera. Não queria nem imaginar como seria seu comportamento numa tempestade como aquela.

Passaram a noite em claro, encolhidos ao lado do fogo, envoltos pelo som e pela fúria da natureza. A frequência com que os homens saíam para espiar e voltavam, encharcados, aumentara. Adentravam a caverna com ares taciturnos, preocupados, ignorando o fato de que todos olhavam para eles como se esperassem um veredito. Titubeavam, tornavam a sentar e depois de poucos instantes, outro grupo saía.

O granizo parou ao amanhecer, mas a chuva seguiu firme. Dentro da caverna não era possível notar a mudança entre a noite e o dia. Um grupo se afastou e logo voltou muito agitado. Outros se levantaram e saíram para olhar. Vrooom, apavorado, foi junto com eles. O que viu era realmente de arrepiar. O céu e o mar formavam uma só massa, uma coluna cinzenta e poderosa que avançava na direção da caverna. As ondas batiam nas pedras com uma fúria jamais vista, sua espuma respingava como se quisesse devolver as águas da chuva ao céu. Algumas ondas chocavam-se entre si, causando estrondos enormes. Ao contrário da tarde anterior, quando estranhou a maré baixa, agora não se via mais nenhum pedaço de terra firme, a praia havia desaparecido por completo. Era como se o mar resolvesse retribuir as visitas diárias dos membros da tribo, e se aproximasse para penetrar na caverna. Vrooom olhou para a montanha que os abrigava. A encosta acima deles era lisa e íngreme. Se o mar invadissem a caverna não haveria para onde escapar. Não se via nenhum animal terrestre, nenhuma ave; era como se estivessem

sozinhos no mundo, ilhados pela ira do céu e do mar. Metade da trilha de pedra que descia até a praia já estava submersa. As ondas avançavam sobre o terreno que antecipava a caverna, onde em dias normais as crianças brincavam e as mulheres atiçavam o fogo no meio do dia. Folhas, conchas e galhos quebrados amontoavam-se ali, dançavam uma dança maluca, regida pelo vendaval. Um dos pescadores perdeu o equilíbrio e por pouco não foi arrastado em direção às ondas. Retornaram apressadamente à caverna. Não havia o que fazer a não ser esperar, torcer para que a água não subisse mais. Mas nem os céus nem o bicho Oshean pareciam satisfeitos.

Ali, no interior da caverna, na parte oca da montanha, o barulho da tormenta adquiria um som fantasmagórico. Prepararam um pouco dos alimentos que foram poupados no dia anterior, mais para tranquilizar as crianças do que para matar a fome que ninguém parecia ter. O terror dominava todos os poros, não havia espaço para outras sensações. Mal terminaram de comer, perceberam a primeira leva de água cruzando a entrada da caverna. Não era a água da chuva que penetrava por ali com o vento, formando suas poças; era uma água que vinha por terra, forte, resoluta e salgada, cobrindo inclusive as poças. A água avançou um pouco e logo recuou. Todos sabiam que essa era a comissão de frente, o carro abre-alas, que precedia o verdadeiro dilúvio. Pegaram gravetos e galhos e transferiram a fogueira grande para o interior da caverna, longe da entrada. As mulheres e crianças foram para trás; os homens protegiam a frente com seus olhares preocupados, como se fosse possível barrar o avanço do mar. Logo veio uma onda e mais outra, infiltrando-se sem cerimônia na caverna, rompendo de vez aquela sensação de conforto e segurança de estar sob um teto e entre paredes.

A tribo se recolheu, encolheu-se nos fundos da caverna, num pequeno túnel que se estendia sobre uma suave elevação. O que era abrigo, logo se transformou em ameaça. Apertavam-se num espaço exíguo,

escuro, onde o ar era escasso e, o que era o pior, dali não havia saída. Parecia um tumulto e tudo indicava que estava prestes a tornar-se o local de sua sepultura.

Naquelas circunstâncias, não seria surpreendente se alguém perdesse o controle. Um dos homens – justamente o que encontrara Vrooom quando este surgiu do nada para entrar na vida da tribo – foi tomado pela ideia de que deveriam se livrar do estranho. No seu desespero, considerou que Oshean estava bravo e Vrooom seria a causa, inaugurando a tradição milenar, que se estabeleceria por gerações e gerações de marinheiros por incontáveis tempestades, de eleger um bode expiatório na hora da calamidade e atirá-lo ao mar.

Ao contrário do que acontecia entre os marujos, esse entendimento não teve uma acolhida consensual, para sorte de Vrooom. Seu antagonista estapeava, tentava empurrá-lo, urrava e uivava, deixando todos mais nervosos do que já estavam. Poucos compreendiam o que estava fazendo. Alguns queriam que deixasse o garoto em paz. Outros, embarcando na histeria, somaram suas mãos nas costas de Vrooom, indicando a direção da saída. É claro que Vrooom não pretendia atender aos apelos, nem que precisasse lutar contra a tribo inteira. Não atinava porquê, de repente, implicavam com ele quando deveriam se preocupar com coisas muito mais urgentes. A água se aproximava sorradeira, logo iria lambear os calcanhares da tribo. O desafeto de Vrooom segurou-o pelas costas, começou a empurrá-lo com força em direção à saída. Vrooom fincou os pés no chão, agarrou-se no pescoço do homem tal qual um siri. Se fosse expulso da caverna, seu algoz iria junto. Os adeptos da expulsão começaram a ajudar aquele corpo esquisito, composto de dois indivíduos, a tomar o caminho da abertura atingida pelas ondas. Os estarecidos com a ideia empurravam os dois no sentido contrário. Havia ainda um terceiro grupo, constituído pela maioria da tribo, que não tomou posição ou, pelo menos, não agiu concretamente

indicando o que pretendia, permanecia ali e somava ao rebuliço gritos horripilantes, ao imaginar as grandes vagas irrompendo na caverna, inundando e varrendo todo vestígio de vida.

O pânico se instaurou no seio da comunidade, com Vrooom no epicentro, prensado entre duas facções e atordoado pelos lamentos da terceira. Na confusão reinante, não perceberam que o barulho da chuva havia cessado, que apenas o mar revoltado seguia batendo nas rochas. Só notaram quando uma das mulheres, cansada da disputa e da gritaria, pegou o que restava do fogo e, com a tocha na mão, dispersou a turba deixando Vrooom estirado no meio do túnel.

Instalou-se um silêncio dentro da caverna. A chuva parara e com ela os trovões e relâmpagos. Isso era alentador. Porém, a água continuava subindo. Em algumas horas, alcançara os joelhos dos adultos. A tribo, de olho no avanço da água, esperava ansiosa. Aguçavam seus ouvidos na tentativa de decifrar o que acontecia no exterior, já que ninguém ousava botar a cara para fora. A grande fogueira estava reduzida a um pequeno fogo alimentado por dois ou três galhos mantidos em pé, como uma tocha em cima de algumas pedras. A chama jogava mais sombras do que luz, aumentando ainda mais o sentimento de opressão. Logo se extinguiu. Restou aos habitantes sentirem em suas pernas se a água continuava avançando. Após horas de muita tensão, perceberam que ela parou de subir. Na manhã seguinte, notaram que começava a baixar muito lentamente. Na metade do dia, um pequeno grupo de homens avançou em direção à abertura da caverna. É claro que Vrooom ficou bem atrás, nem cogitou se aproximar do grupo desbravador. O que viram foi alentador e apavorante. A tempestade havia cessado por completo. Não havia mais chuva nem nuvens pesadas escurecendo o céu. O mar parecia mais calmo. A má notícia era que não havia como sair da caverna. Tudo em volta estava tomado pela água. Água barrenta e salgada. A devastação, até onde podiam enxergar, era completa. Estavam ilhados e teriam que

aguentar sem fogo, sem água ou comida até que tudo voltasse ao normal. Seriam nutridos somente pelo alívio de que suas vidas foram poupadas.

II

Nos dias seguintes, o mundo foi retomando o seu ritmo. A terra, que havia sido engolida pela água, dava o troco, sorvendo em pequenos goles o líquido que se precipitara sobre ela em golfadas violentas. Enquanto isso, a tribo padecia de fome, de sede, de boas horas de sono e descanso. Nas terríveis condições que estavam, muitos adoeceram. Com o perigo maior afastado, as pequenas coisas voltaram a causar grandes incômodos. Várias brigas irromperam entre os pescadores, mostrando que a paciência havia se esgotado, como é comum em situações de cativeiro. E era assim que se sentiam: presos à caverna úmida e escura. Até que, finalmente, a terra reapareceu no terreno frontal e eles puderam sair e esticar os corpos enquanto o sol dava o ar da graça na caverna, tornando-a novamente um espaço habitável. Naquela manhã, o semblante sofrido da tribo iluminou-se, algo festivo pairou no ar com a promessa de que, em breve, a trilha de pedras que os ligava à praia voltaria a aparecer; e depois a própria praia, abrindo o caminho para buscarem o seu sustento.

Quando isso finalmente aconteceu, Vroom decidiu partir em busca da sua antiga moradia. Vivia numa época em que cada dia apresentava um novo perigo, uma ameaça familiar ou desconhecida. Mas aquela experiência do dilúvio havia superado toda tensão e medo somados de todos os anos de sua existência. Havia visto a face bestial do bicho Oshean, com quem não queria nem mais um dia de convivência ou de remota vizinhança. Além disso, o episódio no qual quase fora expulso da caverna marcou-o profundamente. A tentativa de se livrarem dele para afagar a fúria osheânica estilhaçara qualquer sentimento de integração. Se não o queriam ali, ele tampouco os queria. Tinha uma comunidade que o receberia de braços abertos. Desejava, acima de tudo, colocar uma boa distância entre ele e o mar.

Como todos estavam aproveitando a possibilidade de voltar a sair, ninguém percebeu que Vrooom se afastava com a intenção de não voltar. Mesmo que tivessem percebido, não teriam feito nada para impedi-lo. Assim como apareceu de repente, sumiria sem aviso prévio e, provavelmente, a lembrança de sua passagem sumiria também; ou viraria o eco de uma lenda, quando a tribo adquirisse meios para relatá-la.

Vrooom tomou o caminho da praia sem hesitar, sem olhar para trás, assim como deveria ter feito a mulher de Ló ao abandonar Sodoma. Seria mais sensato esperar uns dias para alimentar-se e angariar forças para a viagem, mas isso nem passou pela sua cabeça.

O cenário era devastador. Destroços dos mais variados se estendiam pela orla, pelas encostas e penedos. Com alguns desses despojos, Vrooom matava a fome. Bastava catar os peixes mortos na areia. Além dos peixes, ele esbarrou em criaturas que jamais sonhara existirem, vomitadas das profundezas. Bolas gelatinosas de cores berrantes exibiam tentáculos semienterrados. Bichos escuros sem olhos, mas munidos de inúmeros braços, jaziam sobre a areia branca. Criaturas de corpos longos e finos como serpentes, mas com cabeças esquisitas e pequenas nadadeiras, fitavam-no boquiabertas, como se lhes faltasse o ar. Outros animais ostentavam uma lança como extensão de suas bocas e outros ainda traziam uma espécie de pedra lisa e redonda, presa às costas.

Vrooom caminhava nesse cemitério a céu aberto, longe de se maravilhar com a variedade que a natureza exibia naquela amostra da fauna submarina. Ao contrário, a estranheza dessas criaturas lhe repugnava e não apenas pelo forte odor que seus corpos exalavam. O símbolo maior desse espetáculo de aberrações fechou seu caminho pouco antes do ponto onde iria deixar a praia. Metade sobre as rochas, metade sobre as dunas, jazia algo de dimensões impressionantes. A forma era de peixe. O tamanho era de uma montanha, mais ou menos como a caverna que abrigava a tribo inteira. Vrooom ficou em dúvida se era

um peixe em forma de caverna ou uma caverna em forma de peixe. Passou bem perto da criatura, o que era inevitável, pois ela ocupava toda a largura da praia e parte das penedias. Percebeu que não possuía escamas, sua pele era de uma lisura só; a cauda tinha o tamanho de um tronco. Aquela carne poderia alimentar toda a comunidade por dias e dias se soubessem como cortá-la. Seu tamanho e sua morte escancaravam a dimensão trágica da tempestade, e Vrooom pôde perceber o quanto ele e os outros humanos eram sortudos por estarem vivos, poderem caminhar entre os destroços. Depois de passar pelo peixe gigantesco, teve dificuldade de se localizar, pois a elevação na frente do bicho montanha havia sido aplainada pela tormenta. Finalmente, depois de muito procurar, identificou o ponto por onde deveria iniciar a escalada e deixou o Oshean sem olhar para trás, como se temesse virar uma estátua de sal.

III

Na encosta do morro dava para perceber nitidamente a altura que o mar chegara. Havia uma linha divisória entre a base, onde a destruição fora total, e a parte superior, onde o vento, a chuva e os raios causaram estragos. Vrooom havia se alimentado no caminho e carregava mais uns peixes e mexilhões resgatados na areia. Ficou satisfeito por ter levado comida, pois as árvores, na parte inferior da montanha, desnudas de folhas e frutas, haviam sido arrancadas do solo pela força das ondas. Assim como na orla, destroços de troncos, galhos e pedras entulhavam a paisagem escarpada e dificultavam a subida. Após uma fatigante escalada chegou à linha divisória, acomodou-se em uma árvore para descansar e comer.

Sentado na árvore desnuda, observava como a vida ia voltando ao normal. Insetos subiam pelo tronco marchando em fila, carregando víveres. Uma aranha começava a fiar sua teia. No ar, voavam moscas e borboletas, mas não viu nenhuma ave. Estas deveriam estar abrigadas no viveiro do outro lado da

montanha. Vrooom matutou como estaria o outro lado, o quanto teria sido atingido. Retomou o caminho e encontrou um pedaço de pau, que parecia ideal para fazer uma lança de verdade, uma arma de caçador, não uma varinha fina para pegar peixes. Pretendia moldá-lo quando chegasse ao topo. Até lá, serviria como apoio na escalada.

Depois de subir por três dias, conseguiu chegar mais uma vez ao cimo da montanha. Como sabia que lá não encontraria alimentos, foi recolhendo o que aparecia pelo caminho. Na parte mais alta da encosta, conseguiu poucas frutas; ao lado das raízes achou cogumelos e tubérculos que o manteriam nutrido. Enquanto colhia os alimentos, desfrutava de cupins e besouros como aperitivo. No cume, ao olhar para o céu, seus olhos toparam com um fenômeno deslumbrante: um arco repleto de cores desenhava-se nas nuvens enquanto o sol voltava a brilhar. Esse espetáculo insuflou ânimo no corpo combalido. Era um sinal de que estava no caminho certo, de que não iria se arrepender de sua decisão, de que dias melhores estavam à sua espera.

Mesmo sentindo-se seguro no cimo da montanha, no alto do mundo, evitou olhar para Oshean. Bastava ter sentido a sua presença, durante toda a subida, com seu cheiro e seus rumores. Preferiu contemplar a vista do outro lado e traçar, em sua mente, o caminho que deveria seguir até sua caverna. Depois de encher os olhos com a paisagem de terra firme, dedicou-se a forjar sua arma. Encontrou uma pedra brilhante cujos veios resplandeciam em várias cores. No centro dela havia um pequeno sulco, perfeito para esfregar o galho até adquirir a ponta letal, própria para caçar comida de verdade, daquelas que andam sobre patas e deixam pegadas na terra.

Trabalhou arduamente e percebeu uma tênue fumaça saindo da ponta que ele afinava. Vrooom olhou estupefato, colocou os dedos na ponta e sentiu a picada da queimadura. Não podia acreditar. Naquela época, o fogo já era conhecido, mas ninguém sabia que era possível produzi-lo deliberadamente.

Vrooom voltou a esfregar a ponta do galho e, quando o fez com muita força, percebeu mais uma vez a fumaça. Seguiu friccionando até notar que a madeira incandescia, uma fagulha despontava. Largou a pedra e a arma e desceu até as árvores para catar mais galhos. Depois de juntá-los numa pilha, voltou a trabalhar com um deles na pedra brilhante. As costas doíam, os braços pesavam, mas nada acontecia. Estava exausto, prestes a desistir, quando a fumaça surgiu e com ela o cheiro de madeira começando a queimar. Isso renovou suas energias. Aumentou o ritmo até ver a chama. Encostou-a na pilha, soprou com cuidado, viu a pequena faísca contagiar os outros galhos e tornar-se fogo.

O garoto não cabia em si de contentamento. Havia produzido fogo feito um raio vindo do céu. Iria dormir ao lado de uma fogueira só dele. Queria que sua tribo o visse. Ninguém acreditaria. Queria que os pescadores o vissem. Por um momento, passou pela sua cabeça a ideia de descer no dia seguinte, voltar até eles com sua pedra brilhante e, na frente de todos, reproduzir o milagre. Seria disputado pelas mulheres todas as noites, os homens trariam os melhores frutos do mar para ele. Mas não passou de uma ideia, uma fagulha que não se transformou em chama. A sua história com a tribo de pescadores chegara ao fim. Ou assim ele pensava.

Vrooom se estendeu para dormir sob um teto de estrelas cintilantes e ao lado da luz bruxuleante das chamas que conseguira acender. Ao contrário da primeira vez que dormira ali, não se sentia exposto. Tinha o fogo a zelar por seu sono e isso não era pouca coisa. Estava tão cansado que, mal pousou a cabeça no solo, adormeceu. Naquela noite especial, foi poupado dos pesadelos que o acompanhariam ao longo de toda a jornada, com ondas de tirar o fôlego e arrepiar a espinha.

IV

No dia seguinte, Vrooom se preparou para o grande desafio de descer a parte íngreme da montanha, aquela escarpa nua onde as aves faziam seus ninhos. Ali quase não se notavam os sinais da tempestade.

A rocha seguia imponente; as aves, que sobreviveram aos ventos e à chuva, estavam em atividade frenética de reconstrução. Só de olhar para elas, Vrooom lembrou-se do sabor da gema, da sensação peculiar de sorvê-la da casca de um ovo. Fez uma rápida inspeção, mas nenhuma amostra do produto estava a sua espera. Sua boca continuaria salivando, seu desejo despertado. Levaria consigo, além da arma que fabricara, o seixo brilhante que fazia fogo. Sabia que era uma pedra especial, pois havia esfregado inúmeros pedaços de pau em incontáveis pedaços de pedra, ele e seus companheiros, e nunca ninguém havia produzido sequer uma faisquinha. Como precisava das mãos e pés livres para a descida, despiu sua vestimenta e a usou como trouxa, onde enrolou a pedra e sua lança. Levou-a nas costas, segurando as pontas presas nos dentes. Começou a descer. Todo cuidado era pouco. Animava-se pensando que, embora difícil, o trajeto era curto. Logo chegaria à trilha cercada por árvores, tocas e animais. Havia sobrevivido à fúria do bicho Oshean, tinha uma lança nova e uma pedra que fazia fogo. Não seria uma escarpa rochosa, apinhada de aves, que iria intimidá-lo.

À medida que avançava, seu ânimo diminuía. Escalar tinha sido difícil, descer também era. Descer com uma carga nas costas, presa pelos dentes, era muito mais. O maior problema, no entanto, era ter que olhar para baixo. Quando subiu, sabia que não devia fazê-lo. Seu objetivo era o topo da montanha; olhar para o abismo colocaria em risco o sucesso da empreitada. Agora não havia como evitar. Procurava focar sua mirada no ponto mais próximo, a pedra que acolheria o passo seguinte. Mesmo assim, era impossível ignorar que, logo abaixo, no vazio desfocado, habitava o perigo de uma queda fatal. Deu-se conta de que a descida exigia muita cautela e seria muito mais lenta do que imaginara e muito mais longa do que gostaria. Teve que pernoitar no meio do caminho.

Foi uma noite bem diferente da anterior. Na rocha não havia espaço para deitar-se e espichar o corpo dolorido. Acomodou-se sentado o melhor que pôde enquanto contemplava a revoada das aves que

aterrissavam no ocaso. Todas as rochas em volta foram tomadas por pássaros, o que era um espetáculo ameaçador. Além da preocupação com a vizinhança e o assento incômodo, foi assediado pela fome e pela sede, duas companhias que não admitem ser ignoradas. A boca e os dentes, que suportaram a carga durante a descida, estavam doloridos. Como imaginou que chegaria na parte arborizada da montanha no mesmo dia, não se preocupou em levar comida. Pensar que estava cercado de carne e ovos só aumentava a tortura. Ele apertou sua lança, acomodou a preciosa pedra do fogo entre os joelhos e deixou o sono avançar. Este foi invadido pelas ondas, formando-se majestosas, galopando para estourar com força contra os rochedos. Os tremores e gritos de Vroom, enquanto dormia, serviriam para afugentar as aves, caso tivessem a ideia de dividir espaço com ele. Por sorte não despencou do assento estreito que ocupava. No meio da turbulência de ondas se formando e avançando e se chocando contra os penedos, inseriam-se cenas da caverna e da tribo. Uma delas seria recorrente nos sonhos repletos de tsunamis das próximas noites: o desenho secreto das mulheres, no qual uma vara gotejante apontava para um bebê.

Vroom acordou mais cansado do que quando fora dormir. Tomou coragem e olhou para baixo a fim de tentar mensurar o quanto ainda faltava. As aves faziam sua patrulha alada em volta do morro. Despiu sua vestimenta e ajeitou a trouxa com a pedra dentro e a lança atravessada; segurou suas extremidades nos dentes, salivando o amargo sabor da fome, e tornou a descer. No meio da tarde, com as pernas bambas de fome e cansaço, atingiu seu objetivo. Juntou uma pilha de gravetos e de raízes comestíveis. Sabia que não teria forças para caçar, a não ser que um bicho pequeno e lerdo atravessasse seu caminho. Queria garantir uma boa noite de sono; reparar as energias esgotadas dentro de um abrigo e ao lado do fogo. Passou duas noites e um dia naquela região alta da montanha, onde encontrou uma variedade de alimentos e um bom lugar para descanso. Conseguiu pegar um pequeno quadrúpede, que ficara preso entre duas rochas. Saboreou um pedaço de carne tostada pela primeira vez depois de milênios. Ao fazê-lo, sentiu que faltava algo. Passou as mãos pelos cabelos ainda cheios de sal e depois passou os dedos

salgados na carne. Provou e aprovou. Quando sentiu as forças renovadas, olhou novamente para a paisagem lá embaixo, traçando uma linha imaginária até a suposta localização da caverna. Dali parecia que não havia como errar, o caminho se desenhava com clareza, como na noite em que a águia o levou. Tomou a trilha que enveredava morro abaixo com o humor nas alturas. Caminhava com a tanga em torno da cintura, a lança numa mão e a pedra do fogo na outra.

Quando chegou ao pé da montanha, nutrido e descansado, despediu-se com dor no coração. Ao contrário do Oshean, o bicho montanha o tratara bem. Mirou a planície que se estendia pouco mais adiante, depois da estreita faixa de terreno pedregoso onde estava. Em seu íntimo, reverenciou o gigante, agradeceu a acolhida e as aventuras, encerrou a despedida com um canto lamentoso. Como para fazer eco ao seu uivo, ouviu um ganido. Era um gemido de dor acompanhado de grunhidos ferozes. O som de dentes rangendo e pedras rolando colocou-o em alerta. Com muita cautela, seguiu na direção do barulho e logo se deparou com um espetáculo que o paralisou. A felina, cujo filhote havia comido, travava uma luta feroz com outro animal, um pouco menor. Este era cinzento, peludo e estava preso em seus dentes pelo cangote, sendo sacudido com violência de um lado para outro. Vrooom cuidou de se esconder atrás de um arbusto. Mesmo não sendo um grande caçador, sabia que o momento em que uma fera mata sua presa, assim como o momento em que ela a saboreia, era especial. Por um lado, estaria menos atenta ao perigo externo; por outro, reagiria a ele com maior selvageria. Era uma boa ocasião para tentar surpreender a fera, mas se a tentativa não fosse certa, não haveria uma segunda chance. Vrooom não tinha intenção de caçar o grande felino. Pensava em aproveitar um momento de distração e se mandar, mas logo percebeu que o animal que resistia com unhas e dentes, mas com poucas chances de escapar, era Uuulf, seu velho companheiro de jornada. Foi tomado por uma sensação de afeto e solidariedade. Lembrou-se de como espantaram uma besta maior do que eles, lembrou-se como Uuulf protegera-o da matilha. Sem pensar duas vezes, fez pontaria e arremessou com força a pedra do fogo. O golpe foi

certo. Fez a agressora largar sua presa e, meio tonta, esquadrinhar o ar com seu focinho. Uuulf foi deixado no chão, mas não tinha forças para contra-atacar nem mesmo fugir. Tentava arrastar-se para longe enquanto sangrava. A fera, voltando a si, preparava-se para atacar novamente. Vrooom não sabia o que fazer. Não pretendia, obviamente, sair de seu esconderijo e se jogar, lança em punho, contra aquele animal. Naquele instante, vinda da montanha, surgiu a matilha de Uuulf. Dos olhos dos canídeos chispavam faíscas, uma baba ameaçadora descia de seus dentes arreganhados. A felina os encarou. Era mais forte que qualquer um deles. Mas sabia que com o ataque em grupo as suas chances de sobreviver seriam pequenas. Abandonou sua presa e disparou para o lado onde o cerco ainda estava aberto. O líder se deteve e cheirou seu companheiro inerte no chão. Nada mais havia a fazer por ele. Assim, tocaram em perseguição à felina.

Vrooom saiu do esconderijo e chegou perto do amigo, que jazia de lado com as patas estendidas. Chamou-o, mas ele parecia não reconhecê-lo. Estava fazendo uma viagem especial, na qual as paisagens locais já eram passado. Cada arfada provocava uma golfada de líquido vermelho, indicando onde fora ferido. Sob o pelo cinzento, empapado de sangue, Vrooom pôde ver o corte na barriga. Percebeu um líquido grosso saindo do ventre, misturando-se ao sangue. Curioso, observou mais de perto. O corte se alargou e ali, na abertura, despontou algo estranho. Parecia um focinho. Meteu as mãos e abriu o corte mais ainda. Viu os dois filhotes de Uuulf cobertos pela placenta. Olhou boquiaberto para aquelas duas criaturas. Olhou incrédulo para seu amigo agonizante. Uuulf não era um amigo, era uma amiga e estava grávida.

Nosso herói havia presenciado alguns partos, todos o deixaram maravilhado, mas esse ia além. Pôde vislumbrar como era a vida, como era um ser vivo momentos antes de ser expelido para o mundo.

Depois de reverenciar a importância do momento, o jovem tratou de agir. Com a ponta da lança furou a bolsa e resgatou as duas criaturas pequeninas e indefesas e, após romper o cordão umbilical, esquentou-as com o próprio corpo. Os pequenos filhotes, cegos ainda, farejavam-no como se tentassem entender o mundo através dos odores da pele de Vroom. Em outras circunstâncias, o garoto pensaria em comê-los. Mas ali, próximo à mãe que agonizava, com os dois pequeninos nos braços, só lhe ocorreu proteger essas vidas. Colocou as bocas dos filhotes nos mamilos de Uulf. Eles conseguiram se alimentar do resto de vida que circulava no corpo materno, vida que expirava. Enquanto mamavam, Vroom se dividia entre olhar as redondezas para protegê-los e instá-los a sugar todo o leite que pudessem, pois sabia o que eles ignoravam: essa primeira mamada seria também a última.

V

Há, entre os estudiosos, divergência sobre a origem do termo *cesariana*, a intervenção cirúrgica na realização do parto. Uma ala sustenta que a mãe de Júlio César morreu na hora do parto e, para salvar o feto, cortaram-lhe a barriga. César, que significa cortar ou corte, ganhou o nome devido às circunstâncias de seu parto. Séculos depois, ao se tornar uma prática obstétrica, o procedimento levou o nome do Imperador. Outros alegam que a origem do termo nada tem a ver com Roma e seu grande imperador, o procedimento já era praticado antes do seu nascimento e ele foi batizado como Júlio César porque seu pai era Caio Júlio César.

Independentemente de a cesariana se originar de César, ou César da cesariana, não há como negar que Vroom foi o primeiro a realizar essa intervenção cirúrgica, mesmo inconsciente de seu pioneirismo. Roma e suas lendas de dois irmãos amamentados por uma loba, de seu imperador parido por uma mãe agonizante, de sua máquina de guerra e do cavalo que virou cônsul, não figuravam nem como manchas diminutas no horizonte da história quando Vroom, agindo instintivamente e movido por sua

curiosidade, alargou a incisão no ventre de Uuulf, abriu os restos da placenta com a ponta da lança e com suas mãos puxou os dois rebentos, livrando-os do cordão umbilical. Adotou os dois e seguiu viagem com eles nos braços, ciente da sua enorme responsabilidade. De certa maneira, havia salvado a vida de sua amiga.

Os dias que se seguiram foram de grandes aprendizados. Os recém-nascidos viam em Vrooom sua mãe, pois ele os cuidava e alimentava com zelo. Após algumas tentativas, descobriu como fazer uma mistura pastosa de algumas folhas, raízes, frutas e o suco da carne, tudo triturado pela sua mastigação. Os filhotes aprenderam como digerir essa comida mesmo não sendo leite materno e essa troca gerou uma ligação especial. O trio se tornou inseparável, e Vrooom foi obrigado a desviar-se de seu objetivo inicial de tomar o caminho mais curto em direção à sua tribo. Se chegasse com aqueles bichinhos, eles seriam abatidos, esfolados e jogados na fogueira antes mesmo de ele conseguir dizer Uuulf. Precisava seguir por trilhas desertas, protegendo-os dos perigos que surgissem, até que crescessem e se tornassem independentes. Outro motivo que causou a suspensão de seu plano foi o desaparecimento da pedra do fogo. Depois de carregá-la com tanto zelo desde o topo da montanha, acabou inadvertidamente arremessando-a contra a fera. Ao ver Uuulf em apuros, nem atinou recolhê-la. Deu-se conta disso dias depois e voltou ao local, mas nem a pedra nem o corpo de Uuulf estavam ali. Vrooom vasculhou a área, procurou com afinco, nada. Não se recriminou por tamanha negligência, pois a auto-recriminação ainda não havia sido inventada, mas lamentou fortemente a perda do tesouro. Sabia que aquela pedra, com seus veios coloridos que brilhavam ao sol, era especial. A busca de uma pedra semelhante e a decisão de assegurar o crescimento dos filhotes fizeram o jovem enveredar por uma exploração mais profunda das redondezas.

VI

Quando se escreve sobre processos que culminaram em eventos importantes na história da humanidade, analisa-se os fatos que aconteceram; mas, frequentemente, ignora-se os fatos que deixaram de acontecer. Estes, muitas vezes, têm mais importância do que aqueles. Podemos conjecturar que Vrooom, se não tivesse perdido a pedra do fogo, seria acolhido como um herói pela sua tribo. É provável que com esse reconhecimento sossegasse e não seguisse escarafunchando mistérios que deveriam ser deixados em paz. Ao abandonar a investigação desses mistérios, evitaria lançar a humanidade no desvio de rota que lançou. Em outras palavras, hoje estaríamos vivendo em uma civilização muito diferente. No entanto, o destino de Vrooom não foi o de trazer a sabedoria do fogo para seus conterrâneos. Isso aconteceria muito tempo depois, quando o desvio de rota que mencionamos já estava em curso, num caminho sem volta. E a história do fogo, curiosamente, suscitou mitos e lendas de todo tipo. Mas a história da descoberta de Vrooom permaneceu encoberta, como se nunca houvesse acontecido.

Como não tinha consciência de nada disso, seguiu pelos caminhos que seus pés designavam, olhando para o chão e para as redondezas em busca de uma pedra parecida com a que perdera. Às vezes, mesmo sabendo que não se tratava do mesmo material, pegava um seixo e friccionava num pedaço de galho. Com o tempo e as tentativas frustradas, abandonou a ideia de encontrar a pedra do fogo. Por ocasião de uma tempestade de raios, conseguiu um arbusto em chamas e manteve uma fogueira enquanto permaneceu no mesmo abrigo. Os filhotes, que não precisavam mais do seu colo, não se aproximavam do fogo e, naquelas noites, dormiam a certa distância. Vrooom gostava de tê-los a seus pés e, por isso, não lamentou quando o fogo se extinguiu.

No início, teve muito trabalho em conseguir alimento para as duas bocas, cada vez mais exigentes. Logo, porém, a dupla de Uuulfs aprendeu a correr com as próprias patas e a caçar com as próprias

garras. Vrooom ensinou àqueles caçadores natos algumas técnicas de coordenação, aprendidas com sua tribo e adaptadas à nova realidade. Assim, formaram um trio de caça imbatível, que contava com a astúcia humana e as habilidades canídeas. Os filhotes, dóceis, amáveis e obedientes a Vrooom, eram selvagens e impiedosos com os outros seres que encontravam pelo caminho. Essa ferocidade era muito útil quando se tratava de buscar alimentos e proporcionou a eles um período de bonança. Estavam bem alimentados e colecionavam peles das mais variadas. A abundância de carne não os fez abandonar o consumo de frutas e tubérculos, que Vrooom os ensinara a comer enquanto ainda eram pequenos. Aprenderam com o humano a apreciar a variedade.

Quando estendeu seu caminho por territórios mais longínquos, Vrooom encontrou sinais da presença humana em um ou outro local. Ele não era mais aquele rapaz inocente dos dias do bicho Oshean. Não se precipitou ao encontro desses humanos como fizera quando viu os pescadores. Quando dava de cara com esses vestígios tratava de se esconder, de segurar os Uuulfs bem próximos e de espiar homens e mulheres de longe, cuidando para não ser visto. Não ansiava por contato, não queria sentir-se um estranho novamente. Contentava-se em observá-los de uma distância segura, satisfazendo sua curiosidade natural. Cuidava também para não permanecer muito tempo no local, evitando que sua presença fosse percebida. Nessas discretas miradas pôde observar diferentes costumes e comportamentos que desconhecia. Alguns grupos habitavam em árvores ou embaixo delas, alguns se alimentavam de piolhos e pulgas que catavam em seus próprios corpos ou no de seus filhos, outros tinham o hábito de se isolarem para evacuar, contemplavam longamente a produção que havia saído de seus intestinos e as enterravam com grande cerimônia. Numa das tribos testemunhou as pessoas formando um círculo em torno da fogueira, emitindo sons que lembravam o Jazz e movendo pernas e braços no ritmo dos grunhidos. Noutra tribo viu gente que andava ainda mais curvada que os pescadores, seus braços quase tocando no chão, pulavam e falavam aos borbotões, sem escutarem uns aos outros.

Em todas, viu mulheres grávidas e mulheres amamentando seus bebês. Em todas, distinguiu, por trás de odores diferentes, o cheiro de gente, fragrância que habitava as duas cavernas em que viveu.

A cada encontro, a cada espiada dessas, sentia mais forte o peso da solidão. Esta tomou forma e corpo no mais enigmático de seus encontros. Ao se aproximar de uma clareira na mata fechada, sentiu cheiro de fogo. Aproximou-se com cautela e viu uma mulher agachada, próxima a uma pequena fogueira. De vez em quando, ela jogava ervas no fogo, o que produzia uma fumaça densa, como o bicho neblina. E essa fumaça, iluminada pelos raios do sol que penetravam na mata, criava desenhos mágicos e perfumava a pequena clareira. Vrooom respirou fundo para encher os pulmões.

— Chega mais — ela disse.

Os termos eram desconhecidos, mas Vrooom entendeu que a mulher se dirigia a ele, apesar de estar de costas para o lugar onde se escondia com os Uuulfs, e o convidava.

— Traz os bichinhos junto, não tem problema.

Vrooom abandonou o esconderijo com passos tímidos. Viu uma criatura estranha, como jamais havia visto. Seu cabelo era branco, como a neblina que produzia e como o véu que encobria os olhos sem pupilas. Seu rosto era encarquilhado; sua pele, cheia de dobras e de veias púrpuras que desenhavam um mapa de rios e afluentes no corpo esquelético. Ao abrir a boca, revelou um dente solitário. Vrooom não sabia, mas estava contemplando uma velha, alguém que alcançou uma idade que nenhum dos outros humanos que ele conheceu chegara perto.

— Não tenha medo. Eu não mordo! — exclamou e caiu na gargalhada.

A gargalhada causou arrepios em Vroom. Os animais, surpreendentemente, não demonstraram animosidade. Ela os acariciou e tocou em suas bocas sem um pingo de receio.

— Tudo que eu queria era ter um pelo assim. E esses dentes. Ah! Esses dentes.

Vroom não atinava como entendia tudo o que ela dizia. As expressões eram estranhas, os sons desconhecidos, entretanto, fazia sentido. Talvez fosse obra do bicho neblina que, com sua fumaça perfumada, fazia cócegas nas ventas e refrescava o pulmão. Ele e os Uuulfs passaram duas noites ao lado da anciã, aquecendo seu corpo e mastigando para ela as frutas e tubérculos colhidos em profusão. Mastigavam e passavam para sua boca desdentada, dando enorme prazer à mulher. Ela mostrou como fazia pequenos cortes nos braços e chupava o próprio sangue para se alimentar. No terceiro dia, ela passou os dedos pelo rosto de Vroom e revelou que o seu nome significava tempestade. Ele nasceu cercado pela tormenta e tormenta semearia por onde andasse. Tormenta criada por uma grande descoberta. Estava na hora de partir e voltar para sua tribo, acrescentou ela, quando a procurasse novamente, já não a encontraria.

Vroom decidiu deixar as andanças de lado e seguir a orientação da mulher encarquilhada. Os Uuulfs tinham tamanho e força suficientes para impor respeito, e a pedra do fogo estava praticamente esquecida. Apesar dos desvios e explorações, que meteram o trio em rotas nunca antes desbravadas e territórios jamais imaginados, a missão se revelou menos difícil do que se poderia supor. O rapaz, com suas errâncias, adquirira um sentido de orientação que antes não possuía, um apurado senso de localização. Em suas explorações, Vroom aprendera que a curiosidade não só aumentava o conhecimento como aumentava a noção do quanto ainda faltava para conhecer. Uma coisa alimentava a outra.

VII

A chegada de Vrooom e dos filhotes, já bem crescidos, à tribo foi digna de lembrar. O evento seria narrado em prosa e gesto, por gerações e gerações em volta do fogo, cada narrador acrescentando um fato ou aumentando um feito. Pode-se conjecturar que toda uma linhagem de lendas e parábolas, cujo tema era a volta do filho pródigo, tenha sido semeada naquela noite.

Fazia dois dias que o jovem pisava em terreno que lhe parecia familiar. A paisagem não era exatamente aquela que suas retinas gravaram na memória, mas os cheiros despertavam emoções. Os Uuulfs pareciam farejar que algo extraordinário estava para acontecer. Seus focinhos, inquietos, aspiravam cada partícula de ar que pudesse fornecer alguma informação. Sentiam que seu líder estava diferente e isso os deixava apreensivos. Vrooom intuía estar próximo, mas não sabia mensurar o quanto faltava para dar de cara com seu pessoal ou vislumbrar a entrada da caverna. Avançava em passo acelerado, no ritmo de suas batidas cardíacas. Sabia que estava no caminho certo. Mesmo assim, teve um choque ao identificar a clareira e o laguinho que antecipavam a caverna. Tantas peripécias e aventuras se sucederam, que Vrooom mal conseguia acreditar que estava de volta, sentindo em seus pés o terreno conhecido. Parecia as viagens que fazia nos sonhos ou ao ingerir cogumelos. O ar ficava pesado, pegajoso; tudo era muito real, mas extremamente confuso.

O sol atingira o ponto mais alto de seu percurso, o que significava que os homens ainda estavam distantes, caçando. No terreno que se estendia do lago até a caverna, várias crianças brincavam. Elas foram as primeiras a avistá-lo. Não o reconheceram, mas não acharam estranho um desconhecido aparecer por ali. O que chamou a atenção foram os dois animais que caminhavam ao seu lado. As crianças abriram o berro e correram em direção à caverna. De imediato, algumas mulheres saíram para ver o que estava acontecendo, uma delas trazia uma tocha ardendo para afugentar o perigo. Os Uuulfs,

ao perceberem toda essa agitação, começaram a rosnar, seus dentes expostos, prontos para o ataque. Vrooom precisou usar toda sua autoridade para que se acalmassem e sentassem ao seu lado. As mulheres permaneceram à distância, encarando-os. Imediatamente, Vrooom reconheceu uma delas, apesar das feições mais maduras e da barriga protuberante. O olhar de Buohho, sua querida amiga, não havia mudado. Ele se emocionou ao vê-la e, mais ainda, ao constatar que não era mais uma menina.

— Buohho... — gemeu ele.

— Vrooom? — ela grunhiu, e o rapaz estremeceu. Era a primeira vez em muito tempo que ouvia uma voz humana, familiar, pronunciar o seu nome.

— Vrooom! — confirmou ele, fazendo eco ao que ela acabara de dizer.

Ela riu, embora ainda preocupada com as feras que o ladeavam. Virou para as outras e repetiu *Vrooom*. O nome foi viajando, levado de boca em boca até o interior da caverna, como se um coro feminino cantasse uma ode a uma tempestade de trovões. Logo se criou uma algazarra. Eventualmente, acontecia de um indivíduo se perder e conseguir voltar alguns dias depois. Nunca após ausência tão longa. Elas queriam cercá-lo, apalpá-lo, enfiar seus narizes e línguas para comprovar que era ele, o pequeno e esquisito Vrooom, que agora surgia com ares de homem do mundo, mas a presença ameaçadora dos animais refreava a festa. Ele também queria se atirar nos braços delas, mas não podia simplesmente desfazer-se dos *Uuulfs* e não conseguiu imaginar uma ação rápida que integrasse sua família anterior com a atual.

Naquela manhã, haviam caçado duas lebres polpudas que Vrooom carregava numa trouxa de pele. Mostrou uma delas para as mulheres e entregou a outra para que seus dois acompanhantes comessem num canto. Eles o olharam, como que indagando se não iria participar da refeição, prepará-la tirando a

pele e dividindo os pedaços, como fazia normalmente. Ele apontou o bicho morto, passou-o pelos focinhos dos dois e o deixou no chão. Resignados, dedicaram-se a saborear a carne. Vrooom desapareceu no meio das mulheres, que o cercaram festejando, mas sem se descuidarem das criaturas abomináveis que trouxera.

VIII

No final da tarde, os homens chegaram. Normalmente traziam, junto com a comida, aventuras e novidades que alimentavam as almas. Desta vez, a grande novidade estava esperando por eles: o retorno de Vrooom e suas duas feras. Quem mais chamou a atenção foi a dupla canídea. Não era a primeira vez que uma fera se aproximava da caverna. No entanto, encontrar duas delas fazendo sua refeição por ali, enquanto crianças brincavam e mulheres caminhavam sorridentes, era algo completamente inédito. Os homens que avistaram os Uuulfs se organizaram para matá-los; Vrooom precisou interferir, com a ajuda das mulheres, para que a comemoração não se transformasse num banho de sangue. Tudo isso geraria enorme confusão em uma comunidade que praticasse a comunicação verbal; numa tribo que vivia no limiar da oralidade, foi um rebuliço explosivo.

Depois de muita confabulação, chegou-se a um acerto que destinou um lugar perto da entrada para os bichos, mas sem permitir-lhes acesso ao interior da caverna. Eles tampouco tinham vontade de pernoitar naquele local cheio de odores humanos e uma grande fogueira. Preferiam ficar a céu aberto, mas esperavam que Vrooom se juntasse a eles. O rapaz estava dividido. Por um lado, não queria abandonar seus filhotes, sabia que era assim que encarariam a situação e conhecia muito bem o sentimento de rejeição; por outro lado, desejava desfrutar a plenitude de seu retorno; dormir, pela primeira vez em tanto tempo, abrigado pela sua caverna, em meio aos roncos de sua tribo. Vez ou outra saía levando ossos e mesmo pedaços de carne para adular os dois canídeos. Isso deixava a tribo, principalmente os

homens, contrariados. Não conseguiam entender a natureza dessa relação. Só aprenderiam a valorizá-la nos dias seguintes, quando vissem o jovem caçando com os Uuulfs para benefício de todos. Mesmo assim, respeitavam Vrooom. Tinha duas feras sob seu controle, algo jamais visto naquelas paragens. Sabiam que se fosse atacado, ou apenas ameaçado, os animais o defenderiam até a morte.

A noite foi longa. Ninguém queria dormir antes de ouvir e expressar tudo o que se relacionava ao evento do dia. As mulheres, especialmente animadas, atropelavam-se nos relatos. Buohho, a primeira a reconhecer Vrooom, esbanjava talento artístico, não poupando gestos e expressões faciais que emocionavam os demais. Suas amigas interrompiam-na, acrescentando ou corrigindo um detalhe, discutindo se foi assim ou assado. Todos se calaram quando Vrooom tomou seu lugar no centro da caverna. Apesar de sempre ter sido um garoto eloquente e expressivo, seu relato foi bastante confuso. Após tanto tempo sozinho, faltava-lhe o costume e sobrava-lhe emoção. As histórias se atropelavam em sua mente. Não sabia se começava pelo dia que se perdera ou como conhecera Uuulf que, mais tarde, se revelaria a mãe dos dois seres que vieram com ele; não sabia se iniciava descrevendo o bicho Oshean, criatura das mais poderosas, ou o bicho montanha, ser colossal e amigável, ou o fato estarrecedor de que havia outros humanos e uma pedra brilhosa que acendia fogo. Tinha dúvida se contava tudo na ordem, em detalhes, se dava um panorama geral ou centrava-se nas coisas mais impactantes. Em meio a todas essas dúvidas, ia pulando, interpretando e grunhindo, como mandava a intuição, e todos assistiam maravilhados, embora nada entendessem. Depois simplesmente enveredou pelo caminho do Jazz, ou seja, cantou todos os sons que ouviu na sua jornada e que amenizavam o aperto nos momentos de solidão, combinando os agudos dos pássaros com o ritmo das ondas, o grave dos trovões e os lamentos canídeos. Ao ouvirem esses sons, seus fieis companheiros, que se encontravam fora da caverna, juntaram-se a ele em uivos afinadíssimos, criando o primeiro trio vocal e deixando a tribo boquiaberta. Ao final, Vrooom suspirou como se tivesse perdido a última gota de energia, e a emoção, na forma de

um choro forte e convulsivo, tomou conta dele. Foi cercado por todos, que o apalparam, deram beliscões e palmadinhas, pois era assim que se consolava naquele tempo e lugar. Os uivos dos Uuulfs que, inicialmente formaram o coro, agora acompanhavam o choro. Após a cantoria lacrimosa, Vrooom se deitou com Nééiha, a mulher que substituíra Iahaha como a mais fértil da tribo. Ao ser escolhido por ela – a maior honraria – ficou sacramentado o apreço da comunidade por ele. Com toda essa acolhida ou por causa dela, o rapaz não conseguiu dormir. Após saciar seu desejo, ficou deitado de olhos despertos, sentindo o cansaço, mas sabendo que não conseguiria apagar. Pé ante pé, saiu do abrigo seguro e, empurrando o lombo de cada um, deitou-se entre os Uuulfs. Adormeceu aconchegado no calor de seus pelos.

IX

O amanhecer deu-lhe as boas vindas antes de penetrar na caverna e despertar os outros membros da tribo. Vrooom sentou-se entre os bichos e esfregou os olhos, tentando recapitular os acontecimentos do dia anterior e os sonhos que tivera tão logo adormecera. Foi juntando os pedaços de memória, os fragmentos do que viu e sentiu. Olhou ao redor para certificar-se de que realmente estava de volta à antiga moradia, com sua gente; de que não era uma breve visita como tantas outras. Mal teve tempo de curtir a sensação e foi atingido, como por um raio, pela lembrança de tudo que sonhou após se aconchegar aos pelos dos Uuulfs. O sonho, naqueles tempos, tinha a função – muito mais do que nos dias atuais – de juntar imagens, sons e sensações jogadas no liquidificador do inconsciente e dar-lhes um sentido. Numa época de poucas palavras, se é que podemos conferir a meros grunhidos o nobre título de vocábulos, quando nem bem se diferenciava o onírico do que hoje se chama realidade, o despertar trazia um esclarecimento sobre coisas incompreendidas. Foi o que aconteceu a Vrooom.

Não saiu gritando *eureka*, como conta a lenda sobre Arquimedes. E não foi por não estar numa banheira, mas pelo impacto da revelação que foi tão poderosa, cristalina e, ao mesmo tempo, impossível. Juntando todos os elementos organizados pelo sonho, tudo que viu, ouviu e presenciou na sua tribo e entre os pescadores, a conclusão era óbvia. Mas era também inconcebível. Vrooom parecia ter duas mentes: uma capaz de compreender e outra incapaz de aceitar.

Resolveu dedicar seu tempo e energia para averiguar se aquela ideia maluca procedia. Para isso, precisava ficar próximo às mulheres; coisa que o remetia à lembrança dos tempos que buscava subterfúgios para permanecer na caverna, enquanto os homens saíam para caçar. Foi tomado por um sentimento muito familiar, como se nunca houvesse partido.

É claro que os tempos eram outros e Vrooom não pretendia, nem poderia, ficar torcendo o tornozelo como fazia quando estava na fase de transição entre a infância e a vida adulta. Muita coisa havia mudado, ainda que sua vontade de estar junto às fêmeas permanecesse. Mas até mesmo essa vontade havia se transformado. De um capricho, algo que apenas se sente e não se explica, para uma necessidade imperiosa, praticamente uma missão. Tinha consciência de que deveria agir com cautela. A revelação que acabara de ter era tão bombástica que ele mesmo precisava se convencer. Para tanto, tinha que espionar as mulheres sem despertar suspeita, sem provocar nenhuma queixa ou olhar de estranheza. Com isso em mente, levantou-se e entrou na caverna assim que os machos começaram a acordar. Agachou-se ao lado do fogo principal, que agora era mantido na sua versão compacta, com pouco mais do que algumas brasas vivas e começou a fuçar nos restos do banquete que marcou a sua volta. Em poucos instantes, os companheiros da tribo estavam ao seu lado, repetindo os olhares de boas vindas. Ele comeu dois nacos de carne e separou os ossos para alcançar aos Uuulfs. Logo as mulheres e as crianças

também se levantaram, trazendo à lembrança de Vrooom os despertares na caverna. Ele absorvia cada ação, cada detalhe, como um espectador e, ao mesmo tempo, vivia-os intensamente.

Depois de comer, pegou sua lança e saiu para esperar os outros ao lado dos Uuulfs. Os caçadores olharam para aquele trio e não ousaram se aproximar. Grunhidos e caretas de insatisfação expressavam o que sentiam em relação à presença daquelas feras. Ao verem que o jovem dava um osso para cada uma delas, torceram ainda mais o nariz. Ignoravam que esse era o ato fundador do elo que marcaria gerações de humanos e animais. De qualquer forma, uma solução foi encontrada. Enquanto se afastavam em direção à mata, o trio caminhava mantendo certa distância. Tão logo chegaram à entrada da floresta, Vrooom deixou os Uuulfs e se juntou ao círculo para a urinada coletiva. Os bichos assistiram ao ritual com grande perplexidade. O cheiro de todos aqueles mijos os deixou tontos. Enquanto os caçadores formavam seus grupos, passou por ali um porco selvagem. Os Uuulfs, seguindo o comando de Vrooom, partiram velozes no encalço do bicho e logo o trouxeram preso nas mandíbulas. Era a vez dos humanos olharem com perplexidade. Vrooom deu uma batidinha carinhosa em cada uma das cabeças caninas e olhou para os membros de sua tribo com um olhar satisfeito. Ele e suas feras comporiam um grupo de caça exclusivo. Dessa forma, ganhava o respeito dos machos, resolvia o incômodo causado por seus animais e, ao mesmo tempo, ganhava a liberdade de sair para caçar sem estar atrelado, podendo voltar à caverna quando bem lhe aprouvesse.

X

E foi assim nos dias seguintes. Vrooom e os lobos saíam para caçar junto com os machos e depois se separavam; permaneciam sempre na parte da mata mais próxima da caverna. Com o passar do tempo, o rapaz ensinou-os a seguirem sozinhos na caça enquanto dava suas escapadelas.

Não era uma missão fácil aproximar-se da caverna e nela entrar sem ser percebido. Vrooom teve que usar todo seu talento, aprimorar os artifícios que aprendera enquanto vagava por aí, para conseguir se infiltrar na caverna, espiar o que ali acontecia. Aos poucos, foi se apropriando dos segredos femininos. O fato de não estar mais no escuro era de grande ajuda. Após a revelação, sabia o que procurar. Já tinha uma tese, como se diz hoje em dia, e buscava a confirmação. Isso lhe proporcionava uma condição vantajosa, mesmo nos momentos corriqueiros de convivência. Nessas ocasiões, podia perceber que a linguagem própria era praticada entre elas, de maneira dissimulada, mesmo na presença dos homens. Inicialmente teve dificuldades para acompanhar. Havia esquecido o pouco que aprendera pela falta de uso. Mas era um jovem inteligente e logo passou a captar os sinais e significados, após espiar algumas das aulas que se dava às meninas. Aos poucos, a revelação assombrosa foi ganhando forma e consistência. Sua mente foi assimilando o mistério, como as mentes das meninas o assimilavam ao serem iniciadas no segredo, até o dia em que não teve mais dúvidas.

Vrooom não imaginava que após desvendar o grande mistério ficaria ainda mais agitado. Não sabia o que fazer com informação tão valiosa. A vontade de partilhar era imensa, mas sentia que as mulheres, superiores em sabedoria, deveriam ter uma boa razão para manter o segredo. Só não conseguia imaginar qual seria. Na verdade, parecia injusto, desonesto até (embora justiça e honestidade fossem conceitos ainda inexistentes), manter os machos ignorantes sobre algo que lhes dizia respeito. E se decidisse revelar o segredo, como iria fazê-lo? Era tão complexo que as mulheres, para transmiti-lo às meninas, inventaram uma língua. E este era mais um segredo. O maior problema era que, mesmo se conseguisse fazê-los entender, não acreditariam. Ele, que descobrira sozinho, custou a acreditar. Teve que averiguar, e certificar-se, e comprovar, até se convencer. Era uma missão impossível.

Poderia revelar somente às matriarcas que sabia o segredo. Se o fizesse, será que fariam dele um confidente, o único macho a conhecer os mistérios femininos? Era mais provável que caísse em desgraça. Lembrou-se de como as fêmeas o enxotavam, quando ainda era um menino, por se intrometer em seus assuntos. Mas não era um assunto delas, não exclusivamente. Deveriam, tinham a obrigação de compartilhá-lo com os machos. Talvez coubesse a ele fazer essa ponte, aproximar ainda mais homens e mulheres. Tudo isso ribombava na sua mente. Às vezes, uma convicção tomava de assalto o seu ânimo para logo depois ser derrubada por outra que, por sua vez, cedia rapidamente para uma terceira e, ao final, a dúvida ganhava de todas as convicções. Esse debate interno o deixava completamente elétrico. Descobriria uma “bomba” e isso o queimava por dentro, dominava seu sono e todos os momentos do dia e da noite. Sabia que não aguentaria manter segredo.

Deixou de frequentar a caverna nas horas impróprias, como fazia antes. Agora tentava se dedicar exclusivamente à caça e, nessa atividade, se isolava também dos homens. Logo após o ritual da urinada coletiva, chamava seus Uuulfs e se afastavam mata adentro, o dia todo perseguindo animais, exaurindo as energias. Enquanto descansavam, entre uma caçada e outra, compartilhava o segredo, usando o vocabulário das mulheres. Os lobos gostavam de Vrooom, gostavam de ouvir sua voz e o escutavam com prazer, mesmo sem entender bulhufas. E, mesmo sem entender bulhufas, percebiam que estava alterado.

Os caçadores também começaram a notar que Vrooom estava estranho. Já era diferente quando criança. Sua volta após uma longa ausência e sua relação de proximidade com duas feras acentuavam ainda mais as diferenças. No entanto, a caça que trazia e, principalmente, as histórias que contava ao redor da fogueira faziam dele um ser querido. Nos últimos dias, porém, dava a impressão de que buscava se afastar deliberadamente de suas companhias. Os grupos têm a mania de rebater, de forma ampliada,

qualquer antipatia direcionada a eles. Vrooom não estava sendo antipático, estava apenas absorto no grande conflito que o consumia, mas isso ninguém podia imaginar. O que aparecia era o distanciamento. E se desejava distância, eles não iriam decepcioná-lo. Começaram a tratá-lo com frieza, aumentando seu sofrimento. Sofria pelo segredo que o queimava, pela incerteza de como proceder, sofria por se afastar dos seus irmãos como tentativa de solucionar o problema e sofria pela maneira como era tratado por eles.

Uma das coisas que trazia alento ao seu espírito perturbado era a relação com as duas amigas de infância, relação que se estreitava e se reforçava desde que voltara. Buohho e Mieieé continuavam muito amigas e tinham um sentimento especial em relação a ele. Não eram mais crianças, e o tempo que tinham juntos era bem menor. Viam-se ao entardecer e à noite, mas o contato menos prolongado tornou-se mais intenso e uma intimidade crescente se estabeleceu entre os três. Mieieé, com sua alegria contagiosa, fazia-o rir, o que era um bom remédio para esses dias de angústias. Buohho era mais séria, mas muito carinhosa; seu olhar sempre compreensivo, solidário, aquecia o coração. Muitas vezes, Vrooom pensou em se abrir com elas, mas tinha medo da reação. Em duas ocasiões tentou puxar conversa no idioma delas e elas se fizeram de desentendidas. Ele achou melhor seguir praticando a linguagem proibida apenas com seus Uuulfs.

A aconchegante sensação de pertencer, que inundava seus dias após o retorno, estava se esvaindo, transformando-se numa assombração. Não desejava sair pelo mundo outra vez, abrir mão do calor humano, da comida ao redor do fogo, do odor das mulheres, do rebuliço dos machos e da companhia prazerosa de Buohho e Mieieé. Mas sentia que estava prestes a perder tudo isso. Sentia que estava se tornando um pária. Tinha que reconquistar a proximidade dos homens. Tinha que ganhar seu respeito de

forma definitiva, para nunca mais correr o risco de perdê-lo. Da maneira como via as coisas, só havia um jeito de fazê-lo.

XI.

E um dia o fez. Não sabemos em que ano, mês ou semana. Não havia calendário para marcar o evento e, assim como o dia de nascimento de Vrooom, a data permanece injustamente anônima no registro da história. Milhares de outros eventos menos significativos são lembrados no calendário. A Revolução Francesa e a Bolchevique, o início e o término de cada uma das cruzadas e de cada uma das guerras mundiais e regionais, a descoberta da América, da penicilina, a invenção da bomba atômica e assim por diante. Poderíamos enumerar páginas e páginas de eventos que abalaram o mundo, mudaram os rumos da história humana, mas nenhum deles teve o impacto da revelação que Vrooom fez para seus companheiros.

Naquele dia, antes de desfazerem o tradicional círculo do alívio coletivo, regando a terra em grandes jorros, ele se adiantou para o centro da roda e começou a falar. Pegou todos de surpresa. Parecia que estavam na caverna ao redor do fogo e não na iminência de saírem atrás de comida. O fato de ter interrompido o ritual assinalava a gravidade da ocasião. Essa ruptura concedeu um ar solene à sua manifestação e ninguém tentou interferir. Atentos, assistiram a Vrooom gesticular, falar das mulheres, fazer os movimentos da penetração sexual, inchar de ar sua barriga, imitar o choro dos bebês. Sentiam que estava comunicando algo muito importante, mas não conseguiam entender o quê. Os termos *mistério* e *segredo* não existiam, ao menos não para eles. Vrooom terminou sua exposição e olhou a plateia. Soube que não conseguira comunicar o que pretendia. Não se desesperou. Respirou fundo e tentou novamente. Ficou um tempo interminável fazendo sua mímica, usando toda sua criatividade e talento para se expressar, para manter o fio tênue da atenção dos homens, como se sua vida dependesse

disso. E, na verdade, sua vida realmente dependia disso. Depois de muito esforço, conseguiu passar para eles a noção de que eles, os homens, também tinham parte na geração de vida. Eles engravidavam as mulheres. Elas sabiam e guardavam esse fato só para elas.

Uma vez transmitida a noção, a atenção coletiva foi substituída por um estado de choque. Parecia até que o vento, os pássaros e outros seres que compunham a sinfonia rotineira da floresta haviam emudecido. Naquele silêncio terrível, os homens se olharam, não sabendo o que fazer. A primeira vontade era desprezar tudo que Vrooom havia dito. Como acreditar em algo que colocava em xeque o andamento natural de suas vidas? As mulheres eram seres superiores, tinham o dom de gerar vida em seus ventres. Essa era a base, o axioma de todo o convívio comunitário.

Como isso acontecia?

Simplesmente acontecia. Como um resfriado, como uma verruga ou como uma coceira na pele. Eles não conheciam a função disseminadora das sementes. A revolução agrícola, que transformaria caçadores-coletores em semeadores-plantadores, estava longe de acontecer. As mulheres eram as portadoras da vida e aos homens restava venerá-las e provê-las com segurança e comida.

Segundo Vrooom, não era bem assim. Os homens tinham parte no processo. Colocavam a vida dentro do ventre das mulheres ao copularem. Não sabia exatamente como, ainda iria descobrir, mas era algo ligado ao líquido branco que expeliam. As mulheres sabiam, assim afirmava o rapaz, e ocultavam esse conhecimento. Não podia ser. Essa história virava o mundo de cabeça para baixo. E, em algo que virava o mundo de cabeça para baixo, era melhor não acreditar.

Vrooom identificou nos semblantes a mesma perplexidade e dúvida de quando se deparou, pela primeira vez, com a descoberta que agora comunicava para eles. Ao mesmo tempo que se recusavam a acreditar,

não podiam deixar de fazê-lo, pois o rapaz transmitia uma seriedade que não deixava dúvidas. Vrooom havia finalizado sua explanação esfregando seu próprio pênis até ejacular e passou o líquido branco por seus narizes para que sentissem o cheiro do gerador da vida. Esse foi o arremedo dramático que funcionou como prova cabal. Os machos ficaram paralisados, divididos entre duas hipóteses inconcebíveis. Vrooom fez um gesto para que o seguissem – o dia de caça estava mesmo arruinado – e tomou o rumo de volta à caverna.

XII

O tumulto da marcha, naquele horário completamente inusitado, ecoou nos arredores da caverna antes mesmo de os homens serem avistados pelas mulheres e crianças. Todas interromperam o que estavam fazendo e aguardaram ansiosas. Algumas sentiram suas peles eriçarem, arrepio de tempestade vindoura. Logo surgiram Vrooom e seus dois fiéis escudeiros – os Uuulfs –, um à direita e outro à esquerda. Atrás vinham os caçadores, armas em punho. Pararam próximo à entrada da caverna, onde havia lugar para todos ficarem dispostos. Vrooom dirigiu-se à Mããã no idioma que elas usavam secretamente. Isso deixou homens e mulheres perplexos. Essa perplexidade foi a última coisa que os uniu.

Nééiha, assim que se recuperou do choque, perguntou a ele o que estava acontecendo. Vrooom respondeu que sabia como as mulheres engravidavam e que havia revelado isso aos outros homens. Dessa vez, não precisou se esforçar para se fazer entender. Nééiha sussurrou-lhe que acabara de cometer um grande erro. Seus olhos brilharam com uma mistura de raiva e desespero. A expressão da matriarca, bem como a das mulheres em volta, derrubou as últimas dúvidas dos machos. Não entendiam a língua na qual foi conduzida a conversa, mas as reações que ela suscitou deixaram claro que Vrooom não havia inventado lorotas.

Um grande murmúrio foi se avolumando na horda de caçadores. A adrenalina da caça adiada saía pelos seus poros. Sentiam que vinham sendo enganados pelas criaturas que veneravam. A isso, somou-se a bombástica revelação que também geravam vida. Toda esse choque de informações e abalos explodiram num grande grito de guerra. Cabia a Nééiha, sendo uma das mulheres mais férteis e sábias da tribo, evitar que a situação descambasse em tragédia. Pensou em como acalmar os ânimos, mas percebeu que não havia jeito, o tsunami estava formado, prestes a arrebentar. Virou para as moças às suas costas e gritou, em seu idioma peculiar, que fugissem.

Esse foi o sinal de largada para a grande confusão. As mulheres partiram em corrida desabalada. Algumas fugiram para dentro da caverna, único abrigo que conheciam, outras debandaram bosque adentro, correndo do perigo iminente para os perigos remotos. Os homens, urrando e bramindo suas armas, lançaram-se em perseguição. Não tinham consciência disso, mas estavam, naquele momento, tomando o poder. Colocaram-se no encalço das mulheres, atacavam-nas, agarravam, derrubavam, penetravam. A força e ferocidade que aplicavam na perseguição e abate da caça estava sendo aplicada, pela primeira vez, no ato sexual. Nenhuma mulher foi poupada, nenhuma conseguiu escapar, nem as que exibiam um estado avançado de gravidez. Os machos urravam excitados e esse urro selvagem era ainda mais aterrorizante. As fêmeas sentiram, pela primeira vez, como sentiam os animais que eram capturados e trazidos para elas como oferenda.

XIII

E como se sentiu Vrooom no meio desse alvoroço? Completamente perdido. Não podia imaginar que sua atitude de revelar o segredo descambasse nessa tragédia. Imaginou, talvez, que a tribo passaria a viver em outro patamar de relações, dividindo a responsabilidade por gerar a vida; que, com a ajuda das mulheres, ensinaria aos machos a linguagem especial e todos iriam se beneficiar do conhecimento

compartilhado; e que com isso voltaria a conquistar a afeição da tribo. Se tinha ou não condições de elucubrar tudo isso, não sabemos. É certo, porém, que entre todas as coisas que havia imaginado antes de fazer o que fez, não figurava, de maneira alguma, aquele espetáculo selvagem de perseguição e estupro. Continuava venerando as mulheres e foi dominado pelo horror. Paralisado, olhava atônito, como as crianças ao redor, o cenário de gritos e lamentos. Viu Buohho ser derrubada ao lado do córrego, distinguiu os berros de Mieieé sendo violentada dentro da caverna. Ouviu a lamúria somada de todas as mulheres abusadas e desejou que um raio o partisse ao meio.

Curiosamente, os outros machos foram acometidos pela mesma sensação. Após descarregarem toda a fúria, testosterona e adrenalina sobre as mulheres, caíram no vazio; e com o torpor veio o entendimento do que acabaram de fazer. Como ousaram praticar tamanha violência contra suas próprias mulheres? Como puderam atacar e ferir as criaturas que eram alvo de sua veneração? Sentiam-se como grandes profanadores. E um arrependimento mortal caiu sobre eles.

Um peso opressivo baixou nas imediações da caverna. Os homens sentiam-se esmagados pelo remorso. As mulheres estavam feridas no corpo e na alma, sabendo que suas vidas mudariam para sempre daquele dia em diante. Permaneciam de braços ou de joelhos, como quando foram subjugadas, sem querer levantar a cabeça. Os machos, também cabisbaixos, não ousavam contemplar a tragédia que haviam causado. Vrooom, que só enxergava escuridão, saiu do torpor. Precisava fazer alguma coisa para romper aquela situação insuportável, fruto de sua revelação. Passou entre os machos, apontando para o horizonte, empurrando-os em direção à mata. Dessa vez captaram rapidamente a mensagem: deveriam se afastar, dar espaço às fêmeas para que lambessem suas feridas. E uma vez afastados, longe da presença acusadora das vítimas, poderiam encarar os sentimentos terríveis que os acometiam. Juntaram suas armas e, novamente, seguiram o rapaz e seus dois Uuulfs, enveredando por uma marcha soturna.

Somente quando se apagaram os últimos ecos dos passos dos homens, as mulheres se animaram a erguer seus corpos feridos. Entraram na caverna e depois de um longo silêncio começaram a trocar grunhidos e murmúrios sobre sua condição. Os machos jovens, que haviam permanecido no local, foram enviados para colher frutos e raízes. Se tivessem sorte, caçariam algum pequeno animal para amainar a fome da tribo antes do anoitecer. Quando chegaram, quase no escuro, as mulheres indicaram que deveriam passar a noite fora da caverna. Confusos e assustados com tudo que viram naquele dia, pegaram uma parte dos gravetos do fogo central e ergueram uma pequena fogueira na frente da caverna, em volta da qual se deitaram para dormir.

A tribo havia enfrentado várias calamidades em sua curta história sobre a terra. Cada grande incêndio na mata, cada deslizamento de pedras ou inundação os debilitava, causando mortes e ferimentos, fome e doenças. Muitas vezes, se viam obrigados a abandonar sua caverna à procura de nova moradia, outras vezes, precisavam migrar para outro território. No entanto, os sobreviventes saíam reforçados de cada evento desses, com laços de solidariedade e afeto ainda maiores, como uma grande família. Pela primeira vez, viviam uma tragédia causada pelos próprios membros da tribo. Ninguém havia morrido, mesmo assim, era a maior calamidade que se abatera sobre eles. Homens desnorteados fugiam do impacto de seus atos de selvageria e violação; mulheres humilhadas, destronadas de seus postos, lambiam suas feridas e matutavam como essa tragédia veio a acontecer. Deveriam ter revelado aos machos o segredo da procriação, ou a reação violenta da qual foram vítimas só provaria que seus companheiros eram brutos demais para partilharem do conhecimento? Entre os dois grupos, crianças e jovens que não entendiam o que havia acontecido, buscavam algum vestígio da segurança que os adultos deveriam proporcionar. Nada encontravam.

XIV

Naquele momento pós-ocaso, os homens, já embrenhados na mata, preparavam-se para dormir. Tinham jejuado o dia inteiro, caminhando sem trégua para se afastarem ao máximo da cena desoladora. Não sentiam o peso da fome. Ao contrário, pareciam mais leves, como se a abstinência houvesse amenizado a terrível carga de culpa. O jejum, naquele momento, fazia sua estreia como ferramenta de expiação, utilizada amplamente, séculos mais tarde, por diversas religiões. Na pressa, ninguém atinou de levar uma tocha para que pudessem fazer fogo quando acampassem. Prepararam-se para encarar a noite sem luz nem calor. No entanto, o ânimo estava bem diferente do clima de luto que cercara a caverna. Logo que se distanciaram do local onde deixaram as mulheres, já se sentiam mais soltos. O fato de descobrirem que eram geradores de vida superava a gravidade dos atos cometidos há poucas horas. O fato de não terem suas vítimas por perto, também. Eram fortes, astutos, caçadores capazes de prover a comida da tribo e, acima de tudo, engravidavam as mulheres para manter a espécie. Estavam embriagados pelo novo status e não paravam de grunhir e se bater mutuamente, congratulando-se um ao outro, cada vez mais alto. Essa companhia de valentes tomou a noite de surpresa, afugentando os habituais ocupantes da clareira onde resolveram acampar. A adrenalina que emanava daquele grupo, a excitação e ferocidade ostensiva serviam como proteção tão eficaz quanto o fogo, afastando predadores. Essa condição se manteria pelo resto da viagem através das paisagens desconhecidas. Ou melhor, só conhecidas por Vrooom.

Pela primeira vez, ele estava no comando. De garoto esquisito, que fora abandonado à sua sorte por não saber caçar, virara um líder. Apesar de não estar embriagado como os outros, apesar do horror pela violência que causou e da preocupação com a cisão ocorrida, sentia-se bem nessa nova posição.

Os lobos também experimentavam sentimentos ambivalentes. Ao perceberem que pernoitariam longe da caverna, ficaram satisfeitos. Odiavam as noites em que Vrooom dormia entre os humanos. Ressentiam-se por ele sair apenas quando todos já estavam dormindo, para se aninhar no meio deles. Gostavam das erranças, de seguir sem rumo e caçar até a noite cair. O que os aborrecia era o cortejo de marmanjos que errava junto com eles. Haviam testemunhado a violência dos homens contra as mulheres e isso só fez aumentar a repulsa que nutriam pelos humanos. Apesar de nunca terem vivido em alcateia, tinham em seu código genético o mandamento de nunca atacar um ser da própria comunidade. A esse desprezo se unia o incômodo que sentiam pelo barulho e odor que a comitiva espalhava, afugentando as criaturas da mata. Estavam com Vrooom e não pretendiam abandoná-lo. Não fosse isso, atacariam com grande prazer esses machos e depois se embrenhariam na floresta.

XV

Depois de alguns dias de caminhada tenaz, a trupe chegou aos pés do bicho Montanha. Surpreenderam-se quando seu guia mostrou que no meio do paredão composto de pedra e árvores havia um caminho. Jamais ocorreria a eles que era possível penetrar aquele ser enorme e por ele se deslocar. No percurso, causaram o mesmo alvoroço que haviam causado na mata. Ao final, encararam a íngreme encosta que levava ao topo, cercada de pássaros que voavam encobrendo o sol. Vrooom, resolutamente, apontou para cima. Todos olharam na direção indicada. Para chegar ao cume, teriam que galgar o imenso rochedo através das grandes pedras que abrigavam os ninhos das aves que sobrevoavam os arredores. Os pássaros não gostaram do que viram embaixo: uma horda selvagem se preparando para ocupar seus domínios. Vrooom ficou excitado ao pressentir o cheiro do bicho Oshean e, novamente, apontou para o topo com autoridade. Os primeiros homens que se lançaram às rochas não tiveram a cautela que ele adotou na primeira vez que escalou a montanha. Ninhos foram derrubados e ovos foram devorados. Os pássaros

reagiram, desceram do céu em grande velocidade e atacaram os humanos. Era a primeira vez que a expedição enfrentava resistência e ainda em terreno que não lhe era favorável. Mas isso não arrefeceu os ânimos. Os primeiros homens atacados, bicados pelas aves, caíram das rochas e os que não se machucaram seriamente voltaram a galgar as pedras com as armas em punho. Os da segunda linha se lançaram à escalada já preparados para repelir qualquer ataque. Os que estavam embaixo atiravam pedras contra os pássaros que mergulhavam em posição de ataque.

O ar cobriu-se de penas e sangue. As aves, após poucos minutos de violência, já não ousavam atacá-los frontalmente. Sobrevoavam em círculos mantendo distância, na esperança que os invasores perdessem o equilíbrio e caíssem. Ao barulho infernal que emitiam os pássaros desesperados, os machos humanos respondiam com gritos de guerra que faziam a rocha tremer. Os que alvejavam o céu com pedras, feito granadas, esperando sua vez de subir, tentavam atingir os pássaros sem ferir seus companheiros, o que era praticamente impossível. Mesmo assim, a artilharia cumpriu seu objetivo. A distância entre as aves e os invasores foi aumentando. Muitas abandonaram o local e voaram para longe. Nas últimas horas da escalada, apenas o rochedo íngreme permanecia como obstáculo.

Chegaram ao topo com várias baixas. Eram as primeiras da expedição. Vrooom, que escalou junto com seus Uuulfs na onda intermediária, quando não havia mais aves atacando os invasores, reuniu os homens, virados para o leste. Queria evitar, naquele primeiro momento, que enxergassem como o mar engolia o sol, pois era justamente na direção do mar que ele os conduziria na manhã seguinte. Mesmo assim, não pôde deixar, ele mesmo, de roubar umas olhadas em direção ao bicho Oshean. Estava ansioso para voltar e reencontrá-lo, reencontrar a tribo dos pescadores. Ansiava por ver os seus rostos quando contemplassem a ele e sua turma. Sabia que naquela comunidade as mulheres também escondiam dos machos que eles tinham parte na criação da vida. O desenho esquisito que as flagrara exibindo no dia da

tempestade fora esclarecido no sonho revelador. O que parecia uma lança apontando para um bebê era, na verdade, um falo gotejando sêmen. Pensou que o falo parecia mesmo uma arma e era tão ou mais poderoso.

Enquanto ruminava esses pensamentos, mostrou aos homens a direção da caverna e o trajeto que haviam feito. Isso causou um grande número de exclamações. Assim como ele, na primeira vez que chegara ali, os caçadores também experimentavam uma assombrosa sensação de poder. Estavam no topo do mundo, vendo a floresta e os rios daquele ângulo superior. A sensação de conquista aumentava em função da escaramuça com os pássaros, da constatação que nem todos conseguiram chegar. Lá embaixo, empilhados sobre a trilha que terminava na grande parede rochosa, jaziam os corpos dos companheiros que ficaram pelo caminho. Ninguém com eles se preocupou. Os bichos consumidores de carniça cuidariam dos mortos. Os vivos, muitos deles alimentados pelos ovos e pela carne dos pássaros, animavam-se ao contemplar uma paisagem nunca antes vista, ou melhor, vista apenas pelo seu novo líder. Era incrível como o menino esquisito se transformara num grande aventureiro, que transmitia a eles suas aventuras do modo mais fascinante: levando-os a viver as mesmas experiências.

A noite caiu e as estrelas se acenderam num céu límpido. Vrooom refletiu se deveria prepará-los para o encontro do dia seguinte. Em todas as ocasiões que tentara relatar a existência de outros seres humanos, encarara olhares vazios. Não havia como explicar que eles não eram os únicos da espécie. Teriam que passar pela mesma experiência para que pudessem compreender. Os homens se esticaram sobre a rocha, mal havia lugar para todos se deitarem. Como ficaram amontoados, mal sentiram o frio. Aninhado entre os seus lobos, Vrooom sentiu menos ainda.

Na manhã seguinte, o sol os despertou cedo. Vrooom não tinha tempo a desperdiçar. Mostrou aos homens o outro lado da montanha. Quem havia perdido suas armas na escalada, encontraria ali árvores

em abundância para recuperar o arsenal. Prontamente, os caçadores se lançaram na tarefa de fabricar novas armas. Vrooom circulava entre os homens, junto com Unhãã e Bunhiu, para ver como avançavam os trabalhos, estimulando-os a apurar o ritmo. Quando o sol chegou ao ápice, encurtando as sombras, já estavam prontos. Ele os dispôs em fileiras e passou entre elas, com os outros dois líderes caçadores, verificando se estavam todos bem armados. Foi a primeira revista de tropa da qual se tem notícia. Depois formou um grande círculo com eles, circundando toda a extensão da meseta e juntos praticaram o ritual da mijada coletiva. Quando terminaram, Vrooom ocupou o centro da roda e novamente fez um discurso inflamado, que ninguém entendeu. Mesmo sem entender, ou graças a isso, sentiam que o discurso era poderoso. Terminou sua fala apontando para o oeste e para baixo, ao som de gritos de incentivo e tapinhas; contemplou seus irmãos se lançarem às árvores para iniciar a descida que levaria ao ansiado e temido encontro com os pescadores e com a criatura mais poderosa da terra. Dois encontros que ele não imaginou que voltaria a ter.

XVI

A descida da montanha durou um dia e meio. Vrooom teve que conter o ímpeto inicial de seus homens que avançavam em ritmo frenético. Dava gritos e esbravejava ordens para que fossem devagar. Queria que ao menos Unhãã e Bunhiu vissem os pescadores lá de cima, antes de chegarem a uma proximidade de contato. Seguiam sem a mínima noção de que não eram os únicos humanos sobre a terra, e uma surpresa dessas poderia causar enorme descontrole. Lembrou-se de como se atiraram contra os rochedos para galgar a montanha, sem considerar a ameaça aérea que pairava sobre suas cabeças. Admirava aquele furor, mas preferia agir com cautela. Lembrava a si mesmo que o ímpeto descontrolado havia sido a causa dos terríveis acontecimentos na caverna. Agira por instinto ao iniciar a jornada, pela necessidade de afastar o bando de agressores das suas vítimas, para fugir daquela caverna contaminada

pelos atos ali perpetrados. Guiara-os até chegarem ao bicho montanha pelo caminho que havia percorrido após se perder. A ideia de seguir em frente, rumo à caverna dos pescadores, surgira no decorrer do trajeto. Queria que entendessem que não estavam sozinhos no mundo e que em outra comunidade as mulheres continuavam sendo veneradas. Esse exemplo serviria como um desfecho, algo que possibilitaria a eles voltarem para casa e retomarem, junto às mulheres, a vida de antigamente.

Quando a noite chegou, haviam percorrido a metade do caminho. Acamparam nos galhos das imensas árvores que povoavam densamente a encosta da montanha, causando enorme alvoroço. Os Uuulfs, que não tinham vocação para cabrito, não estavam nada satisfeitos com a topografia da trilha. Na véspera, galgaram com muito sacrifício as imensas rochas da parede escarpada e, agora, como não podiam saltar de árvore em árvore como os humanos, iam por terra, numa descida íngreme e dificultada pela mata, fazendo um grande esforço para amenizar a derrapagem contínua. Ficaram imensamente aliviados com a chegada da noite e a parada para descanso.

Vroom não descansou. Mal cerrou os olhos, entrou num estado onírico e reviveu o momento em que acreditou estar a um passo de reencontrar os homens de sua tribo, nos pés dessa mesma montanha. A emoção de vê-los, mesmo sem entender como chegaram, a sensação de alívio ao perceber que seus irmãos não tinham desistido dele, foi tão forte no sonho, como quando aconteceu. Antes do amanhecer, foi ainda visitado pelos destroços do cenário apocalíptico que a tempestade havia deixado, as últimas imagens que suas retinas gravaram antes de deixar a praia.

Vroom levantou e bateu nos ombros de Unhã e Bunhiu, que o seguiram até o topo de uma árvore de onde era possível avistar um pedaço de praia. Reparou na expressão de estranhamento de seus companheiros quando avistaram as primeiras cabeças próximas à superfície brilhante do mar. Nenhum dos dois entendia como alguns já haviam chegado, havia ainda um bom trecho a percorrer. Esperavam

que Vrooom mostrasse o atalho. Vrooom percebeu que não adiantava tentar explicar. Assim como aconteceu com ele, só entenderiam depois de ficarem cara a cara com os pescadores e talvez nem assim. Estava preocupado com esse impacto, mas, quanto a isso, nada podia fazer.

Para decepção de Unhãã e Bunhiu, Vrooom não os levou por um atalho e a descida durou o resto do dia. O rapaz continuava se esforçando para retardar a marcha. Queria pernoitar perto da base da montanha e só na manhã seguinte, após o recuo da maré, chegar à praia. Assim, encontraria os pescadores espalhados pelo litoral, a maioria dentro da água, e o caminho até a caverna relativamente livre. Seus irmãos, no entanto, estavam ansiosos para chegar. Em alguns trechos da descida, conseguiam vislumbrar o oceano e isso os deixava extremamente curiosos. Não temiam a criatura, como Vrooom temera, pois nada temiam àquela altura. Eram liderados por quem já esteve sozinho naquelas paragens e sobreviveu. Se ele venceu os desafios, não iriam eles, caçadores experientes, esmorecer. Além da figura desafiadora do oceano, conseguiram enxergar os homens que Vrooom havia mostrado a Unhãã e Bunhiu. Mais uma vez, os pescadores avistados ao longe foram tomados como companheiros que, por algum caminho misterioso, já haviam chegado. Isso só reforçou a vontade de acelerar. Mas Vrooom passava de árvore em árvore, assinalando para seus homens que diminuíssem o ritmo, que avançassem sem pressa. Perto da base, tomou a dianteira e avisou que passariam a noite ali. Um murmúrio de decepção se espalhou aos pés do bicho montanha.

XVII

Ao amanhecer, Vrooom encarregou Unhãã de cuidar que os homens juntassem alimentos e fizessem uma boa refeição enquanto o esperavam, ele iria se ausentar, mas retornaria em seguida. Repetiu inúmeras vezes, com gestos e grunhidos, que ninguém deveria deixar o local enquanto não voltasse. Os caçadores protestaram. A vontade de finalizar a descida era grande e foi contida a muito custo. Vrooom

e seus Uuulfs saíram em direção à praia enquanto os homens começaram a juntar raízes e frutas para matar a fome.

Como nos tempos em que vagaram sozinhos pelo mundo e encontraram vestígios de presença humana, o trio se movia com cautela, esgueirando-se entre árvores, arbustos e atrás das dunas. Vroom tinha dois objetivos ao se separar de seus homens e sair para a missão de reconhecimento. O primeiro era assegurar-se de que os pescadores já estariam concentrados em suas tarefas mar adentro, quando fossem avançar em direção à caverna. O segundo era descobrir se havia uma rota alternativa, que evitasse caminharem na praia por toda a sua extensão. Quanto menos se expusessem no caminho para a caverna, mais seguro seria. Sua ideia era que chegassem à caverna e contemplassem as mulheres em seus afazeres antes de a maré subir, para então assistirem a chegada dos machos trazendo suas oferendas. Um encontro antecipado com os pescadores poderia ser desastroso.

Ao ficar sozinho com seus fiéis escudeiros, foi acometido por uma estranha sensação, um calor agradável e doído, que séculos mais tarde ganharia a alcunha de saudades. Era uma sensação boa e melancólica, lembrando os dias em que eram apenas os três vagando pelo mundo e a vida era muito menos complicada. A distância do tumulto constante dos homens trouxe uma paz de espírito em Vroom, compartilhada pelos Uuulfs. O ruído do mar e a brisa leve da praia completaram o clima.

Avançaram até o ponto onde Vroom havia descido para a praia em sua viagem anterior. Escondidos, observaram os pescadores que começavam a chegar, a entrar na água, deixando aos mais jovens a tarefa de recolher caramujos e outras iguarias encontradas na areia. Muito pouco havia mudado. Vroom percebeu que todos tinham uma vestimenta amarrada em volta da cintura, feita de grandes folhas. Sorriu com satisfação ao reconhecer que havia deixado um legado para a tribo. Por um instante, todas as memórias ruins se esvaneceram e restaram apenas os bons momentos vividos ali. Lembrou-se da

sensação maravilhosa de pegar uma onda, do sabor do sal nos alimentos, da primeira vez que foi escolhido por uma das mulheres para copular. Evitou avançar pela praia e seguiu para o norte, em direção à caverna, na busca de uma trilha paralela à linha do litoral. Descobriu que era possível avançar por um bom trecho até chegar numa série de penedos que obstruía o caminho e os obrigaria a descer para a areia. Até ali, conseguiria trazer seus homens sem que estes vissem os pescadores e, o mais importante, sem serem vistos por eles. Satisfeito com a descoberta e com o tempo que ele e os lobos passaram longe do grupo, o trio de batedores voltou para o local onde eram esperados impacientemente. Vrooom fez sinal para que avançassem sem tumulto, mas isso era pedir demais e, fazendo gestos para que o seguissem, se pôs a caminho, sentindo nas costas o empurrão caloroso da turba.

Depois de uma boa caminhada protegidos pelas dunas, chegaram ao ponto onde terminava a trilha que os deixava ocultos de quem estivesse no mar. Desceram para a praia sentindo, pela primeira vez, o calor da areia fofa cobrindo os pés. Essa sensação causou uma avalanche de exclamações e brincadeiras. Mas a sensação maior foi causada pela visão, sem intermediários nem obstáculos, daquela massa imensa de água que avançava na sua direção em ondas espumantes. De tão maravilhados, nem notaram os homens e meninos que circulavam na areia e dentro do mar. Vrooom sabia que esse momento seria crucial. Correu entre as fileiras, que não eram exatamente fileiras, gritou, empurrou, esbravejou, ameaçou com os braços e comandou que o seguissem. Logo depois de todo o teatro, voltou ao início da fila e seguiu adiante quase correndo, gritando – ama, ama –, que na linguagem recém-aprendida, significava mulheres. Ainda sob o impacto das novas descobertas os homens o seguiram.

É claro que um bando como esse, invadindo a praia, não passaria despercebido. Os meninos que perambulavam na orla, entre a caverna e o mar, estacaram imóveis. Ninguém lembrava muito bem do episódio em que um estranho aparecera do nada e convivera com a tribo por certo tempo. Ver um monte

de desconhecidos avançando em grande tumulto era uma surpresa chocante. Quem estava no caminho saía rapidamente para não ser atropelado. Uns correram de volta para a caverna, outros na direção do mar onde os adultos pescavam. Logo os pescadores voltaram sua atenção para as “visitas” que marchavam, levantando areia para todos os lados. Parecia um vendaval que carregava consigo humanos; humanos armados até os dentes. Quando os primeiros pescadores saíram do mar, a tribo de Vroom pisava o caminho estreito que levava à caverna. A largura da estradinha obrigava o bando a andar em fila. A maré estava baixa. O local pouco lembrava o cenário ameaçador por onde o garoto fora conduzido quando capturado pelos pescadores.

Nessa marcha desordenada, tudo que viram e ouviram – o mar, as crianças, os homens pescando –, deixaram-nos pasmados, seus ânimos mais excitados ainda. E então, ao final da trilha, viram as mulheres no espaço aberto que antecipava a caverna. Aquela junção de seres femininos afluindo para ver o que acontecia os fez estacar. Suas narinas receberam em cheio o odor adocicado, odor que não sentiam há dias. Deram-se conta de que o único prazer que lhes faltara nessa jornada de aventura e camaradagem estava bem ali, à sua disposição. E não hesitaram em partir para fazer com elas o que haviam feito com suas mulheres, algumas semanas antes. A lembrança do vazio que os acometeu, do mal-estar que os fez correr para longe, parecia morta e enterrada. Compreenderam que não vagaram todo esse tempo apenas para viver algumas peripécias longe da caverna, nem para conhecer os recantos por onde Vroom se aventurou enquanto esteve perdido. Haviam percorrido todo esse trajeto em busca de um tesouro: mulheres que não eram suas e que podiam, portanto, ser possuídas à força, sem constrangimentos.

Os pescadores, certamente, não pensavam assim. Aqueles que estavam próximos à caverna, tão logo viram a turba, deixaram de lado a pescaria, orientaram os jovens para convocarem os que estavam distantes e correram na direção da caverna. Quando chegaram, viram a devassidão que se iniciara, com

as fêmeas apavoradas tentando fugir e os homens de armas em punho e membros rijos em seu encalço. O momento exigia ataque imediato a quem agredia suas mulheres, as deusas da tribo. Os caçadores foram surpreendidos pelo assalto dos pescadores. Estavam totalmente focados em agarrar as suas vítimas, alguns já se encontravam em pleno ato, armas atiradas ao lado. As mulheres reagiam com unhas e mordidas, envolvendo ainda mais a atenção dos agressores. A ofensiva dos pescadores iniciou com êxito. Caíram por cima dos invasores e os afastaram de suas fêmeas a socos e pontapés. No entanto, foi um sucesso breve. Estavam em menor número e não tinham experiência em escaramuças com bichos grandes. Os intrusos, após a surpresa e o revés inicial, organizaram-se e partiram para o contra-ataque. Entraram em forte luta corporal com os pescadores, empurrando-os de volta para a trilha estreita. Alguns foram atirados para as pedras que mais tarde seriam cobertas pelo mar. Os pescadores acuados acabaram fugindo, mas apenas para se reagruparem. Não deixariam suas mulheres a mercê daqueles brutamontes.

Repelida a ação dos defensores, os homens de Vrooom voltaram a atenção, novamente, para suas vítimas. E, instantes depois, foram novamente atacados pelos pescadores que ansiavam por reforços, mas não iriam esperá-los de braços cruzados. Mais uma vez tiveram sucesso inicial e, mais uma vez, foram dominados pelos caçadores após uma luta tenaz; e expulsos para fora da arena das ações. Após esse segundo ataque, o veterano Nihhh assumiu o comando do que era, até então, uma ação desordenada. Tão logo os pescadores fugiram pela trilha, postou-se ali com dez homens para que repelisse qualquer novo ataque. Como o local era estreito, os pescadores só podiam avançar em duplas, no máximo em trios, e assim ficava fácil dar-lhes combate mesmo com uma força menor. Apesar da vantagem estratégica, o ímpeto dos atacantes, que na verdade eram defensores, ameaçava romper a linha de sentinelas, empurrando-a para trás. Antes que isso acontecesse, Nihhh acionou sua arma em dois movimentos rápidos contra a dupla que o empurrava. Os pescadores tombaram sem vida, atravessados pela lança, um e logo depois o outro; a dupla que estava atrás só teve tempo de olhar,

perplexa, os companheiros mortos, antes de se tornar vítima do mesmo destino pelas lanças de Bunhiu e Unhã.

A escaramuça deixara de ser uma luta corporal. Havia escalado para uma guerra de vida e morte. Os pescadores, assim que se deram conta disso, revidaram com seus pequenos arpões, mas só conseguiram ferir um dos caçadores. A habilidade deles se limitava a arremessá-los contra os peixes. Estavam em grande desvantagem; não possuíam armas adequadas nem experiência em comando e coordenação. Lutavam pelo seu lar, suas mulheres e suas vidas, o que muitas vezes equilibra qualquer desvantagem. Mas a morte de seus irmãos deixou-os em estado de choque. Matar por qualquer outro motivo que não fosse a necessidade de comer feria seus instintos. Suas deusas estavam sendo violadas, assim como seus mais profundos códigos de conduta. O recuo se transformou numa grande debandada, com os sentinelas, sob o comando de Nihhh, perseguindo-os até quase o meio da trilha. Quando viram que os pescadores fugiam em grande pavor, voltaram para o local onde seus irmãos praticavam seus atos sem nenhuma interrupção. Agora era a sua vez de agarrarem as fêmeas, enquanto os outros ficavam de guarda. Pela primeira vez, haviam usado suas ferramentas de caça para abater seres de sua própria espécie, seres que até então eles nem sonhavam que existiam. Isso fez aumentar sua agitação, aprofundou o desvario.

VXIII

Enquanto o sol testemunhava o primeiro derramamento de sangue em escala pré-industrial, mortes que não foram causadas para saciar a fome e sim para instaurar um poder, os mensageiros enviados para os cantos mais remotos da praia contavam aos outros pescadores o que estava acontecendo. Embora a comunicação entre eles estivesse num estágio ainda mais primitivo do que a da tribo de Vroom, não gozando seus membros nem de nomes próprios, não foi difícil aos adultos compreenderem que uma emergência de graves proporções exigia que retornassem o mais rápido possível. Pegaram os poucos

peixes que haviam conseguido pescar e se dirigiram apressados à caverna enquanto os mensageiros, ansiosos, iam à frente. À medida que avançavam, topavam com outros grupos e a eles se juntavam. Finalmente, encontraram seus irmãos, aqueles que tentaram defender as mulheres. Entre eles, destacou-se um jovem de cabelos espetados que possuía o dom de estrategista, talento que ficaria adormecido, não tivesse surgido uma emergência como essa. Inicialmente, tratou de incitá-los contra os invasores. Os pescadores que haviam participado com ele do primeiro grupo de ataque (ou defesa, dependendo do ponto de vista), ainda estavam atordoados com a matança que havia ocorrido. Lutas corporais já haviam acontecido entre eles, principalmente quando não estavam perto das mulheres, mas matar outro homem, usar contra ele uma arma, era algo que ia contra todos os valores que formavam suas consciências. Não se matava o que não se comia. O jovem de cabelo espetado, com seu furor e seus gritos de ódio, tornou claro que deveriam aniquilar quem infringiu o código. Orientou para que dirigissem seus arpões contra as gargantas de seus inimigos. Era a maneira de garantir uma ação eficaz, pois se tratava da parte mais vulnerável ao alcance de suas armas. Indicou ainda que largassem suas cargas de peixes e juntassem o maior número de pedras. Tinha visto como os caçadores as arremessaram contra eles no momento da fuga. Seria uma arma útil para combater à distância. Mas precisariam superar dois grandes obstáculos: a trilha estreita, que dava uma vantagem enorme a quem já ocupava o território da caverna, e a maré, que logo começaria a subir. Uma vez que ocupassem a trilha não haveria mais como recuar. Se esperassem a maré subir e depois baixar para atacarem, dariam um tempo enorme para os agressores liquidarem com suas mulheres. Essa certamente não era uma opção.

Mais uma vez, lançaram-se à trilha. Os que já haviam participado do combate e sabiam o que os esperava iam à frente, o grupo de recém-chegados compunha a retaguarda. A velocidade e a determinação com que surgiram pegaram os sentinelas de surpresa. Como não esperavam nova reação dos pescadores após a última debandada, prestavam mais atenção no que ocorria às suas costas do que

na trilha que deveriam vigiar. No meio de uma chuva de pedras que os deixou sem ação, viram um de seus colegas tombar com o arpão atravessado na garganta. O jovem de cabelo espetado chegou até a primeira vítima fatal dos caçadores e resgatou sua arma, puxando-a com força do pescoço do defunto. O jato de sangue que esguichou impressionou os dois lados, paralisando uns e incentivando outros. Estes conseguiram romper a linha de guardas e com isso vencer o obstáculo da trilha estreita. O avanço sobre o espaço aberto revelou aos estupradores o grande contingente que se apresentava feroz para enfrentá-los. Mais uma vez, tiveram que deixar de lado a prazerosa atividade de dominar as fêmeas para se defenderem dos machos. E, mais uma vez, o local dos almoços e das brincadeiras das crianças virou um campo de morte, numa batalha mais equilibrada e mais letal, que só terminaria com uma das partes aniquilada.

As mulheres perceberam que o destino de toda aquela ação seria uma matança geral. Se lhes coubesse escolher, prefeririam que morressem os estranhos que surgiram do nada para lhes cair no lombo. Mas o rumo que a peleja ia tomando era outro. Apesar do empenho e coragem de seus homens, a ferocidade e a experiência dos invasores estava, novamente, desequilibrando a balança. E as mulheres, recém-violentadas, plantaram-se entre pescadores e caçadores, protestando com gestos e berros para que parassem de se matar.

Àquela altura, a quantidade de corpos estendidos dos pescadores era maior do que os dos estupradores; e estes, se quisessem, poderiam ignorá-las e continuar a chacina. A maré alta impedia qualquer possibilidade de retirada ou fuga. Muitos combatentes perderam suas vidas sendo arremessados ao mar, que agora cobria as pedras. A atitude das fêmeas, porém, surpreendeu agressores e defensores e deu um basta à luta.

As matriarcas conseguiram separar os dois grupos, mantendo seus homens próximos da caverna e os invasores perto da trilha. Com isso, perceberam o quanto o número de pescadores estava reduzido. Embora seu ímpeto para lutar continuasse firme, entraram na caverna, exortados pelas fêmeas. Elas fizeram sinais para os caçadores se retirarem assim que a maré baixasse. Nihhh e Unhãã, impressionados com a quantidade de corpos a sua volta, atordoados pelo cheiro de sangue e morte, concordaram em retirar as tropas, desde que as mulheres os acompanhassem. Os pescadores se inflamaram com a proposta. É difícil imaginar como se estabeleceram negociações entre duas tribos com diferenças cognitivas tão grandes e naquele estágio primário da troca de ideias. O fato é que aconteceram, com as matriarcas e os líderes dos caçadores tomando a frente das conversas. O parlamento durou umas boas horas e acabou com uma solução "salomônica", como diriam, equivocadamente, os adoradores do meio-termo. Algumas mulheres acompanhariam os caçadores, outras permaneceriam ali para reerguer a tribo junto com os homens que restaram.

Isso acordado, iniciou-se a discussão sobre quantas e quais as fêmeas que iriam e quais ficariam. A questão foi superada após muito debate, determinando que metade delas permaneceria e que as próprias mulheres decidiriam quem iria. Elas, astutamente, deixaram na tribo as grávidas e as mais férteis. Era uma decisão terrível, mas era melhor do que ver os homens morrerem e todas terem de seguir os caçadores ou vê-los se estabelecerem ali, na caverna que foi um dia seu lar.

Quando encerraram as discussões e sacramentaram as decisões, a maré havia baixado e os caçadores, junto com suas presas de guerra, podiam partir. Deveriam fazê-lo em seguida, pois se demorassem, a maré voltaria a subir e os obrigaria a pernoitar por ali, o que a tribo queria evitar a todo custo. Assim, as fêmeas, apesar de famintas, violentadas e humilhadas, colocaram-se a caminho para que os invasores a seguissem e liberassem de imediato o espaço profanado pela sua invasão. Uma caravana de mulheres

abatidas e homens exaustos se desenhava silhuetada sobre as pedras da trilha que descia até a praia. Os homens caminhavam meio cabisbaixos, como se essa nova conquista fosse uma espécie de peso; as mulheres olhavam para o poente, tentando guardar na retina a paisagem que abandonavam. Jamais voltariam a ver o sol sendo engolido pelo bicho Oshean, um espetáculo de encanto e tristeza.

O jovem de cabelo espetado, inconformado com o resultado da peleja, seguiu sorrateiramente o comboio e, assim que amanheceu, atacou alguns caçadores e orientou as mulheres que fugissem. Foi um ato corajoso, digno de ser relatado em volta da fogueira por várias gerações, porém inútil, pois o jovem foi abatido assim que o impacto da surpresa deu lugar a uma reação. Não apenas não ajudou a causa, como deixou uma lição para os invasores: inimigo não se preserva.

IXX

Dizem os estudiosos que os estupros, ao menos os estupros coletivos, nasceram das guerras. É parte do arsenal de terror das tropas invasoras. Os campos são queimados, as casas saqueadas e as mulheres violentadas. Acabamos de constatar que o oposto é verdadeiro: a violação das mulheres deu origem à guerra. A violação sexual e a violação da autoridade que as fêmeas detinham em suas comunidades. A força bruta destronou o conhecimento ao tomar conhecimento de sua ignorância. E ditou as regras na hierarquia da tribo e na escrita da história da civilização. A guerra foi a ferramenta para manter e expandir esse poder para além das fronteiras comunitárias. E essa ferramenta foi se aperfeiçoando ao longo de milênios. Não houve nenhum período, nem um ano ou sequer um mês, sem que houvesse guerra em algum canto do mundo.

Ignorantes desses desenvolvimentos posteriores, os caçadores-coletores encontraram outras comunidades no percurso de volta, todas ainda veneravam suas fêmeas como geradoras da vida. Com a lição aprendida na tribo dos pescadores, agiam primeiro contra os machos para depois se ocuparem das

fêmeas. Atacavam de surpresa, matavam os homens, depois possuíam as mulheres. Essa estratégia pioneira foi o que originou, provavelmente, a confusão sobre o que veio antes: a guerra ou o estupro. Com os homens abatidos, as mulheres viravam espólio dos vencedores. Nas tribos onde não sobravam homens, as crianças acompanhavam suas mães, engrossando a caravana. Em algumas comunidades nas quais os machos não eram totalmente aniquilados, os invasores deixavam as crianças e algumas mulheres, como fizeram na tribo dos pescadores. Normalmente isso não ocorria, os caçadores preferiam fazer o trabalho completo e não arriscar que se repetisse o episódio do jovem de cabelo espetado. As fêmeas capturadas não tentavam evadir-se. Entre seguirem o comboio de seus algozes ou fugirem para ficar à mercê das feras e da fome, escolhiam a primeira opção. À medida que iam avançando e o grupo crescendo, formou-se uma espécie de hierarquia entre as cativas, baseada na experiência e antiguidade. As mulheres da tribo dos pescadores estavam no topo da pirâmide. Eram tratadas assim pelas outras, a quem acolhiam e consolavam no seu desespero de recém-chegadas, e eram tratadas assim pelos homens que as viam quase como as mulheres de sua tribo. Todo esse prestígio não foi suficiente para que conseguissem evitar novas matanças e estupros.

Uma vez infringido o código natural, a matança começou a exercer um fascínio. Os caçadores haviam atravessado um limite do qual não havia volta. Só lhes restava aprofundar o caminho. A conquista do poder e o poder da conquista os deixara alterados. Achavam-se donos da vida e da morte e assim ampliavam seu domínio sobre as comunidades que encontravam em seu caminho.

Os Uuulfs decidiram se desligar de toda essa atividade. Por mais ferozes que fossem, por mais que o cheiro de sangue quente lhes despertasse o ânimo, os massacres que testemunharam os deixou nauseados. Abandonar o grupo significava abrir mão da companhia de quem os salvou e os criou, mas preferiram assim. Não iriam seguir caminho com seres que atacavam suas fêmeas, assassinavam seus

irmãos pelo puro prazer de derramar sangue. Acordaram um dia, antes do raiar do sol, e deixaram o acampamento em direção ao bicho montanha. Nas redondezas sentiram um forte cheiro de outros canídeos e acabaram juntando-se a eles. Se foram bem aceitos, se conseguiram tornar-se integrantes da matilha, não sabemos. Cuidaram de sempre manter distância de seres humanos e, por isso, perderam-se nessa história.

Ao fim de uma longa caminhada, os caçadores chegaram de volta à caverna. Depois de tantas aventuras e combates, estavam em número reduzido, mas traziam um grande espólio em mulheres, crianças e víveres. Pouco antes de chegarem, fizeram uma grande caçada, cujo carregamento foi incumbindo às prisioneiras de guerra. Era um verdadeiro desfile no qual presas vivas carregavam presas mortas para um grande banquete. Tudo isso foi oferecido às suas mulheres, que contemplaram surpresas as criaturas que se pareciam muito com elas, mas vinham de outras paragens.

Algumas das mulheres mais jovens da tribo foram embora com o retorno dos homens. Moças que, na ausência dos machos adultos, aprenderam a caçar. Elas sabiam manejar uma arma, derramar o sangue de um animal, e não queriam mais convívio com seus antigos "protetores". Embrenharam-se num recanto oculto e de lá só saíam de quando em vez para sequestrar reprodutores. Estes eram abatidos tão logo haviam cumprido seu papel.

Com o tempo, a rotina da tribo foi restabelecida: homens saíam para caçar; mulheres pariam, preparavam a comida, orientavam as crianças a cuidarem do fogo. A magia que acompanhava os finais do dia, no entanto, não retornou. Perdeu-se a excitação que começava nos arredores da caverna com a chegada dos homens, continuava pela preparação dos alimentos e atingia o auge após a refeição, na hora em que as chamas do fogo central jogavam luzes e sombras sobre as narrativas do dia. As mulheres perderam a prerrogativa de escolher quando e com quem iriam copular e, com isso, morreu o ritual das

oferendas e do acasalamento, um dos momentos especiais nas noites da tribo. A vida comunitária seguia seu curso, mas sem o viço e a emoção de outrora.

Essa rotina era quebrada, de tempos em tempos, quando os machos partiam para uma jornada de vários dias em busca de outras tribos, cujos homens pudessem matar e as mulheres raptar. Reviviam os dias felizes da primeira expedição. Enfrentavam perigos e dormiam ao relento, em companhia exclusivamente masculina, até toparem com a primeira comunidade que iriam subjugar. Agora sabiam o que esperar ao final da jornada: novas prisioneiras. O status mais alto migrou do bom caçador para o guerreiro destemido. Quem unia os dois títulos tornava-se o suprassumo do herói.

Com todas essas expedições, o número de mulheres ultrapassou o dos homens; e o nascimento de um macho acabou se tornando um evento de enorme importância. Desse modo, as mulheres perderam ainda mais terreno no equilíbrio das relações; as meninas nasciam desvalorizadas em relação aos meninos. Homens e mulheres continuaram copulando para povoar a terra, para dar um sentido que transcendesse o curto período da existência de cada um. Mas já não era uma ação de prazer cúmplice, como em dias passados. Com o passar do tempo, foram inventados o amor, o romance, o casamento e a família para tentar recuperar esse sentimento perdido. Tudo embrulhado no papel colorido da felicidade.

XX

E Vroom? Como ficou nosso herói no meio de todos esses acontecimentos?

Deixou de ser protagonista, como atesta o parco número de menções de seu nome nos últimos capítulos desta saga. A história continuou sem ele e sem ele terminou. O status de liderança que gozou, após a *revelação*, definhou a partir da chegada à caverna dos pescadores. Quando começou o ataque às fêmeas, Vroom, estarecido, tentou afastar os seus homens. Ninguém lhe deu a mínima atenção. Ao

testemunhar a primeira morte, foi acometido por uma grande dor de barriga e arrumou um canto para dela se aliviar. Ficou agachado, seu cotovelo sobre o joelho e o queixo apoiado sobre a mão; pose que inspiraria, milênios mais tarde, um artista a esculpir *O Pensador*. Sentia as entranhas se convulsionarem, os intestinos se rebelarem frente a tanta insanidade e violência. Sabia que nada disso estaria acontecendo se não fosse ele a levar os homens até aquele local. Mais uma vez, vislumbrava as consequências de seus atos na vida de uma comunidade. Por um instante, como um relâmpago aclarando uma ideia, ocorreu-lhe que algumas das crianças que por ali circulavam apavoradas poderiam ter sido geradas por ele.

Quando as mulheres tomaram a iniciativa de deter a matança e iniciou-se a negociação, Vrooom poderia ter sido o mediador ideal. Mas ele havia sumido. Permaneceu no seu canto olhando para longe, para as vagas de Oshean. Depois, ao saírem dali, orientou o caminho de volta. Não o fez para recuperar a posição de líder, isso não tinha mais importância. Suas tentativas de ser aceito ao partilhar conhecimento haviam culminado em tragédia. Queria apenas evitar o encontro com outras tribos que sabia existirem no vasto território entre o mar e sua caverna. Mas nem isso conseguiu. Os caçadores tomaram as rédeas, após a descida do bicho montanha, como se entendessem o que ele pretendia. O caos semeado pelas suas boas intenções o deixou prostrado. No meio da jornada perdera os Uuulfs, seus companheiros fiéis. Procurou o local onde vivia a anciã que previra a tormenta que ele havia de semear e não a encontrou, sequer achou a clareira onde espalhava suas ervas sobre o fogo. Ao voltar à caverna descobriu que perdera a amizade de Mieié e Buohho. As mulheres viam-no como um traidor, o principal culpado pela reviravolta sofrida.

Se as mulheres não esqueciam o seu feito, nenhum dos machos parecia lembrar que foi ele quem revelou o segredo da procriação e quem os liderou por caminhos desconhecidos. Sem os Uuulfs, era um caçador medíocre e um mero figurante nas expedições de guerra. Foi nessas expedições que compreendeu por

que as mulheres mantinham os homens ignorantes de sua participação na geração da vida. Os humanos não eram caçadores natos. A rotina da caça e abate dos animais os embrutecia. A veneração às fêmeas mantinha essa ferocidade sob controle. Rompida essa condição, a brutalidade da caça descambou na violência desenfreada.

Isolado, dedicou-se a fazer a única coisa que lhe proporcionava alívio: narrar sua história. Desenhou em inúmeras paredes de cavernas invadidas, contou suas desventuras a crianças e jovens da sua e de outras tribos. Registrou, como pôde, os acontecimentos que causou e testemunhou. E essas histórias, ou melhor, fragmentos delas, foram sobrevivendo ao tempo, vencendo a limitação da parca linguagem e a fragilidade da transmissão oral, e foram impregnando lendas e mitologias de todos os cantos.

Os fatos narrados como realmente aconteceram não agradavam aos novos senhores das cavernas. Camadas de barro e de tinta foram colocadas sobre a história real ao longo de gerações. Se Vroom continuasse vivo, como os vestígios de suas narrativas, encontraria fragmentos delas em quase toda a literatura do mundo. Do Ramayana da Índia às lendas nórdicas de Aesir e Vanir; do rapto das Sabinas até os mitos sobre as Amazonas; do Alcheringa dos aborígenes australianos até as mitologias Incas e Astecas, poderia reconhecer e juntar os cacos camuflados de sua história encoberta, que narrava o fim do domínio das mulheres e, com ele, o fim da paz sobre a terra.

Se continuasse vivo, talvez se perdesse em inúteis devaneios, imaginando como seria o mundo atual se as mulheres continuassem no poder. Para ele não seria difícil, já que vivera nesse regime por um tempo. De todas as lendas originadas em sua história, a sua preferida seria a de Adão e Eva expulsos do paraíso. Para esconder seu significado de origem, estabelecendo a primazia do homem, a lenda conta que Eva foi feita da costela de Adão. Mas o paraíso como metáfora dos tempos em que o mundo era comandado pelas mulheres, seria perfeito aos olhos de Vroom. A expulsão do Jardim do Éden, após terem provado

da árvore do conhecimento, lembraria a ele do dia em que revelou o segredo. O assassinato de Abel por Caim, simbolizando a quebra do código que seres da mesma espécie não se matam, encerra essa narrativa triste.

Esta é a história de Vrooom, que nasceu numa noite de tempestade apocalíptica e morreu no anonimato.

SOBRE O AUTOR

Jaime Lerner é cineasta e escritor. É de sua autoria *Entre Quatro Paredes* com os contos *Eu Mereço*, premiado no Concurso Josué Guimarães, e *Herança*, traduzido para o inglês na antologia *Jewish Writing in the Contemporary World – Brazil*, e a novela *Grupo de Risco* publicada pelo IEL-RS.

Em e-book publicou o romance político [O Fazedor da Utopia](#), a novela [901](#) e os contos: [Dois Amantes](#) e [A Origem](#).

Publica semanalmente no <https://blogdolerner.wordpress.com/> artigos sobre séries, filmes e livros.